A Escada de Jacó

CARLOS A. BACCELLI

PELO ESPÍRITO INÁCIO FERREIRA



LEEPP

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do ***ebook espírita*** com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***ebook espírita*** disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site:www.ebookespirita.org.



www.ebookespirita.org

A ESCADA DE JACÓ

CARLOS A. BACCELLI

PELO ESPÍRITO INÁCIO FERREIRA

LIVRARIA ESPÍRITA EDIÇÕES "PEDRO E PAULO"

UBERABA, M. G.

TERCEIRA EDIÇÃO – AGOSTO 2004

Digitalizado e corrigido por:

Cacilda Maria Almeida soares

A ESCADA DE JACÓ

"Partiu Jacó de Berceba e seguiu para Harã. Tendo chegado a certo lugar, ali passou a noite, pois já era sol – posto; tomou uma das pedras do lugar, fê-la seu travesseiro, e se deitou ali mesmo para dormir.

E sonhou: exposta na Terra uma escada, cujo topo atingia o céu; e os anjos de Deus subiam e desciam por ela." – Gênesis, 28:10 a 12.

A "escada de Jacó" é a escada simbólica da Mediunidade, através da qual os Espíritos se colocam em contato com os homens, no Plano Físico. Eis o significado do título deste livro, que nasceu de nossas idas e vindas, atravessando as diferentes Dimensões que, aparentemente, separam encarnados e desencarnados.

Longe estamos, desnecessário dizer, da condição dos seres angelizados que, na visão de Jacó, um dos mais notáveis médiuns das páginas do Antigo Testamento, subiam e desciam com extrema naturalidade, como se, para eles, não existissem fronteiras siderais que não pudessem transpor ou distâncias cósmicas que não conseguissem superar.

Reconhecendo-nos espiritualmente limitados, o nosso intuito, ao prosseguir aqui transmitindo as nossas experiências de Além-Túmulo, é o de apenas cooperar com os estudiosos da Doutrina Espírita, aqueles que, qual nos ocorre, ainda se encontram estagiando nos primeiros degraus da Infinita Escada, onde a Vida se encontra com a Morte e a transfigura em Imortalidade!

Inácio Ferreira

Uberaba – Mg, 18 de abril de 2004.

(Homenagem ao Bicentenário de nascimento de Allan Kardec, em Lyon, França, em 3 de outubro de 1804)

ÍNDICE

CAPÍTULO 1 5
CAPÍTULO 2 9
CAPÍTULO 3 13
CAPÍTULO 4 17
CAPÍTULO 5 20
CAPÍTULO 6 23
CAPÍTULO 7 26
CAPÍTULO 8 30
CAPÍTULO 9 34
CAPÍTULO 10 38
CAPÍTULO 11 41
CAPÍTULO 12 44
CAPÍTULO 13 47
CAPÍTULO 14 51
CAPÍTULO 15 54
CAPÍTULO 16 57
CAPÍTULO 17 60
CAPÍTULO 18 63
CAPÍTULO 19 66
CAPÍTULO 20 70
CAPÍTULO 21 73
CAPÍTULO 22 77
CAPÍTULO 23 81
CAPÍTULO 24 85
CAPÍTULO 25 89
CAPÍTULO 26 93
CAPÍTULO 27 97
CAPÍTULO 28 101
CAPÍTULO 29 105
CAPÍTULO 30 109
CAPÍTULO 31 113
CAPÍTULO 32 117
CAPÍTULO 33 121
CAPÍTULO 34 125
CAPÍTULO 35 129
CAPÍTULO 36 132
CAPÍTULO 37 136
CAPÍTULO 38 140
CAPÍTULO 39 144
CAPÍTULO 40 148

CAPÍTULO 1

A sós, em meu gabinete, eu me punha a pensar nas dificuldades que o espírito enfrenta na Terra, para fixar em si os reais valores, aqueles que, um dia, o farão superar a sua própria condição humana. De minha parte, estava me esforçando – não o suficiente, é verdade – no sentido de algo transmitir aos nossos irmãos encarnados, procurando ampliar neles a visão do Mundo Espiritual. Na condição de espírita convicto, eu me equivocara; à feição dos protestantes, que tantas vezes criticara, eu me apegara excessivamente à letra, interpretando quase de modo literal o que os Espíritos Superiores no diziam...

A matéria, sem dúvida, se constituía em obstáculo quase irremovível para a grande maioria; não era fácil viver no corpo físico com a necessária independência espiritual; em quase tudo, o chamado imediatismo é consultado, e, assim, o homem vive atrelado a interesses subalternos.

Os livros que na condição de desencarnado, eu já escrevera, vinham provocando dissensões, quiçá polêmicas, entre os mais conservadores e, agora, eu estava correndo o risco, inclusive, de ficar sem médium; sim, porque o instrumento mediúnico ao qual me ajustara, às vezes, dava sinais de retração, com receio de criar problemas para a doutrina. Competia-me permanecer na expectativa de sua cooperação espontânea, a fim de dar seqüência ao trabalho que julgava útil desenvolver; se alguns poucos o aproveitassem ou continuassem a aproveitá-lo, eu me daria por satisfeito, pois, afinal, que somos nós para pretendermos qualquer unanimidade em torno de nossas idéias?

Muito dificilmente, dentro do dinamismo que a caracteriza, a Terceira Revelação conseguiria avançar, visto que, de modo geral, intimidados pela crítica, os médiuns não ofereciam campo mental à indispensável semeadura... Parecia-me que, agora, a Doutrina, que sempre se antecipara às revelações de caráter científico, se submetia às conquistas anunciadas; os espíritas que enfatizavam o aspecto científico do Espiritismo não desenvolviam pesquisas e, sequer, investigavam, como viviam apregoando em seus discursos... Por si mesmos, não desenvolviam nenhum estudo com o necessário embasamento acadêmico e, além de tudo, cerceavam-nos o trabalho, ou seja, o nosso empenho em alguma coisa fazermos, abrindo novas perspectivas. A literatura espírita entrara numa fase de marasmo espiritual, em detrimento das obras doutrinariamente significativas.

Não acreditem que, em minhas reflexões, eu estivesse endereçando críticas a esmo aos companheiros de ideal que, reconheço, permaneciam lutando com certa desigualdade; as minhas lembranças da peleja no mundo ainda eram recentes e, na tarefa singela que desenvolvi, na condição de espírita e psiquiatra, eu praticamente

não conseguira sair da mesmice! O que, por exemplo, o médium Chico Xavier não terá enfrentado – ele, afora os espíritos que escreveram por seu intermédio -, para deixar aos homens a sua obra extraordinária!... Aos meus olhos de desencarnado, o seu trabalho e o de tantos outros, médiuns ou não, se avultavam, pois eu sentira e continuava sentindo "na pele" o que é tentar escrever libertando consciências.

No mundo em que, *sem corpo*, eu me encontrava residindo, tão vizinho da Terra, tudo era quase tão igual!... Como é que os homens podiam prosseguir ignorando tal realidade, se apenas uma *linha tênue* nos separava?! No entanto, apesar de tênue, essa linha à qual me refiro me parecia inexpugnável abismo... Efetivamente, para transpô-lo, não tínhamos mais que o pensamento! Quem seria capaz de nos ouvir do outro lado da margem? Quem estaria disposto a estabelecer contato conosco? O espaço, diminuto, era incomensurável... E, depois, a *transmissão*, ainda em seus primórdios, se sujeita a tantas interferências! Somos obrigados a operar com as condições que nos são oferecidas: o médium, com o objetivo de nos intermediar, não se despoja de sua personalidade... Como alguém conseguirá falar perfeitamente um idioma, conhecendo dele não mais que uma centena de palavras? É mais ou menos assim que nos sentimos, quando nós, os *mortos*, nos dispomos a falar com os vivos: a mente receptora não está habilitada para recolher os raciocínios que efetuamos a partir da nova realidade vivenciada; por esse motivo, o médium demasiadamente ligado às coisas do Plano Físico experimenta limitações na tarefa do intercâmbio...

O que, de nossa parte, poderíamos fazer para melhor aplainar os caminhos? A verdade é que os nossos irmãos encarnados não se esforçavam tanto quanto nós; permaneciam, como permanecem, na expectativa de que façamos mais, todavia olvidam que toda semente produz segundo as qualidades da gleba em que é lançada... nós, os espíritos em mais freqüente contato com os homens, somos destituídos de poder espiritual para superar os obstáculos existentes entre uma dimensão e outra! A mediunidade é a nossa única porta de acesso... Os Espíritos Superiores não se subordinam ao concurso dos médiuns, porém o mesmo não acontece conosco, espíritos ainda sem o indispensável discernimento; se a nossa comunicação com os encarnados fosse facilitada, com certeza interferiríamos na vida dos homens mais que o devido... Portanto, apesar dos pesares, está tudo dentro do espírito de seqüência das sábias leis que nos governam; mas, por outro lado, isso não nos deve induzir ao comodismo: precisamos, desencarnados e encarnados, continuar nos esforçando por maior aproximação. E é o que, na condição de espírito livre, tenho procurado fazer, servindo-me do instrumento disponível, com todas as suas preocupações e embaraços.

As forças espirituais negativas que agem sobre a Humanidade, intentando manter o homem cativo de sua própria ignorância, contam com aliados poderosos em todas as áreas de atuação, inclusive no

da própria Ciência; espíritos de mente poderosa, altamente intelectualizados, considerados verdadeiros gênios, corporificam-se no Planeta e, com sutileza, desviam o homem do real conhecimento da Verdade. Vejamos um exemplo: após Sócrates e Platão, que podemos, sim, com Allan Kardec, considerar "precursores da Doutrina Cristã e do Espiritismo"., tivemos Aristóteles, que, com a aridez do seu pensamento, sufocou a flor da Espiritualidade que desabrochara na Grécia; embora a contribuição que trouxe à Ciência e à Filosofia, Aristóteles contribuiu para que, de certa maneira, a doutrina de Sócrates e de Platão fosse postergada... Sócrates, Platão e Aristóteles representaram uma encruzilhada no caminho da evolução do pensamento humano, e a Humanidade preferiu Aristóteles, cuja influência intelectual até hoje remanesce nos meios academicistas, que consideram os dois primeiros excessivamente místicos. Imaginemos como a História se escreveria, caso a filosofia socrática não tivesse sido interceptada pela aristotélica. É sempre assim: luz e treva se alternando no curso dos acontecimentos. No encalço de Allan Kardec, veio roustaing ressuscitando a tese docetista, que dividiu os cristãos na antigüidade. O embate entre o Bem e o Mal não tem por cenário tão somente a Terra; os espíritos que rivalizam com Deus no Universo tem as suas estratégias e, por assim dizer, exercem um poder quase paralelo... Frustram-se, no entanto, porque não foram e não são capazes de criar!

Retomemos, no entanto, o tema inicial de nossas considerações, já que me falecem recursos para continuar incursionando no campo da filosofia da Evolução. O espírito que não almeja enveredar pelos sinuosos caminhos da existência deve seguir a Jesus Cristo! Eis o que sei e o que guardo como bem mais precioso em meu coração. Fora do roteiro do Mestre, o homem andará sempre em círculos, atrasando-se indefinidamente na jornada. O Senhor representa a síntese de toda a Verdade que necessitamos saber, para que realizemos Deus em nós mesmos! Porque, à época, as Trevas não tiveram como se Lhe opor, por absoluta falta de representante à altura, tramaram a sua morte... Em vão, tentaram e têm tentado, através dos séculos, desfigurar o que Ele nos ensinou! As Trevas não tiveram e não têm quem concorra com o Cristo, tanto nas lições que nos transmitiu quanto, principalmente, no Amor que vivenciou. Os espíritos que ousaram vir ao mundo com o intuito de obscurecer-lhe a presença não o lograram... Absurdo o que estamos dizendo? Não creiam. O Senhor é a única luz de brilho inalterável em toda a História. Os homens o admiram, mas o temem, porque não se revelam capazes de seguir-lhe os exemplos; citam-no com freqüência, memorizando-lhe as palavras, todavia não lhe descerram as portas da alma... Transformam-no num ícone, simplesmente.

A Doutrina de Kardec – o Cristianismo Redivivo -, com quase um século e meio de presença na Terra, vem sofrendo sucessivas perseguições... Médiuns e espíritos descompromissados com a Causa enxameiam; dirigentes personalistas, com idéias próprias, têm intentado, sem plena consciência disso, desviá-la de suas

finalidades; muitos núcleos espíritas se transformaram em centros de misticismo; interesses escusos inspiram grande número de adeptos que não se preocupam com a aplicação do Evangelho em suas vidas; intermináveis discussões em torno do seu aspecto religioso confundem as mentes invigilantes...

Não podemos nos omitir. Ainda que sejamos mal-interpretados, carecemos de continuar com o nosso esforço de esclarecimento, reconhecendo a própria incapacidade de fazer mais e melhor.A maioria dos espíritos que tomam corpo no mundo o tem feito, há séculos e séculos, sem a menor consciência do fenômeno – reencarnam, desencarnam e tornam a encarnar, praticamente sem saírem do lugar... É chegada a hora da maioridade! O Espiritismo necessita dar seqüência à sua batalha contra o cepcismo. Não cruzemos os braços, deixando por conta de Deus o que é tarefa dos homens.

CAPÍTULO 2

Por esse motivo, os nossos Instrutores, domiciliados em esferas mais altas, têm insistido conosco para que não esmoreçamos na tarefa do intercâmbio; os nossos irmãos encarnados necessitam manter o seu vínculo mental com a idéia de que a Vida prossegue além da morte e, assim, gradativamente, se renovarem, promovendo, em conseqüência, a renovação de suas relações sociais, fazendo nascer uma nova Humanidade.

Não tem sido fácil para nós outros, os desencarnados, sustentarmos um contato de nível através dos recursos da mediunidade, porque, sendo uma questão de sintonia, muitos espíritos se imiscuem e interferem negativamente em nossos propósitos; poucos são os medianeiros com os quais, efetivamente, podemos contar no serviço do esclarecimento: a maioria trabalha atendendo aos próprios interesses e às suas ambições pessoais.

Não imaginem que os Espíritos Superiores tenham o domínio de situação, no que se refere ao estreito relacionamento entre desencarnados e encarnados; como existem médiuns atuando fora da orientação espírita, existem entidades que não se importam com a Verdade e com as conseqüências de suas manifestações... A demência deste Outro Lado é mais generalizada do que se pensa; milhares e milhares abandonam o corpo, todos os dias, sem darem por si nas regiões espirituais fronteiriças, sem, pelo menos, um pensamento que os auxilie a transcender a sua condição de indigência. Mesmo dentre os que residem em nossas cidades de além-túmulo raro os que revelam certa preocupação com o futuro: continuam vivendo como se quase nada se lhes tivesse alterado ao redor e pouco se interessam pelo que ficou para trás, inclusive por suas relações de afeto. Pode lhes parecer estranho o que dizemos, mas é assim: em muitos espíritos, a morte do corpo só faz acentuar a indiferença de seus sentimentos...

Entre os encarnados, inclusive, existem aqueles que interpretam equivocadamente o nosso trabalho relacionado ao contato mediúnico. Por exemplo, mais de uma vez, já tive ocasião de registrar o que dizem a meu respeito: "O Inácio desencarnou, mas continua ligado às funções que exercia no Sanatório"; "Ele deve estar concluindo a tarefa que deixou sem terminar; "Se o Inácio fosse um espírito superior, estaria longe"... É claro que de ser um espírito superior ainda estou muito distante, mas não é por esse motivo que me mantenho ligado às apreensões que sempre me ocuparam a mente; deste Outro Lado, por incrível que pareça, carecemos de voluntários, ou seja, de espíritos que se predisponham a contactar, com proveito, os nossos encarnados; a maioria, ao se ver livre dos laços que os prendiam à matéria, querem cuidar de si, dentro de suas novas perspectivas existenciais. Chegam a alegar: "A morte não existe, e os que deixamos no mundo chegarão naturalmente onde nos encontramos agora; o único vínculo que

tínhamos com eles era o da consangüinidade; eles não nos ouvem e é perder tempo continuar insistindo; não quero estar me recordando do que ficou para trás; A Lei Divina há de cuidar deles todos...”

Excetuando a mim, evidentemente, eu não sei o que seria dos homens na Terra sem a abnegação dos anônimos seareiros da Espiritualidade, sem um mãe ou um pai ou um irmão que vença a barreira das dimensões diferentes e volte para estender as mãos aos que prosseguem lutando na retaguarda! Sinceramente, eu não sei o que haveria de ser dos próprios espíritas sem o estímulo dos companheiros que já realizaram a Grande Travessia!... Vocês imaginaram no que o mundo haveria de se transformar, caso as vozes dos que já *morreram* emudecessem de vez?! Sem que, pelo menos através da prece, o homem se vinculasse ao Mais Além, o seu isolamento sobre a Terra seria pavoroso! Aí então, sim, o Planeta seria um orbe de absoluto exílio!... Por esse motivo, talvez, a Evolução, ou, por outra, as Leis de Deus cuidaram para que o ser humano desenvolvesse a capacidade extra-sensível, as chamadas faculdades mediúnicas, que lhe permitem contactar com o que se situa fora do âmbito da matéria – o estreito mundo em que vive nas infinitas moradas da Casa do meu Pai!

Eu meditava sobre tudo isso, quando lembrei que, antes de me recolher para alguns minutos de refazimento, deveria efetuar a última visita do dia a um de meus muitos pacientes. Àquela hora, quase todos no hospital já se encontravam dormindo, às vezes mais pesadamente do que, de hábito, o faziam na Terra. O silêncio era quase total, só interrompido pelo serviço de enfermagem que velava pelos internos da instituição que eu fora chamado a dirigir.

Caminhando pelos corredores, desci diversos lances de escada e cheguei ao setor onde os pacientes mais graves eram tratados. Eu já me havia habituado a circular por ali e, portanto, o fazia sem qualquer receio, mesmo quando o Manoel Roberto ou um outro auxiliar não me estivesse acompanhando.

Acionando pequeno dispositivo externo, a porta do quarto se abriu e entrei, saudando o irmão que revelava extrema dificuldade para repousar.

- Como é, Flávio? Mais uma noite sem conseguir dormir?

Erguendo a cabeça recostada sobre os braços cruzados, que se lhe apoiavam no joelhos, o paciente, assim acomodado na cama, me respondeu:
- Pensei que o senhor não viesse me ver hoje, doutor...
- Por que não, “Seu Flávio”? Por que não? – Retruquei, sentando-me ao seu lado.- Como você, eu também tenho os meus devaneios e, deste Outro Lado da Vida, o tempo igualmente passa...
- Mas as divagações do senhor são de outra natureza; quisera que elas fossem as minhas!...
-Como é que passou o dia? Melhor?...
- A mesma coisa, Doutor; o meu estado íntimo não se altera...

- E os impulsos de violência?...
- Várias vezes não me contive e andei esmurrando as paredes; essas vozes e essas visões não me deixam...
- Foi medicado?
- Sim, mas eu queria mesmo era conversar; estava esperando pelo senhor...
- Você me desculpe pelo atraso.
- Comigo, nunca precisará se desculpar; o senhor é um dos poucos que me inspiram respeito e em cuja presença eu me sinto de espírito mais aliviado...
- Animado, ante a perspectiva de encarnar?
- Para lhe dizer a verdade, não; quanto mais próximo me sinto de regressar à experiência física, mais fico desencorajado de mim mesmo... Tornarei a fracassar, Doutor!
- Não pense assim, meu caro – argumentei, pousando-lhe a destra no ombro.

Flávio, para maiores esclarecimentos, havia sido conhecido delinqüente em sua pregressa existência um *serial- killer* que cometera muitos crimes e não resistia à vontade de matar. Vivera fora do Brasil e, alternando estados de insanidade e lucidez, se responsabilizava por muitas mortes, cometidas com requintes de crueldade; à justiça, que finalmente o prendera e sentenciara à cadeira elétrica, ele não confessou a metade de seus desatinos. Submetendo-o a várias sessões de regressão, eu descobri que Flávio, em diversas vidas pretéritas, havia se "especializado" em matar, desde os tempos em que lutava como gladiador nas arenas e, mais tarde, participara de diversas guerras. ?Começara lutando em sua própria defesa e criara uma verdadeira obsessão por sangue. O curioso era que o paciente se revelava dócil qual uma criança, mas, quando estranha *força* o possuía, se transfigurava por completo.
- Eu não vou agüentar, Doutor! – prosseguiu dizendo -; há quantos anos estou aqui, e a minha agressividade não diminuiu? Sinto que não posso conviver com ninguém; alguma *coisa* de diferente circula em minhas veias e tenho ímpetos de matar quem estiver à minha frente... Melhor seria que eu vivesse enclausurado para sempre!
- Não pode ser assim, meu caro; você é filho de Deus e precisa vencer o hábito adquirido... Ninguém se perpetua no mal...
- Eu não mato por ódio: mato por necessidade...

Antes, eu matava sozinho, agora, no entanto...
- As vozes não o deixam, não é?
- Fiquei louco, Doutor; o meu cérebro se deteriorou... Se existe o Mal, é a ele que eu pertenço; não me resta alternativa... Se, pelo menos, só matasse os que merecem morrer!... Mas não, quando fico fora de mim, não distingo ninguém – homens e mulheres, idosos e crianças, todos se transformam em vítimas em minhas mãos... Eu gosto, Doutor, de ver as minhas mãos sujas de sangue; eu gosto de, com elas, arrancar as vísceras deles, ainda quentes!...

Meu Deus! – Refletia, enquanto o escutava falar -, será crível que um espírito possa se devotar ao crime durante tanto tempo assim?!

Por outro lado, qual o significado do tempo? Perante a eternidade, o que representam alguns séculos?... Em outras circunstâncias - continuava pensando -, aquele irmão infeliz poderia ser eu, se, na encruzilhada em que se viu, tivesse enveredado pelo mesmo caminho que escolheu. Confesso-lhes que, só de pensar assim, eu tremia e me sentia tomado ainda de maior compaixão por ele. Eu havia lidado com várias espécies de vícios, mas era a primeira vez que me deparava com alguém com o vício de matar...

Evidentemente, essa narrativa do caso a que me refiro não traduz a situação do espírito que chegara ao hospital, transferido da América, em extrema penúria, na esperança de que seu distanciamento do principal cenário de desventuras promovesse o seu desligamento, ainda que parcial, do ambiente psíquico onde, sucessivas vezes, se complicara...

CAPÍTULO 3

- Flávio – perguntei -, você já ouviu falar em Jesus Cristo?
- Sim, é claro, Doutor; freqüentei, em vão, diversos templos religiosos....
- As palavras do Evangelho não o sensibilizaram?
- Palavras são palavras; ouvi um cem-número de pregações sobre a Bíblia, no entanto os que as proferiam me pareciam mais preocupados com a forma do que com o fundo...
- Procuremos não julgar, meu caro; deixemos os homens de lado... Responda-me: O que você pensa de Jesus?
- Se, de fato, ele existiu, deve ter sido o melhor dentre todos: preocupava-se com os sofredores e não cultivava nenhuma espécie de preferência...
- Os Evangelhos atestam a autenticidade de sua vida; mas não podemos negar a sua influência na História... O seu poder tem modificado a muitos...
- Infelizmente, eu não consegui senti-lo...
- Você orou alguma vez?
- Nem me lembro, Doutor...
- A oração nos defende do mal existente em nós!
- Eu sou um homem sem fé; não acredito nessas coisas... Nunca ocorreu comigo uma espécie de intervenção sobrenatural.
- Mas – respondi -, você não está considerando o fato de ter vindo parar aqui...
- No Brasil?...
- Sim, numa terra tão distante...
- ... Sobre a qual vagamente eu havia ouvido falar.
- Por outra, você não tem nenhum apego a alguém? A pai, mãe, esposa, filhos?...
- Eu odiava meu pai e o matei; ele nos espancava, a mim e à minha mãe... Quanto a filhos, não me recordo de que alguma vez os tenha tido.
- Como é – insisti – que interpreta sua presença aqui, neste hospital?
- Não sei... Quando abri os olhos, tudo estava diferente... Fizeram-me dormir.
- Não lhe parece que Deus está se importando com o seu destino?
- Tarde demais...
- Para quem deseje se renovar, nunca é tarde demais!
- Renovar-me? Como, Doutor?!
- Você não se sente cansado da vida que vem levando?
- Sim; não agüento mais...
- Pois então!
- Mas é uma sensação que logo passa; dura até que os meus olhos se fixem em alguém...
- É uma doença que requer tratamento.

Silenciando por instantes, indaguei do paciente cujo semblante lhe evidenciava o transtorno íntimo:
- Afinal, você tem plena consciência de que está *morto*?...

- Sem dúvida; quando fui executado, pude me ver saindo do corpo e investi contra o policial que me prendera. Ele sentiu-se mal e foi, às pressas, conduzido à enfermaria da penitenciária; eu que ia esganá-lo!...
- Se sabe que a morte é uma ilusão e que, consequentemente viveremos para sempre, pretende passar a Eternidade assim? SE todas as coisas se modificam, o que o leva a pensar que apenas você não se modificará? Todos os seres se submetem às indefectíveis Leis da Evolução.
- Nunca mantive com alguém um diálogo assim; não me julgava capaz... Eu vivia me escondendo, a sós com as minhas vozes e visões...

Não seria conveniente continuar naquela noite. Alcançando o objetivo que me propusera, despedi-me do desditoso espírito, prometendo-lhe voltar no outro dia.

O caso de Flávio era singular: apesar dos crimes em série que cometera, ele ainda conservava certa lucidez: aquele com quem eu acabara de conversar não era o vigoroso facínora que, por razões óbvias, não me convém nomear; aquele era um espírito como qualquer outro , que tão-somente se equivocara repetidas vezes... Por onde andariam as suas vítimas? Porventura, teriam se esquecido dele? E aquelas vozes e visões que somente ele detectava? Os seus obsessores estariam em seu encalço, esperando, com certeza, o melhor momento de se aproximarem?

Com tais perguntas na cabeça, dirigi-me aos meus aposentos e soltei o corpo na cama. Assim que cochilei, sonhei que ainda estava na Terra e vi-me lutando contra vários espíritos, adversários do trabalho que desempenhávamos no]Sanatório Espírita de Uberaba. Era um pesadelo que, quando encarnado, sempre se repetia para mim e, agora, vez por outra, se reprisava deste Outro Lado... Será que, a distância, as entidades espirituais que se opõem às nossas atividades doutrinárias tentavam me atingir?

A verdade é que, embora cansado, naquela noite, eu quase não conseguira relaxar. Acordando mal-humorado, respondi ao cumprimento de Manoel Roberto com um simples muxoxo e fui direto para o meu gabinete. Como acontecia todas as manhãs, ambos nos reuníamos, antes de cuidarmos dos múltiplos afazeres do dia no hospital; efetuávamos pequena leitura de uma página de "O Evangelho segundo o Espiritismo" e, após ligeira prece, entrávamos na pauta dos deveres a cumprir. Aberta aparentemente ao acaso, o "Evangelho" nos trouxera à meditação ou, mais particularmente, trouxera a mim, a mensagem alusiva à Paciência. Conhecendo-me de sobejo, o companheiro começou a proceder à sua leitura, sem ousar levantar os olhos na minha direção, todavia, não resistindo à tentação, antes de terminá-la, esboçou leve sorriso que me induziu à necessária descontração.
- É, Manoel – comentei -, a lição da Paciência, mesmo depois de *morto*, continua me perseguindo...

- Paciência, Doutor, deveria ser o "café-da-manhã" de todos os homens – estivessem eles *vivos* ou *mortos*!
- Principalmente depois de uma noite maldormida – acentuei.
- O senhor tem trabalhado muito...
- Menos, porém, que o necessário.

Para nossa alegria, no entanto, enquanto falávamos, a porta do gabinete se abriu e, com o sorriso de sempre, Odilon Fernandes se fez anunciar.
- Com licença, Inácio; com licença Manoel... desculpem-me interrompê-los.
- Ora, Odilon! – Observei. – Você nunca nos interrompe; a sua visita é a melhor coisa que poderia me acontecer nesta manhã...
- Já oraram? – Indagou o Benfeitor.
- Estávamos para fazê-lo – Respondeu Manoel Roberto, igualmente externando a sua satisfação pela presença do amigo.
- Ore por nós – solicitei ao recém-chegado.
- "Senhor Jesus – pronunciou-se, assim -, que as Tuas bênçãos estejam conosco e com todos aqueles nossos irmãos, quer no Mundo Espiritual ou por sobre a Terra, que vivemos na expectativa do Teu amor! Que não nos falte coragem para seguirmos adiante, no exato cumprimento de nossas obrigações cotidianas... Que possamos viver com o único propósito de exaltar-Te o nome, entre todas as criaturas, hoje e sempre. Sê conosco, Senhor, na alegria que nos concedes de servir-Te em mais este dia que começa!..."

A prece-síntese do amável companheiro tivera sobre mim o efeito de um tônico revigorante; como por encanto, as derradeiras impressões negativas daquela noite desapareceram e respirei de espírito aliviado.
- Como é, Inácio? – Perguntou-me o Mentor. – Ao chegar, você me pareceu um pouco abatido...
- Aqueles pesadelos de que já lhe falei...
- Não se preocupe tanto, lidando com tantos irmãos mentalmente afetados, é natural que, de quando em quando, você sinta os reflexos. E, depois...
- E depois?...
- Os adversários de nossa Causa, alguns possuidores de considerável força mental, vibram negativamente contra nós; não podendo nos envolver diretamente, emitem vibrações com o propósito de nos desalentar e, quando semelhantes *dardo mentais* nos surpreendem invigilantes, ou, às vezes, extenuados pelo desgaste natural que a luta nos impõe, padecemos as conseqüências. Não fique triste, nem se aborreça. Quem se dispõe a drenar um pântano não tem como fazê-lo sem se expor às suas emanações...
- Eu imaginei que a desencarnação me isentasse de certos problemas...
- Você sabe que não é assim com ninguém.
- Sei, Odilon, mas eu preciso de que, de quando em quando, alguém mo repita...

O inesquecível fundador e dirigente do Templo Espírita "Casa do Cinza", em Uberaba, sorriu e continuou:

- Todos necessitamos de que alguém em quem confiamos nos repita aos ouvidos o que já sabemos. O problema, Inácio, é que ainda somos frágeis na fé e, por nós mesmos, pouco ou quase nada podemos. Infeliz de quem se considere auto-suficiente! Se não precisávamos uns dos outros, o nosso egoísmo não teria tamanho!
- Você também se sente como eu?
- É evidente! Que idéia você faz de mim, Inácio?

Até Jesus sentiu carência, quando chorou no Jardim das Oliveiras!... Deixamos o corpo, mas ainda não deixamos a nossa humanidade. Todos os que sentem sede saem a procura a fonte que os descendente; é natural que seja assim... E aqueles que, para nós, são a fonte da consolação e do esclarecimento, experimentam, por sua vez, a mesma sede de esclarecimento e de consolo que experimentamos. Somente Deus se basta a Si mesmo!...

CAPÍTULO 4

- Fico a pensar, Odilon, em nossos irmãos que se encontram encarnados, os companheiros de ideal espírita que defrontam com tantas dificuldades para perseverarem... Se eles soubessem da *pressão* psíquica que suportam por parte dos adversários de nossa Causa que intentam desanimá-los!...
- É melhor que não saibam, Inácio – esclareceu o solícito Instrutor -; se nós próprios soubéssemos do nosso comprometimento com o passado, não nos sentiríamos encorajados a continuar...
- Ainda bem que, fora do corpo, não nos lembramos de tudo...
- Exatamente, pois, se, de súbito, a consciência de nossos erros pretéritos nos acometesse na vida além da morte...
- ... Fugiríamos, horrorizados de nós mesmos!
- A Terra, por longo tempo, sofrerá as conseqüências de nossa invigilância, ou melhor, de nossos pensamentos infelizes, e não apenas de nossas atitudes insensatas. Os que deixam o corpo, sem maiores esclarecimentos, prosseguem pesando para a Humanidade...
- É uma espécie de obsessão inespecífica, não é, Odilon?
- Sim, de vampirização; a grande maioria dos homens desencarnados sente *necessidade* das coisas de que não se desapegaram: continuam vivendo em estreita *simbiose* com os encarnados que, mentalmente, os acolhem...
- Interesses em comum?...
- Interesses e anseios; por esse motivo, os mais sensíveis, não raro, experimentam um certo cansaço inexplicável: é a influência espiritual negativa que, figuradamente, paira acima de suas cabeças...
- Não se trata sempre de um obsessor próximo...
- Não! Agora, precisamos também enfatizar a existência da influência positiva, pois, quer estejamos mergulhados no corpo d carne ou não, a Misericórdia Divina não nos deixa à mercê das circunstâncias... É uma questão de escolha, de preferência, de sintonia.
- O nosso livre-arbítrio se preserva...
- Não poderia ser de outra forma; caso contrário, não poderíamos assumir a responsabilidade de nossas ações.
- Além das nuvens escuras, esplende a claridade solar...
- Melhor diríamos, Inácio: por entre as nuvens escuras... O que se reúne em torno do nosso *estado psíquico*, incentivando-nos ao mal ou inspirando-nos ao bem, é com que nos afinizamos; atraímos na exata proporção do que somos intimamente...
- Daí estendermos a condição de médium a todos os homens?
- Sem dúvida; o homem não se comunica apenas através dos seus sentidos físicos, aliás, os cinco sentidos se nos constituem em proteção...
- Como assim?
- De maneira geral, não estamos preparados para conviver, na Terra ou nas dimensões em que nos demoramos, com percepções que, no futuro, desenvolveremos; o corpo é uma couraça que nos defende e o cérebro, um campo de força que nos isola...

- Por esse motivo, a própria mediunidade ainda se mostra tão limitada?
- Poucos são os espíritos preparados para o que decorre de suas percepções psíquicas ampliadas; qualquer faculdade mediúnica em desenvolvimento expõe o medianeiro... Os grandes sensitivos sofriam com o exacerbar de suas faculdades: ao mesmo tempo em que contactavam com as Esferas Superiores, não se eximiam das tentações oriundas das trevas; muitos passaram entre os homens na condição de criaturas atormentadas...
- Quer dizer que, pelo menos por enquanto, os nossos irmãos não devem esperar por mais mediunidade...
- Com exceção dos que são previamente preparados, que reencarnam com um respaldo que transcende a nossa própria compreensão, eles não resistiriam: não contariam com estrutura mental adequada e poderiam, inclusive, enlouquecer...
- Quantos não estão nos sanatórios e hospitais psiquiátricos!...
- Você que o diga, não é, Inácio, que tanto tempo lidou com eles e... continua lidando.
- Tenho a impressão de que o carma, quando mais pesado e complexo, provoca o desabrochar da sensibilidade mediúnica.
- Os obsidiados são médiuns em potencial; tudo que nos induz à introspecção, como, por exemplo, o complexo de culpa, amplia a nossa capacidade extra-sensorial.
- E não apenas extra-sensorial, não é?
- Emocionalmente, tornamo-nos mais suscetíveis; os músicos, os escritores, os poetas, enfim, os artistas de maneira geral...
- Os pintores, os místicos...
- Todos os que, de alguma forma, sofrem e, por que não dizer, os que também fazem sofrer...
- Os que também fazem sofrer?...
- Os obsessores terminarão por se arrepender e o complexo de culpa desencadeará, às avessas, o processo da introspecção. Nem todos os que admiramos por grandes almas são almas grandes; aliás, muitos dos que se fazem dignos do nosso respeito, pela tarefa que desempenham no campo da solidariedade humana, são espíritos comuns que, num dado momento, tão-somente se conscientizaram de sua necessidade de servir. A rigor, a auréola da santidade cabe a muito pouca gente!
- A Igreja canonizou milhares...
- Pouquíssimos, no entanto, os que não se envergonharam e viveram terríveis dramas de consciência além da morte.
- Viveram e vivem ainda...
- Solicitam reencarnações sacrificiais e não descansam, até que façam jus ao que receberam sem merecer.
- Compraram a peso de ouro ou de influência política...
- Num mundo de provas e expiações, não poderíamos esperar que fosse diferente... Estamos acumulando débitos, mas, quando, efetivamente, nos dispusermos a pagá-los, transformaremos a Terra no esperado Reino de Deus! Não está assim tão distante a época da regeneração...
- Você, no entanto, acredita, Odilon, no advento da Grande Dor?...

- Devo dizer-lhe, Inácio, que, pessoalmente, não sou adepto das previsões apocalípticas para a Humanidade, porém tudo leva a crer que a Humanidade não se furtará a expressivo revés...
- Deus intervirá na História?
- Deus sempre intervém na História; quando se faz oportuno, pelas mãos do próprio homem, Ele maneja as rédeas do destino... Se as Leis Divinas não intercedessem, periodicamente, a civilização já teria desaparecido por completo.
- E hoje, mais do que nunca, com tantos artefatos bélicos com capacidade de destruir o Planeta dezenas de vezes...
- Espero que, através de suas anotações, os nossos irmãos não considerem fanatismo o que vamos dizer: inteligências perversas não se cansam de lutar contra Jesus Cristo! Os espíritos que não conseguiram se render ao Evangelho tramam, insistentemente, contra a paz mundial e infiltram os seus agentes encarnados no poder... Como, Inácio, tanta gente beligerante pode estar decidindo o futuro?...
- De fato, dificilmente se vê um líder, em nível mundial, falando em favor da paz – falando com sinceridade, sem ocultar nenhum interesse racial...
- Ou religioso... Não vamos aqui citar nomes: não há nenhuma necessidade e não nos compete julgar a quem quer que seja, mas, presentemente, a maioria daqueles que detêm nas mãos o poder de decidir está a serviço dos propósitos do Mal...
- Fazem a guerra em nome de Deus!
- Os que despontam e se revelam transparentes em suas intenções sociais são logo eliminados.
- É impressionante! Como havemos de vencer tais barreiras ao progresso?...
- Você não vê o que acontece com o Espiritismo? A imprensa leiga faz questão de deturpar a Doutrina perante a opinião pública...
- Sempre lutamos contra isso, não é, Odilon? A Igreja vivia, e ainda vive, tentando confundir o espiritismo com determinadas ceitas...
- No seio da própria Doutrina, temos espíritos que intentam desfigurá-la. Allan Kardec, orientado pelo Espírito de Verdade, num movimento espiritual sem precedentes, conseguiu unificar o Conhecimento, ou seja, estabelecer definitiva aliança entre Ciência, Filosofia e Religião...
- O aspecto religioso do Espiritismo vem sendo combatido sistematicamente...
- Por aqueles mesmos que se dizem espíritas! O problema é que o aspecto moral – religioso da Doutrina é o que nos concita à renovação...
- Eis a parte mais difícil de ser espírita: abrir mão de nós mesmos!...
- A América, a Europa e o Oriente estão na iminência de um conflito armado, devido à ausência de Evangelho...

CAPÍTULO 5

Manoel Roberto, discreto como sempre, permanecia em silêncio, acompanhando com interesse igual ao meu as colocações de Odilon. Com o intuito de fazê-lo participar do diálogo, gracejei:
- Manoel, parece que a morte o emudeceu ainda mais...
- Não é, Inácio – emendou Odilon -; talvez nós dois é que tenhamos nos tornado mais falantes...
- Nem uma coisa nem outra – respondeu o companheiro. – Estava meditando em tudo quanto diziam.
- E qual a sua opinião? – Perguntei.
- Eu não posso deixar de me preocupar e de me sentir responsável; sinto que, em verdade, não tenho feito nada...
- todos nós, Manoel – considerou Odilon -, que começamos a acordar para as realidades que transcendem, nos sentimos assim...
- ... Inúteis! – Sentenciei.
- Não sejamos tão extremistas, Inácio: inteiramente inútil nem o verme o é; digamos que ainda não tomamos maior consciência do que nos cabe fazer...
- O que, na condição em que me encontro, eu poderia fazer para mudar o mundo, se não consigo mudar nem a mim mesmo?... – Objetou o Assistente.
- Concordo e endosso as suas palavras, Manoel – observei -; os nossos irmãos encarnados, mormente alguns companheiros de Doutrina, imaginam que, ao deixarem o corpo, se iluminarão de súbito... Ledo engano! Não temos poder espiritual que nos destaque e nos possibilite influenciar, decisivamente, os acontecimentos; às vezes, não conseguimos sequer fazer com que alguém nos registre a presença e nos capte os pensamentos...
- E vale ressaltar, Inácio, que isso se dá com os que se ocupam da mediunidade; ora, se os dotados de sensibilidade e de fé não se nos mostram tão receptivos, o que dizer dos que *bloqueiam* qualquer contato conosco?
- É verdade, Dr Odilon; no que me diz respeito – comentou o devotado companheiro -, várias vezes tentei, numa ou noutra casa espírita, lhe comunicar: os médiuns simplesmente me rejeitaram; não tinham cabeça para mim...
- Pior até do que isso, Manoel – creio que o Odilon concordará -, é quando nos desfiguram os comunicados... Infelizmente eu já tive que deixar médium falando sozinho! Muitos, à minha revelia colocaram palavras nos meus lábios...
- No livro de Geremias, no capítulo 23, o profeta nos adverte: "Não queirais ouvir as palavras dos profetas, que vos enganam; falam as visões dos seus corações, não da boca do Senhor. (...) Eu não enviava estes profetas e eles corriam; não lhes falava nada e eles profetizavam".
- Ensinamentos atualíssimos, não?, versando sobre mediunidade...
- Perfeitamente, Inácio!
- Você não acha – questionei – que os médiuns vêm perdendo algo da espontaneidade? Em outras palavras: o estudo da mediunidade, mal

conduzido e interpretado, não estará colocando os médiuns numa espécie de "camisa-de-força"?
- A questão levantada por você é delicada – esclareceu o Mentor. – De fato, tudo o que excede os limites do bom senso é contraproducente. O médium, sem dúvida, necessita se educar, mas não subtrair do espírito comunicante as suas características, pois, caso contrário, o espírito não logrará ser ele mesmo; o fenômeno ganha em disciplina e perde em autenticidade...
- Alguns médiuns sequer permitem que os espíritos sofredores chorem por seu intermedio ou se entreguem a maior desabafo: logo são censurados...
- ... com receio da reprimenda dos doutrinadores ou dos dirigentes da sessão; como é que proibiríamos o doente de gemer no hospital?... Quem toma a iniciativa de procurar o analista o faz com a intenção de se expor...
- Pois é, Odilon, eu soube que muitos irmãos de ideal estranharam o episódio que narrei em "Sob as Cinzas do Tempo", referindo-me à bofetada que, através de Modesta, o espírito obsessor me desferiu... Esqueceram-se, com certeza, de que o Cristo foi agredido fisicamente. É claro que não pode e nem deve acontecer, embora muitos doutrinadores merecessem mesmo apanhar, você não acha?
- O caso em pauta não deve ser atribuído a uma questão de invigilância mediúnica...
- Se a Modesta não fosse disciplinada, ao invés de um simples tablefe no rosto, eu teria levado uma surra; e olhe que muita gente, dos Dois Lados da Vida, teria gostado!...
- Tenho sabido – disse Manoel – que, em muitos centros, os espíritos têm sido proibidos de se expressar: ficam calados o tempo todo, ouvindo o doutrinador...
- E o doutrinador faz aquele sermão, não é? – ironizei. – É uma coisa absurda! Na minha opinião, estão acabando com os médiuns de incorporação e reduzindo a nada as sessões de desobsessão. A mediunidade está perdendo a beleza e a originalidade; para mim, trata-se de mais uma artimanha das Trevas... se os espíritos que estão por aí *resolvessem baixar* num centro espírita, ou seja, se faltasse aquela cobertura espiritual imprescindível aos grupos mediúnicos, estabeleceriam uma grande confusão...
- Fariam a "festa", Doutor Inácio... O senhor se lembra daquele centro em Uberaba em que os espíritos obsessores acabaram com a sessão, colocando os médiuns a correr?
- Se me lembro! Tivemos que internar o dirigente...j
- Por esse motivo, em matéria de contato com o Mundo Espiritual – pontificou Odilon -, é necessário que, entre os nossos irmãos encarnados, o bom senso prevaleça. A educação mediúnica é imprescindível, todavia espíritos e médiuns não podem ser anulados. Uma coisa é o medianeiro intermediar contatos com espíritos esclarecidos que, inclusive, cooperam, do ponto de vista vibratório, com o seu desenvolvimento; outra, bem diferente, é entregar-se àqueles que comparecem à reunião necessitados de tudo...
- De alguns recebemos, a outros devemos doar, não é assim? – Observou Manoel Roberto.

- Sem dúvida. A reunião mediúnica bem orientada e produtiva não é aquela em que impera o rigorismo disciplinar. É uma questão delicada, mas os grupos devem estar atentos a ela.
- Como o assunto é complexo, não é, Odilon?
- Difícil de o abordarmos, sem que não sejamos rotulados de tolerantes demais...j
- ... ou de antidoutrinários!
- Mas voltemos, Inácio, ao que estávamos tratando inicialmente. O Manoel ia dizendo...
- Sobre essa sensação de inutilidade; os nossos irmãos encarnados esperam tanto de nós e...
- É porque – considerei – não fazem uma idéia precisa da luta que enfrentamos: crêem, mesmo muitos espíritas, que tudo podemos e que, deste Outro Lado, nos movimentamos com facilidade...
- Não sei, Doutor, se, neste sentido, seria interessante dizer-lhes toda a verdade; talvez seja melhor que continuem pensando que trazemos nas mãos a solução de todos os problemas...
- Não, Manoel, não devemos incrementar o fanatismo; mesmo que nos custe muitas críticas, devemos ser sinceros: os nossos irmãos precisam saber que o Mundo Espiritual não é o que eles pensam ou imaginam... Em certos aspectos, é melhor que continuem por lá enquanto puderem; no corpo, ainda desputa-se de regalias que, *por aqui*, desaparecerão completamente...
- Não é mera figura de retórica a questão de o desencarnado experimentar indefinível sensação de insegurança...
- Sem o seu maior ponto de referência, que era o corpo de carne, ele se sente perdido – sem nome, sem títulos, sem, afinal, qualquer valor a que se agarrava no jogo das convenções...
- ... a sós consigo mesmo...
-... e com suas próprias obras! – Pontificou Odilon.
- São a caridade e o real conhecimento que nos valem unicamente! Os espíritas, nossos companheiros, necessitam deixar de pensar que o Mundo Espiritual seja um grande "Nosso Lar"!...
- Os Espíritos Superiores não constrangem a Humanidade – falou o Instrutor -; por exemplo, em respeito ao livre-arbítrio humano, eles não pressionam as decisões de natureza política, que, quase sempre, são tomadas de maneira equivocada, em prejuízo da coletividade... As orientações básicas de que o homem carece para acertar já se encontram, há séculos, materializadas nas páginas dos livros das religiões mais influentes.
- O homem, todavia, permanece na expectativa de algo miraculoso...
- O prodígio de origem exterior pouco faz em prol de nossa renovação íntima; o fenômeno para os olhos, às vezes, não passa de alucinação para a mente...

Após ligeira pausa, Odilon prosseguiu:
- Temos notícias de que os Espíritos que, de Mais Alto, se preocupam com o destino da Humanidade têm tentado se aproximar, em vão, dos líderes políticos das grandes nações...

CAPÍTULO 6

- Como se dá essa aproximação, Dr. Odilon? – Perguntou Manoel.
- De uma maneira direta e indireta – direta, irradiando o seu pensamento e, por vezes, estando com eles, quando se desprendem do corpo no momento do sono, o que, convenhamos, é muito mais difícil; indireta, procurando influenciá-los com a mobilização de opiniões influentes...
- Até mesmo a opinião pública – respondi.
- Na maioria dos casos, principalmente. Analisemos o problema da iminente guerra envolvendo os Estados Unidos da América e o Iraque, cujas conseqüências para o resto do mundo são imprevisíveis. Nós, por exemplo, eu, você e o Inácio, Manoel, apesar da nossa condição de espíritos libertos do corpo, sequer conseguiríamos nos aproximar de um dos dirigentes dos dois países. Talvez não conseguíssemos, figuradamente, atravessar a "alfândega"; ambos se encontram assessorados por entidades que não nos permitiriam a intromissão... Afinal, o que somos na ordem das coisas? A concepção religiosa de um ou de outro não os predispõe à recepção de nossas idéias e argumentos. Interesses políticos em jogo se sobrepõem aos interesses da coletividade; quase não se houve uma voz isenta em favor da paz, a não ser emergindo do povo...
- As consideradas grandes potências estão de olho no petróleo – lamentei.
- A reserva petrolífera do Planeta – dentro de mais dois ou três séculos – estará prestes a se esgotar... Necessitamos, com urgência, que novos líderes espiritualizados assumam o poder.
- Onde é que eles estão? – Questionei.
- Alguns se encontram corporificados no Orbe; outros, em vias de se corporificar...
- Conseguirão chegar ao poder?
- Inácio, muitos já se frustraram: foram postergados, presos e exilados, sumariamente eliminados... Na atualidade, por mais absurdo que pareça – convém frisar -, sem alguma concessão ao mal, os que, em termos políticos, se interessam pelo bem da coletividade não triunfam!
- É uma coisa horrorosa! Será mesmo assim, Odilon?...
- Não sou eu que o estou dizendo: É o que temos visto acontecer. Poucos segmentos da sociedade estão logrando de manter isentos do chamado interesse imediatista; os *cartéis* estão em quase toda parte, inclusive na indústria farmacêutica...
- Como?...
- Não há real interesse na cura de determinadas doenças; o doente é uma fonte de renda para os médicos, para os hospitais, para os laboratórios...
- É de estarrecer! – Exclamou Manoel.
- Altas autoridades, por exemplo, estão comprometidas com o tráfico de drogas e com a venda de armas...
- É por isso, Odilon, que, mesmo sendo espírita, eu sou até forçado a crer na existência do Inferno...
- ?!...

- Depois da morte, tem que existir um lugar apropriado para hospedar essa gente: o Umbral é muito pouco!...

O Instrutor sorriu e continuou:
- Mas, embora pareça, o mundo não é uma embarcação à deriva. Na hora de se fazer o pão, o joio não confunde com o trigo; a água salobra não serve para matar a sede... O sofrimento que se alastra terminará por induzir o homem a uma profunda revisão de valores; a tendência é que, após ter chegado aos extremos, a civilização torne ao ponto de equilíbrio – sempre foi assim ao longo da História. Citemos o exemplo da Física que, durante anos, defendeu os postulados materialistas e, agora, depois de Einstein, tem se mostrado mais espiritualizada do que a própria Religião! A descoberta de que matéria é energia concentrada abriu imensas perspectivas espirituais para o homem. Einstein praticamente demonstrou, cientificamente, a existência do que transcende os limites da matéria; ele, por assim dizer, numa simples fórmula – $E=m.C^2$-, endossou o que os grandes místicos sempre apregoaram.
- O que ele revelou, Allan Kardec, que não era físico, apenas não teve oportunidade de expressar, na mesma equação matemática, que Energia é igual à Massa vezes a constante da velocidade da luz ao quadrado... Fica evidente, Odilon, que um dos motivos da guerra – talvez o mais sutil de todos -, que as Trevas vêm fomentando, seja comprometer as conquistas da Ciência,...
- A sua observação é válida, Inácio!
- Uma guerra atrasaria tudo: destruiria laboratórios, documentos, limitaria investimentos no campo da pesquisa e uma ou duas gerações ficariam comprometidas – disse Manoel com perspicácia.
- Antigamente – comentei -, treva era treva; os espíritos a seu serviço, encarnados e desencarnados, se apresentavam de maneira inconfundível: andrajosos e tétricos; hoje, se mostram de terno e gravata, falam diversos idiomas, são polidos e recebem honras militares...
- São eleitos com milhares e milhares de votos! – exclamou Manoel.
- Vejamos o recente caso de Hitler – ponderou Odilon -; com as exceções de praxe, ele levou um país ao delírio; foi uma verdadeira obsessão coletiva... Os Benfeitores da Vida Maior não lograram demovê-lo de seus intentos sanguinários e o carma do povo judeu lhe oportunizou a ação beligerante... As falanges das trevas, temporariamente, *bloquearam* a iniciativa dos espíritos que tentavam evitar que o conflito se consumasse...
- Como isso pode ser possível, não é?!...
- Inácio, o que é uma nuvem escura diante do esplendor solar?A nuvem provoca uma sombra localizada que logo se desfaz, mas, enquanto existe, o Sol não consegue vencer-lhe a oposição transitória...
- A minha dúvida, Dr Odilon – falou o companheiro preocupado -, é com relação ao que, na condição de desencarnados, podemos fazer para auxiliar os que tanto esperam de nós...
- Não muito mais, Manoel, do que podíamos quando estávamos na carne; a nossa imperfeição espiritual nos limita; todavia se continuarmos cuidando da própria renovação estaremos colaborando

de maneira decisiva para que o todo se renove. Se não podemos espanar as estrelas, vamos varrer o chão!
- Você me conforta, meu amigo, com as suas palavras – acentuei, admirando a sabedoria do Mentor -, já que não me sinto capaz de fazer outra coisa, a não ser... varrer o chão!
- O que não é uma tarefa tão insignificante quanto se imagina, Inácio!... Se todos nos preocupássemos em *varrer o chão* de nossa casa planetária...
- ... Ela não haveria de estar tão desleixada, não é?
- O homem aspira a grandes realizações, olvidando que, para mudar o mundo, basta que ele cumpra com o seu dever, sem necessidade de que, para tanto, reivindique maiores possibilidades. O Cristo nasceu numa aldeia singela; foi aprendiz de carpinteiro; conviveu com pessoas humildes; não se tem notícia de que alguma vez tenha manuseado dinheiro que lhe pertencesse; nunca pleiteou audiência com as autoridades da época; com exceção de Jerusalém, jamais esteve em cidade de porte maior; não contava com seguidores ligados ao governo; pregava o Evangelho aos párias da sociedade... A semente, quando de boa espécie, ainda que lançada ao monturo, germina prodigiosamente. Ajamos com sinceridade e idealismo e deixemos o resto com Deus!
- Dr Odilon, o senhor me perdoe – indagou Manoel -, mas adotando semelhante postura, não estaremos nos menosprezando em nossa capacidade de realizar mais?
- Creio que não – respondeu com ênfase o Instrutor. – Ninguém consegue dar o que não tem... A este respeito, não nos iludamos. Temos, sim, o dever de nos esforçarmos ao máximo, superando deficiências e limitações que nos sejam próprias, mas carecemos de ter os pés firmes no chão, sobretudo para que, em pretendendo ser muito mais do que somos e podemos, não nos anulemos em nossa real capacidade de servir.

Neste instante de nossa preciosa conversa, o Dr Adroaldo Modesto Gil, fazendo-se acompanhar do amigo Dr Wilson Ferreira de Melo, devotado seareiro da Doutrina, veio se juntar a nós, em meu gabinete.
- Olá, Inácio, como vai? – Saudou-me, cortês, o Dr. Wilson, estendendo os seus cumprimentos ao Odilon e ao Manoel Roberto.
- Tudo bem e você? – Respondi, convidando-os a se acomodarem.
- Eu e o Adroaldo estávamos, instantes atrás, nos submetendo a uma auto-avaliação; ambos chegamos à conclusão de que precisamos encontrar um meio de agir com maior aproveitamento de tempo e oportunidade.
- Então – respondi sem que entendessem -, virou epidemia...

CAPÍTULO 7

Odilon e Manoel Roberto sorriram e eu me expliquei aos recém-chegados:
- É que estávamos dialogando em torno do mesmo tema; nós aqui preocupados com os acontecimentos que se precipitam na Terra e os nossos irmãos encarnados sonhando com as paragens do Mundo Espiritual...

Tomando a palavra, o Dr Wilson considerou:
- Desencarnar, por si só, não vale a pena: livramo-nos do jugo da matéria, mas entramos no jugo da consciência... E, depois, na dimensão em que nos encontramos, o que podemos efetivamente fazer pelo avanço da Doutrina no mundo? É claro que aqui mesmo, deste Outro Lado, temos muito a realizar para que o Espiritismo se expanda; conforme vocês sabem, a desencarnação não leva ninguém à aceitação da Verdade: raros os que se mostram dispostos a considerar conceitos...
- O Dr. Wilson fala com propriedade – convidado pela proposital pauta do dileto companheiro a se expressar, acentuou Adroaldo -; seria de se imaginar que, após o desenlace físico, os espíritos alterassem a sua visão da Vida, no entanto a maioria continua como que sob sugestão... As barreiras que o Espiritismo enfrenta para se difundir entre os *mortos* são as mesmas com as quais se defronta para se propagar entre os vivos. Temos conversado com pessoas desencarnados que não ligam a mínima...
- É impressionante, não é? – Observou o Dr. Wilson. – Não temos nem como explicar semelhante fenômeno aos nossos confrades; eu mesmo, confesso-lhes, não esperava que a vida de além-túmulo fosse, da vida humana na Terra, um prosseguimento tão natural...

Aliás, a gente se esquece de que a existência física é que é uma cópia da existência que temos aqui, e não o contrário; vamos ao mundo como estamos e como somos e dele retornamos nas mesmas condições...
- Levamos as nossas conquistas daqui para lá e trazemos as de lá para cá – completou Adroaldo.
- Não é bem assim – discordei -; trazer de lá para cá a gente traz pouco... Tudo é relativo. Se eu, por exemplo, for viver no mundo primitivo e inventar a roda, serei considerado um grande gênio... A uma dimensão espiritual inferior é possível, sim, que, na condição de espíritos egressos da Terra, levemos algo do nosso conhecimento.
- E por falar em Conhecimento, com C maiúsculo falei, dirigindo-me ao Odilon -, os nossos irmãos que nos interpretam os comunicados mediúnicos estão a reclamar...
- Do que, Inácio?
- De que eu, como médico psiquiatra, tenho escrito sem terminologia adequada; estarão duvidando de que eu seja eu, porque não me refiro tecnicamente ao assunto.
- E por que não o faz?

- Primeiro, porque poucos entenderiam. Afinal de contas, eu estou me propondo escrever ao povo em geral; não estou preocupado com que me identifiquem ou não -; segundo, porque o médium à minha disposição não fala a minha linguagem acadêmica...
- A ignorância em torno do processo mediúnico é um entrave a sua melhor aceitação – pontificou o Dr. Wilson. – Quando estava no corpo, era-me comum ouvir dos opositores da Doutrina: - "Se os espíritos, de fato, podem se comunicar, por que Freud não dá seqüência ao seu trabalho através de um médium? Por que um grande cientista, à altura de Louis Pasteur, não revela a cura do câncer? Por que Albert Einstein não soluciona os enigmas da Física?..."
-
A mim – acrescentei -, indagavam por que Beethoven ou Mozart não tocavam piano nas sessões do Centro Espírita "Uberabense"... Outros ironizavam, perguntando por que os nossos médiuns não incorporavam o célebre tenor Caruso...
- Desconhecem, Inácio, que médium é *instrumento,* e o *instrumento* tem que ser adequado. O que o cirurgião, por exemplo, faria sem um bisturi, o escultor sem o cinzel?...
- Teriam que improvisar...
- O que, convenhamos, os descaracterizaria.
- Seria um desastre...
- A viola não substitui o violino para o violinista, e vice-versa.
- Bem colocado, Odilon – concordou o Dr. Wilson.
- Precisaríamos – prosseguiu o Orientador – que os físicos se fizessem médiuns para os espíritos dos físicos; que os químicos, os geneticistas, e assim por diante...
- ?Chico ?Xavier se fez médium para os poetas – observei. – O "Parnaso de Além-Túmulo" é uma obra digna dos maiores poetas da língua...
- Chico, a par de tantas aquisições, é também um espírito –poeta; se a Poesia não lhe corresse nas veias, os poetas desencarnados não teriam escrito por seu intermédio com tanta perfeição de estilo...
- Hoje – lembrou Adroaldo -, já temos médiuns músicos para os espíritos dos músicos e pintores para os espíritos dos pintores...
- Sim, e no mundo todo – aparteou o Dr. Wilson.
- No entanto, do ponto de vista doutrinário, deixam a desejar: não estão propriamente a serviço da idéia da imortalidade; mormente os estrangeiros...
- Nem os médiuns e nem os espíritos que por eles se expressam, ressaltou Odilon -; o que mais temos, Vida Espiritual, são espíritos livres-pensadores, descompromissados com a causa do Evangelho... A comunicação entre os Dois Mundos não é controlada por nós e acontece com maior freqüência entre sensitivos que agem de maneira irresponsável e espíritos que, às vezes, têm como único objetivo impressionar, qual se fossem atores habituados à ovação da platéia ...
- Embora não faça tanto tempo assim que deixei o corpo – disse Adroaldo -, tenho pensado seriamente em reencarnar...
- Voltar tão depressa para aquele "caldeirão" em ebulição?... – Brinquei, com a intenção de descontrair.

- Talvez por lá a nossa ação possa ser mais efetiva; sentir-me-ia mais útil...
- Mas você tem muita ocupação por aqui e, ao que sei, nada o impede de *subir*...
- Como, porém, Dr. Inácio, eu poderia fazê-lo?
- *Nós,* você deveria dizer! Ainda mais engajados como estamos nas atividades do Cristianismo Redivivo...
- E o senhor sabe que não é só: os nossos compromissos individuais nos requisitam a presença junto àqueles que permanecem na expectativa do nosso auxílio...
- A questão do carma é por demais complexa; concordo com você, Adroaldo, embora, de minha parte, se pudesse, sequer olharia para trás... Como, no entanto, cooperar com a Humanidade, furtando-nos de cooperar com o homem?
- Inácio – comentou o Dr. Wilson -, você tocou num assunto muito importante; todos os nossos irmãos de ideal deveriam estar mais atentos e, no anseio de modificar o mundo, não se esquecerem de transformar a paisagem à sua volta... Os nossos compromissos familiares são muito sérios, para que possam ser olvidados. Não se podem tomar no sentido literal as palavras do Mestre: "E todo que deixar, por amor do meu nome, a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por um e possuirá a vida eterna".
- Certamente, Jesus não pregava a dissolução da família, o que seria um retorno ao primitivismo...
- O Cristo – esclareceu o Mentor – pretendeu combater o excessivo apego ao convencionalismo social, em detrimento do amor que devemos consagrar a Deus. Mesmo na cruz, Ele não deixou de se preocupar com a sua Mãe, confiando-a à proteção de João! O problema é que nos doamos demais aos nossos interesses afetivos, o que, convenhamos, não deixa de ser uma manifestação de egoísmo. Amor a Deus e ao próximo – eis a síntese dos ensinamentos divinos!
- Por esse motivo – considerei -, muitos espíritos que, por assim dizer, acertam no atacado, erram no varejo: fora de casa, são missionários; dentro de casa, são espíritos comuns...
- Reconheço – disse ?Adroaldo – que cada espírito carece de vivenciar a própria experiência e que não o livraremos disso, mas, a semelhante pretexto, não devemos permanecer indiferentes... Eu não me recordo a quem pertencem as palavras: "Quando um homem cai, toda a Humanidade cai junto com ele; quando um homem se levanta, toda a Humanidade se coloca de pé!..."
- O Movimento Espírita – ponderou o Dr. Wilson Ferreira de Melo -, através de seus adeptos, necessita de ser mais coeso em seus propósitos; nós, os espíritas, precisamos deixar de ser tão personalistas...
- Concordo em gênero, número e grau – afirmei, não controlando a própria indignação. – O Espiritismo está repleto de cardeais e bispos reencarnados!... Ao longo da história, eu nunca soube de uma doutrina que suscitasse, entre os seus próprios seguidores, tantas dissenssões e polêmicas; os cristãos demoraram trezentos anos para começar a brigar entre si; os espíritas o têm feito praticamente desde o nascedouro! A que, Odilon – perguntei, virando-me para o amigo -, atribuir isso? Eu não compreendo...

- Inácio, façamos força para que conosco não seja assim! Se a nossa preocupação primeira for com a vivência do Evangelho, evitaremos ser pedras-de –tropeço para a Causa!...

CAPÍTULO 8

Conversamos, assim, animadamente, quando Maria Modesto Cravo, companheira de tantos anos de labor, interrompeu-nos com a notícia do que esperávamos não viesse a se concretizar:
- O conflito armado dos Estados Unidos da América contra o Iraque foi deflagrado; aviões Norte-americanos estão bombardeando Bagdá...

Houve entre nós um estado de consternação e, durante alguns segundos, nos mantivemos em silêncio, elevando os nossos pensamentos ao Criador.
- Os esforços diplomáticos foram em vão – comentou Adroaldo -; as conseqüências para o mundo serão desastrosas.
- A arbitrariedade dos países aliados, opondo-se a desaprovação da Onu, haverá de custar caro à humanidade – emendou o Dr. Wilson Ferreira de Melo -; doravante, quem haverá de aceitar a sua intermediação pacífica diante de qualquer impasse?...
- O Papa João Paulo II – disse Modesta – em um de seus últimos pronunciamentos, foi incisivo, afirmando que quem tomasse a iniciativa de guerra responderia perante Deus, a história é a própria consciência... Várias manifestações em favor da paz continuam sendo feitas no mundo todo.
- A pretexto de se lutar contra o terrorismo internacional – opinei indignado -, mais uma guerra que o homem trava em nome de Deus; ambição pelo poder, hegemonia política, fanatismo religioso...
- O presidente dos Estados Unidos, em sua declaração de guerra, evocou o nome de Deus, e o do Iraque, envergando seu uniforme militar, o de Allah – observou Modesta.
- Sempre foi assim ao longo do tempo! – Exclamei, alternando opiniões com os companheiros.
- Os primeiros civis já devem estar sendo mortos...

Até quando alguns poucos continuarão decidindo o destino de milhares? Como, de fato, a Terra é um planeta com características primitivas!
- Israel está temendo ser atacada com armas químicas e biológicas; as crianças estão indo à escola com máscaras de proteção...
- Infelizmente, a paz me parece cada vez mais distante e o futuro da Humanidade se compromete; em outros países são envolvidos diretamente na guerra, como no Brasil, por exemplo, a violência urbana vem se tornando insustentável...
- A falta de fé vem acentuando a insanidade mental das criaturas; o homem sem a perspectiva espiritual que o Espiritismo nos enseja, não se sente motivado a cuidar de si, a cultivar-se interiormente...
- Para onde estamos indo? – Questionei. – Se o conflito se generalizar, teremos dificuldades deste Outro Lado; a guerra influencia o psiquismo dos espíritos maldosos, que, então, se sentem incentivados à balburdia...

- Chegamos a um ponto – veja como são as coisas! – Que, agora, precisamos torcer para que o conflito se resolva mais rápido possível...
- O que, em outras palavras, Modesta, significa: que os mais poderosos militarmente se imponham depressa, visto que, quanto mais a guerra se arrastar, maior o risco de envolvimento de outras potências...
- DA china, da Coréia do Norte, e, principalmente, de outros países do mundo árabe...
- Se o s muçulmanos decidirem se unir será o caos!
- Enfatizei.

Neste momento, Manoel Roberto, que havia saído por instantes da sala, voltou com a informação...
- Dr. Inácio, nota-se já uma movimentação por parte de nossos irmãos que habitam as regiões espirituais mais densas, em alguns de nossos internos se mostram mais agitados...
- Redobrem a vigilância – solicitei, preocupado.
- É possível que muitas entidades, motivadas pelo inconsciente coletivo, venham ter à nossa porta; precisamos estar atentos... Em tempo de guerra espíritos oportunistas e saqueadores aparecem.
- Se o combate está acontecendo tão longe, como podem saber? – Perguntou Manoel Roberto.

Foi Odilon Fernandes quem, até então se conservando em silêncio tomou a iniciativa da resposta:
- O pensamento se propaga a longas distâncias e todos nós revelamos mais ou menos aptos para percebê-lo e, depois, Manoel, tanto quanto nós, as Trevas dispõem de meios de comunicação; porque a decisão do mal lhes pertence, ficam sabendo primeiro o que pretendem fazer... Em nossa atual condição evolutiva, torna-se difícil que nos antecipemos à sua intenção.
- }Qual o seu parecer a respeito de tudo isso, Odilon? – Indaguei ao benfeitor.
- A guerra não nasce de um instante para o outro; o atual conflito é uma conseqüência da opção que as nações vêm fazendo no curso do tempo... Não podemos, é claro, generalizar, mas, a rigor, do ponto de vista social. São poucos os países que investem na paz.
- No entanto, ao que estamos sabendo, as manifestações pacifistas estão sendo realizadas no mundo todo...
- A paz duradoura não se constrói de um dia para o outro; todos, sem exceção, devemos nos sentir responsabilizados pelo que está acontecendo e pelo que ainda virá a acontecer. Ante a iminência de uma catástrofe, os homens se mobilizam, mas – nos é lícito perguntar-, por que não o fizeram antes? Por que não se preocuparam anteriormente em dar o seu contributo pessoal ao entendimento entre os povos, começando no seio da própria família? Por que não se ocuparam, individualmente, em combater a fome e a miséria? Por que olvidaram os jovens sem oportunidade de trabalho e professaram esta ou aquela crença religiosa por mera formalidade? Por que a corrupção, o enriquecimento ilícito? A grande violência da guerra é o somatório das diminutas violências sociais praticadas no cotidiano. O vulcão não erupciona de

improviso; uma doença grave que se instale, quase sempre, é conseqüência de inúmeros desregramentos cometidos...

Promovendo ligeira pausa, ante a atenção que lhe dedicávamos à palavra, Odilon prosseguiu:
- Milhares, sim, querem a paz; outros milhares, no entanto, querem a guerra, na esperança de auferirem algum proveito pessoal; por desencargo de consciência, participam de passeatas e estendem faixas com frases de efeito, mas carregam o conflito dentro de si e não hesitam, por exemplo, em depredar o patrimônio público ou, a pretexto de justiça, saquear lojas e residências, farmácias e supermercados, sem a menor noção de respeito à propriedade alheia.
- Pelo que você expõe, sinceramente, eu não sei até onde o homem tem real interesse pela paz...
- Inácio, os que realmente se interessam pela paz não trabalham por ela apenas em tempos de guerra! Os que se empenham na construção do Mundo Melhor começam por reformar a si mesmos, tomando a Jesus Cristo como Divino Modelo. Muitos chefes de estado evocam o nome de Deus evasivamente... O Deus dos cristãos é o mesmo dos muçulmanos, quanto o dos israelenses o é dos palestinos. Os textos evangélicos não se reservam para serem citados na tribuna dos parlamentos, mas, sim, para serem postos em prática por aqueles que são chamados à responsabilidade de exercerem qualquer cargo de liderança na vida social.
- Dá-me a impressão de que a Humanidade teme o Cristo, ao invés de amá-lo...
- Amamos o Cristo, com o qual nos identificamos por sua Vida de lutas e dores, mas tememos a reação Dele diante dessas mesmas dores e lutas, ou seja, sua renúncia e desprendimento, seu perdão e seu amor... Admiramos a poesia do Evangelho, sua beleza ímpar é a transcendência de seus ensinos, mas também, de fato, temos receio de abraçá-lo, porque quem se disponha a braçar o Evangelho concorda em se doar a ele em definitivo; e entregar-se a Jesus significa tomar a iniciativa de ceder, de promover a solidariedade, de não fugir do testemunho, de trabalhar pela felicidade do próximo... Falamos em Deus com maior freqüência do que falamos em Jesus, porque concordamos que Deus é mesmo inacessível às nossas pretensões, ao passo que o Mestre é o exemplo imediato a ser seguido!
- Odilon – comentou o Dr. Wilson -, a sua observação é interessantíssima; eu sempre tive isso em mente, só que jamais o havia expressado em palavras...
- O Cristo não se trata apenas de uma divergência religiosa entre as criaturas, alguns aceitando-o como Messias e outros tão-somente na condição de maior dos profetas... A humanidade do Senhor nos apavora!... O fato de Ele ter nascido em berço pobre, ter vivido como um homem comum e por fim, ter sido morto na cruz, traçando o roteiro de nossa ascensão espiritual, nos induz a aceitá-lo, na condição de Mestre e Senhor, até um certo limite... ?Quem, afinal, estaria disposto a viver sem uma pedra onde reclinar a cabeça? Quem aceitaria passar pelo mundo, despojado de interesses e ambições, sem carregar sequer uma moeda nas dobras de suas vestes? Quem ofereceria a outra face para ser esbofeteada e faria

concessão ao inimigo? Quem seria capaz de amar, ao ponto de se imolar pela felicidade alheia?

Rematando suas considerações, o Instrutor aduziu com perspicácia:
- Os que defendem a idéia de que Jesus não tenha vindo em corpo de carne pretendem, inconscientemente, fugir ao dever de fazer o mesmo que Ele fez, ou seja: vivenciar o que Ele nos demonstrou ser possível ao homem que vive em idênticas condições! Querem tornar o seu exemplo inacessível à Humanidade, para que o homem não se sinta na obrigação de empreender tamanha mudança!...

CAPÍTULO 9

Despedimo-nos. O Dr. Wilson e nosso amigo Dr. Adroaldo tinham muito a fazer. Enquanto ambos se retiravam, prometendo estar novamente conosco assim que possível, Manoel Roberto os acompanhava e Odilon e Modesta, a meu convite, subiam comigo a uma das torres de vigilância do hospital, com a finalidade de observarmos a movimentação das entidades que perambulavam nas vizinhanças. Talvez os nossos companheiros no corpo estranhem, mas o fato é que nem todos os espíritos que nos rondam a instituição se revelam em condições de serem amparados por nós, sendo que muitos simplesmente recusam a se enternarem em um nosocômio de orientação espírita; o preconceito e o fanatismo, como tantas outras mazelas do ser humano, igualmente sobrevivem à morte e prosseguem entravando o progresso... Por outro lado é provável que muitos irmãos encarnados entendam ao que estamos nos referindo, visto que nem sempre lhes é dado, em seus núcleos de trabalho, socorrerem a todos os necessitados conforme nos solicita a caridade cristã. O estômago reclama o pão de imediato, todavia o mesmo não acontece com os que se revelam necessitados da luz: se o homem atendesse às suas carências espirituais com a prontidão que atende às do corpo, tudo seria diferente!

As vibrações, decorrentes das notícias que se espalhavam sobre a guerra, já começavam a formar nuvens espessas que se agitavam, quais gigantescas *formas-pensamento* no horizonte.
- O que estamos vendo parece uma imagem de ficção, não é, Odilon? – Perguntei.
- Todavia, Inácio, é mais que real – esclareceu o Mentor, continuando. – Nesse momento, a maioria dos nossos irmãos na Terra não está pensando em outra coisa; é possível, inclusive, que as redes de televisão estejam transmitindo, ao vivo, cenas do conflito, ensejando idéias e sentimentos que se plasmam e adquirem vida momentânea...
- Vida momentânea?
- Sim; o pensamento cria e a emoção anima... Tudo que se nos irradia da mente vive com a intensidade com que é pensado. Essas nuvens mentais que se adensam sem forma definida, assemelham-se a *entidades* que passam a requisitar alimento condizente com sua própria natureza. Não sei se estou conseguindo me expressar com clareza.
- Por favor, continue – solicitei.
- Todo processo obsessivo nutre a si mesmo e não se extingue enquanto um dos envolvidos não se recusa a dar-lhes alimento...
- Como uma tumoração maligna que, para se sustentar, aniquila o organismo, consumindo-lhe a vitalidade.
- A comparação é justa. Essas *formas-pensamento* suscitam nas mentes incautas, encarnadas e desencarnadas, outras *formas-pensamento*, estabelecendo um verdadeiro circuito de forças negativas que se mantêm umas às outras; os espíritos influenciam os homens na mesma proporção em que os homens influenciam os espíritos... Uma idéia infeliz é como se fosse uma semente de

treva: encontrando terreno propício à sua germinação, termina por se multiplicar.
- Então, a obsessão, na maioria das vezes, é facilitada... – Comentou Modesta.
- Os obsessores insistem e os obsediados facilitam... A brecha pela qual a tentação se insinua, a rigor, não é provocada por ela; o morador descuidado de uma casa, que deixa portas e janelas abertas, formula um convite ao salteador, que em outras circunstâncias, talvez não pretendesse assaltá-la. Nas nuvens que observamos ao longe, ensaiando de estender as maiores distâncias, sinistras explosões se verificavam e, qual se fosse trovões ribombando, aterradores lamentos ecoavam no ar...
- Os gritos de dor das vítimas inocentes da guerra já se misturam aos anseios de quantos temem que ela se propague pelo mundo – explicou Odilon.
- E também às motivações dos que a estão incentivando e promovendo, não? – Questionou Modesta.
- Sem dúvida; a guerra é igualmente uma peleja de itãs invisíveis em pleno espaço...

Dezenas de espíritos que podíamos ver da torre de vigilância do hospital encolhiam-se, temerosos, sem entenderem o fenômeno em todas as suas causas e conseqüências; muitos corriam à procura de abrigo, fazendo lembrar os habitantes de duma cidade na iminência de um bombardeio aéreo; outros, no entanto, erguiam o punho e blasfemavam aos Céus, dando-nos a impressão de que se sentiam felizes... Dentre esses últimos, alguns atiravam pedras e calhaus contra nossos muros, gritando palavras de ordem e desafiando-nos com o sinal da sinistra cruz suástica no peito nu.
- Adeptos do Nazismo por aqui?! – Perguntei, surpreso.
- A oportunidade enseja que nos revelemos em nossas tendências e inclinações; a hora da crise é aquela em que tiramos o disfarce e nos mostramos como somos... Os espíritos não se desfazem com tanta facilidade assim de antigas idéias e concepções que lhes enquistaram na mente; a filosofia racial em que o Nazismo se inspirou, levando o mundo a uma catástrofe, com muitos adeptos...
- Somos nós mesmos que criamos os "monstros" que nos devoram...
- Correto, Inácio, é que nos mantêm cativos por séculos... Passado mais de meio século, o Nazismo, tanto entre os homens quanto entre os espíritos, é uma realidade da qual não nos livraremos tão cedo; as trevas não desistem facilmente de seus instintos: se as circunstâncias o favorecerem, a brasa que não se apagou sob as cinzas reavivará as chamas da fogueira... Nenhuma guerra, os soldados não se limitam a combater; colocando, então, de lado as execuções à regra, saqueiam e cometem atos de crueldade que extrapolam as suas funções militares... Quase todos somos assim.
- É uma lástima semelhante constatação! – Exclamei.
- Por esse motivo, a necessidade de constante vigilância, pois, às vezes, não nos igualamos aos fora-da-lei, por falta de oportunidade...

Em estado de visível demência, as entidades que conseguiam nos avistar prosseguiam nos ameaçando, certamente na expectativa de que a guerra ganhasse maiores proporções e as favorecesse:

- Os seus muros vão cair! – Gritavam. – Receberemos reforço e invadiremos... Fujam enquanto é tempo! A Terra é propriedade nossa; não nos creiam derrotados... Hitler nos reconduzirá à vitória!

- O curioso, Odilon – comentei -, é que esses espíritos não participaram diretamente da Segunda Grande Guerra Mundial e sequer viveram na Alemanha...

- É para que vejamos como o mal se propaga e como nos identificamos *por fora* com aquilo que trazemos *por dentro;* o Nazismo foi e continua sendo muito mais que uma atividade política, sob a inspiração de uma filosofia materialista: pretendia-se mais do que, por exemplo, simplesmente eliminar os judeus... O que Hitler e seus sequazes tencionavam era espalhar o terror e exterminar a idéia de Deus; a suástica é qual a cruz do Cristianismo com as extremidades retorcidas, voltadas para si, transformada em símbolo do egocentrismo!... A cruz em que Jesus pereceu, através de sua trave horizontal, abraça toda a Humanidade e, da vertical, une a Terra ao Céus; a suástica é a deformação dos ideais do Evangelho e, investindo contra os judeus, a pretexto de impor uma raça ariana pura, Hitler, instrumento passivo do Mal, que representava, quis expulgar por completo da face da Terra o povo de o Senhor descendia, para que não restasse Dele no mundo qualquer traço de sua presença... Tem-se a impressão de que os alemães eram a reencarnação dos filisteus, que Davi derrotou ao abater o gigante Golias, que escarnecera de sua compleição franzina e de seus cabelos ruivos.

- A luta dos séculos e séculos atrás, então, se repetiu? – Indagou Modesta, que nos seguia, atenta ao diálogo.

- Sim e, de certa forma, está se repetindo na atualidade; o Cristianismo se expandiu, mas os cristãos ainda não se entendem; os filisteus se converteram, no entanto a disputa pelo poder continua... Os pretextos alegados são outros, as intenções são as mesmas; no fundo, o que se guerreia é a idéia que Jesus veio implantar entre os homens.

- Quer dizer que aqueles espíritos não progrediram? – Tornou a companheira do Instrutor.

- Ninguém se isenta às Leis da Evolução; é claro que, embora lentamente, tais espíritos avançaram, todavia são poucos os que lograram romper com o ciclo vicioso das experiências que, desde então, vêm vivenciando. Ao contrário do que se imagina, não há quem, de um século para outro, se modifique tanto assim, ou seja, o espírito pode ser comparado a uma região árida que, um dia, se tornará fecunda, como poderíamos dizer que, um dia, o Saara será um jardim!... Raros são os que verdadeiramente despertam e, depois, não voltam a adormecer... As aquisições do espírito consomem mais tempo que as do corpo físico. Se até hoje o organismo humano se encontra em fase de elaboração do ponto de vista genético, estamos mais próximos do que éramos primitivamente do que deveremos ser no futuro. O que dizer do espírito, dono de infinitas possibilidades de expansão?

- Talvez seja por isso – considerei – que muitos contestam a autenticidade da Reencarnação, afirmando que os espíritos sempre são outros e não os mesmos; alegam que, se os espíritos fossem os mesmos a reencarnar, desde épocas remotas, já era tempo de que se apresentassem mais aperfeiçoados... O problema é que a evolução moral é lenta e tem-se a impressão de que, inclusive, ela não acontece: a inteligência seria um patrimônio herdado, daí o progresso tecnológico...

CAPÍTULO 10

-Inácio, é a interpretação materialista das coisas – explicou Odilon. – Poucos são os espíritos que vêm se acrescentar à coletividade terrestre oriundos de outros orbes e os que foram guindados ao patamar da Razão, depois de terem estagiado por milênios nas faixas primárias da evolução; os espíritos que habitam presentemente o Planeta estão ligados a ele desde os seus primórdios, ora na condição de encarnados, ora na de desencarnados – milhares permanecem sonolentos, rodeando a sua psicosfera, sem que, às vezes, logrem reencarnar antes de um período de tempo que varia de cem a trezentos anos...
- E os que reencarnam sem real proveito?
- É o que, infelizmente, mais acontece: espíritos que têm várias oportunidades consecutivas no corpo e não conseguem sair da vulgaridade; não pensam em si como essência, não buscam transcender, não se interessam, enfim, pelo que não diz respeito às suas necessidades de sobrevivência física...
- E por que a religião não consegue fazer nada por eles? – Interrogou Modesta.
- Porque as religiões dominantes se apegam mais à letra do que ao seu espírito; não nos esqueçamos de que, durante séculos, a Igreja proibia a interpretação do Evangelho; a concepção de que Jesus se imolou para nos salvar, como que nos eximia de todo e qualquer esforço de redenção pessoal...
- Eximia-nos e ainda nos exime...
- Sem dúvida, Modesta – prosseguiu Odilon -, porque se contam aos milhares os que vivem à espera de uma transformação miraculosa... A idéia de um Céu de fácil acesso custará muito a sair da cabeça dos que não aprenderam a pensar por si mesmos. Nesse sentido, a missão da Doutrina Espírita é extraordinária, todavia as verdades que veicula não serão assimiladas por todos, mas apenas por aqueles que estiverem exatamente à procura das respostas que ela lhes oferece às indagações. O Espiritismo – é bom que o digamos aos nossos irmãos encarnados – ainda não mereceu um ataque maior das Trevas porque, se assim podemos nos expressar, as próprias Trevas não acreditavam na sua capacidade de conscientização das almas; tímido e anônimo no princípio, transferiu-se da França para o Brasil, onde se aclimatou espiritualmente, mas vem sendo considerado uma cultura de terceiro mundo pelos países europeus... No entanto, nenhum de seus adeptos faz idéia da sutileza do ataque que, de uns tempos para esta parte, lhe é movido por seus opositores que, agora, principalmente depois do advento de Chico Xavier, vêm se preocupando com o seu crescimento. E não nos iludamos: a *infiltração* tem sido realizada através dos canais da mediunidade; os espíritos que nos adversam a Causa prevalecem-se da invigilância dos médiuns e criam áreas de conflitos doutrinários; o arsenal de que os seus inimigos dispõem é extremamente diversificado; além do mais, temos sido chamados a lidar com o mediunismo, prática pertinente não à doutrina, mas às seitas afro-brasileiras, em que a Umbanda, o Candomblé e o Catolicismo se fundiram... Tudo nos impõe o seu ônus. O

Espiritismo foi bem acolhido no Brasil, todavia a simplicidade do nosso povo vem sendo explorada pelos espíritos interessados em estabelecer a confusão, deturpando-lhe a Mensagem Libertadora; os veículos da imprensa leiga não fazem a menor questão de clarear o assunto, de vez que a maioria se encontra a serviço de facções religiosas e políticas interessadas em lucrar com a ignorância de nossa gente...

Apesar sucinta, a explanação de Odilon não podia ser mais clara. E, aos motivos apontados por ele, ainda vinham se somar o personalismo e, consequentemente, a falta de união dos espíritas que, inconscientes na trama urdida pelas Trevas, permitem fazer-se instrumentos contra o próprio ideal.
- Dr. Odilon – argüiu Modesta -, em sua opinião, o que o espírito encarnado pode fazer para melhor aproveitar as lições do educandário terrestre? Pelas suas dissertações, com as quais, evidentemente, concordo, a evolução do espírito se processa com lentidão; que providências poderiam ser tomadas no sentido de acelerar o progresso?...
- O espírito que toma consciência de que deve crescer – e isso é válido igualmente para nós, os que ainda integramos a comunidade dos que se vinculam ao orbe em que somos chamados a realizar Deus em nós -, necessita se esmerar no cumprimento de suas obrigações cotidianas, que lhe refletem o carma; ou seja, no âmbito de nossas próprias atividades familiares, profissionais, sociais e espirituais, contamos com todas as oportunidades que a Vida nos possibilita para que deixemos de marcar passo nas sendas evolutivas... Mais uma vez, recorremos ao abençoado exemplo do Cristo, que exerceu as funções de anônimo carpinteiro, dialogou com pessoas simples de sua convivência, requisitou humildes representantes do povo para o apostolado, amparou os necessitados que viviam à sua volta... O Senhor não se revelou aos homens em sua grandeza espiritual, aguardando condições especiais para fazê-lo! A rigor, não é a tarefa em si que nos destaca, mas, sim, o modo com que a desempenhamos. A expansão do espírito não é um fenômeno externo; na conquista de nós mesmos está o verdadeiro caminho da ascensão que pretendemos!
- Em suma – apartei -, o segredo está em fazermos da melhor forma possível o que nos é concedido fazer...
- Estamos sempre, Inácio, em nosso melhor *momento evolutivo...*
- Mesmo os que praticam crimes hediondos?
- Mesmo eles, os que não optaram corretamente; antes de cometer qualquer desatino, o espírito tem tempo suficiente para refletir e escolher. Não há ninguém desprovido de livre-arbítrio.
- Mas e as influências espirituais perniciosas a que eles sucumbem?
- No mínimo, existem na mesma proporção do que aquelas que procuram influenciá-lo positivamente; as Leis da Vida não nos deixariam à mercê do Mal!... Se as próprias criaturas se importam com a influência do meio sobre a formação do caráter, por que o Criador não se importaria? Se não pudéssemos resistir à opressão que nos induz à criminalidade, não poderíamos ser

responsabilizados. Agora, é claro que a responsabilidade pelo erro cometido está na direta razão dos esclarecimentos que se possuem.

- Então indagou Modesta, tão interessada quanto eu em ouvir as palavras do Mentor, aproveitando a sua estada conosco -, a ociosidade é um dos maiores entraves no caminho do nosso crescimento espiritual?

- O maior de todos! O comodismo faz com que o espírito consuma em vão, que, se melhor aproveitado por ele, o subtrairia à quase inútil repetição de experiências – quase inútil porque não podemos afirmar de qualquer experiência lhe seja de todo inútil; o fruto que se recusa a amadurecer por si, de tanto se expor aos raios de sol, acaba mudando de tonalidade...

- Mas não terá o mesmo sabor – observei.

- Sem dúvida; acontece, porém, que o espírito é muito mais que um simples fruto que não amadurece no tempo devido... Incidindo sobre ele a dor consegue induzi-lo ao indispensável amadurecimento preservando-lhe as qualidades intrínsecas.

- Talvez, por esse motivo – gracejei -, o homem que realmente sofre é sempre mais doce...

- Conheço muitos, Inácio – aparteou |Modesta -, que são extremamente amargos...

- É que ainda não se expuseram o suficiente ao calor da provação! – Respondeu Odilon. – Quem não sofre o bastante, não se quebranta. Em alguns espíritos, sofrimento pouco produz rebeldia!...

- Você tem razão, Odilon – afirmei,. – Pelo menos no que se refere a mim, o sofrimento de todo dia é que foi me abrandando; por fim, as frustrações acrescidas ao inevitável desgaste físico, proveniente de cruel mas remissor processo oncológico no cérebro, surtiram interessante efeito...

- Comigo, conforme sabem, aconteceu diferente – disse Modesta. – O câncer inesperado ao qual, pela minha condição de espírita e de médium, eu me julgava imune, provocou em mim uma indispensável revisão de valores; intimamente, o tumor que me provocou o desenlace, me fez crescer... Às vezes, a gente se ilude quanto ao próprio valor. Cheguei à conclusão de que ser espírita e médium não me tornava um espírito diferente...

- Ser espírita não é um atestado de elevação espiritual, e muito menos médium! – Exclamei. – De fato, o que importa é o espírito com as suas virtudes e aquisições. Graças a Deus, eu tive oportunidade de viver no corpo por quase noventa anos!... Aos poucos, fui acompanhando o meu declínio físico e intelectual... O enfisema pulmonar crônico me fazia esperar pela *morte* todos os dias; de forma que, de maneira providencial, gradualmente fui me desapegando de tudo, inclusive do corpo desfigurado pelo tempo. A cada manhã, quando me levantava e me olhava no espelho – aquela face descorada e olheiras profundas! -, eu pensava no Inácio que, àquela altura só existia nas fotografias antigas... A velhice é uma bênção! Quem tem a oportunidade de envelhecer e de se ver às voltas com muitos achaques e limitações deveria agradecer... Você não acha, Odilon?

CAPÍTULO 11

- Certamente, Inácio – confirmou o amigo -; quem *morre* sem ter tido oportunidade de pensar na *morte*, enfrenta embaraços deste Outro Lado... Todo homem deveria, sem morbidez e aflição, pelo menos uma vez por semana pensar na possibilidade de *morrer*, ou seja, de deixar o corpo de um instante para outro.
- Isso não lhe traria problemas de outra ordem, como, por exemplo, descaso pela Vida? – Perguntei.
- Segundo deduzo, tal exercício lhe seria mais benéfico que prejudicial, mormente aos que concentram todas as suas aspirações na existência física, tão fugidia quanto um relâmpago que corta os céus em noite tempestuosa. Porque não admite, para si mesmo, a possibilidade de *morrer*, o homem mentalmente não se predispõe a viver com senso de eternidade; quando a morte do corpo lhe sobrevem, o encontra completamente despreparado: é no corpo que o espírito se elabora! A experiência material é uma espécie de *incubadora* para o ser, mas que não funciona a contento para aqueles *pintainhos espirituais* que não tomam a iniciativa de quebrar a casca do ovo...

Neste trecho de conversa, Manoel Roberto, que se dispusera a acompanhar o Dr. Wilson e o Dr. Adroaldo, regressava com a notícia de que alguns dos nossos internos se mostravam excessivamente agitados.
- É conseqüência da agitação lá de fora, que, por sua vez, é conseqüência do que os homens estão aprontando *lá embaixo* – comentei -; os nossos irmãos encarnados não se contentam em criar problemas só para si; não sabem que até as bombas que explodem emitem radiações que podem nos alcançar... Os artefatos nucleares sobre Hiroshima e Nagasaki, ao que estamos informados, tiveram repercussão nas regiões espirituais próximas às duas cidades: muitos espíritos apresentaram lesões em seus corpos e tiveram que ser tratados – as lesões se pareciam com extensas e profundas queimaduras -; isso, evidentemente, sem nos referirmos aos transtornos mentais ocasionados tanto nos que deixaram o corpo de carne diretamente atingidos quanto nos que, fora dele, sofreram com impacto da explosão...

Enquanto nos dirigíamos para os pavilhões, com o propósito de tomarmos as devidas providências, Odilon, com base no que eu havia dito, observou:
- O átomo, em seu arcabouço físico, tem uma estrutura espiritual; as partículas atômicas representam sutilíssima concentração de energia; se a Física vem comprovando que a matéria é energia "capturada", é natural que, quando liberada, essa energia retorne à sua condição primitiva: se liberada serenamente, retorna com serenidade; se com violência, o faz com a mesma intensidade... A guerra ou uma catástrofe em determinada região do Planeta suscitam alterações na dimensão espiritual correspondente – alterações que serão mais ou menos radicais, de conformidade com a força que as

determine. Já o dissemos e repetimos: as duas esferas, a material e a espiritual, coexistem e integram física e moralmente; as leis que regem os princípios da matéria correspondem às que regem os princípios da Vida Espiritual –a *morte* não é um abismo intransponível entre os Dois Planos e não existe, entre uma condição e outra, qualquer solução de continuidade... O menor movimento de um corpo, de um inseto, por exemplo, repercute no movimento do Universo; o pensamento ondula e a emoção reverbera... Tudo ecoa de forma correspondente. A Criação vive em regime de total interdependência!

- Se não fosse assim, a gente não se preocuparia uns com os outros, não é? – Questionou a companheira.

- Ora, Modesta – respondi -, se sendo assim a gente já não se preocupa, imagine se não o fosse!... O egoísmo imperaria em todos os quadrantes do Universo e viveríamos em meio ao caos!

- Quando o homem tomar consciência de que o lixo que atira nas ruas é um crime contra a Natureza, a Terra deixará de ser um planeta de provas e expiações – disse Odilon.

- Até lá, ainda teremos que percorrer alguns séculos, não?... No mínimo, 500 anos! – Exclamei, num cálculo otimista.

- Teremos que nos educar e tomar a iniciativa do exemplo... Só a idéia da Reencarnação na cabeça do homem poderá salvar a Humanidade do extermínio! Se ele continuar dando de ombros ao Amanhã, as gerações futuras estarão ameaçadas.

- Que seremos nós próprios, de volta ao campo semeado; isto é, se tal nos for possível, pois poderá ocorrer que sejamos expurgados pelo ventre da Mãe-Terra, que vimos conspurcando ao longo dos séculos...

Antes que nos inteirássemos da situação no Hospital, em decorrência dos problemas mencionados, com os quais, particularmente, eu já havia me habituado, desde a experiência vivenciada à frente das atividades do Sanatório Espírita, demoramo-nos por mais alguns instantes num dos saguões da instituição, conversando em torno do assunto que nos monopolizava a atenção.

- Dr. Odilon – solicitou Modesta -, fale-nos um pouco mais sobre a questão da ociosidade, que atrasa o espírito em sua caminhada; preocupo-me com familiares e amigos que deixei no mundo, com os quais tenho instado quase inutilmente para que se esforcem...

- Não é só você que padece desse *mal* – disse, em complemento às palavras da abnegada irmã -; quando ainda encarnado, eu me cansei de insistir com integrantes da própria família e mesmo com amigos para que ligassem maior importância às questões espirituais; alguns aderiram ao Espiritismo, tornando-se seus adeptos teóricos, mas, na prática, não quiseram assumir compromisso com ele...

- O conhecimento espírita nos leva a sair do lugar comum e o homem naturalmente se opõe a tudo que o convida à indispensável renovação: de hábitos, de idéias, de convicções...

- Para mim – observei -, é simplesmente preguiça; com raras exceções, ninguém quer deixar a rotina: há quem se torne escravo do relógio e cronometra todos os seus passos...

- Sei a que você está se referindo, Inácio – ponderou o Instrutor -, e digo-lhe tratar-se de uma compulsão obsessiva relacionada com o tempo... Por outro lado, existem aqueles que ainda não aprenderam a valorizar a bênção do minuto.
- Alguns são obcecados pelo tempo e outros o menosprezam; poucos os que já conseguem administrá-lo com proveito...
- Os obcecados não sabem improvisar, vivendo na expectativa de uma hora e outra; os que não consultam os ponteiros do relógio chegam a ser irresponsáveis...
- Conheci pessoas – aduzi – que tinham hora para tudo – para se levantar, tomar café, ler o jornal, sair para um passeio... -, menos para comparecer à sessão no centro espírita... Tomavam o café da manhã e se punham a conversar no banco da praça até à hora do almoço: eram metódicos ao extremo... Outros que também conheci, acendiam um cigarro e, olhando as espirais de fumaça, sequer se davam conta do dia da semana em que estavam...
- Às vezes, Inácio – comentou Modesta -, quando saía pelas ruas, com a finalidade de resolver um assunto qualquer, eu fazia questão de caminhar observando as pessoas – não as pessoas em si, mas os seus espíritos; não me interessava saber de que modo estavam vestidas, se de pé, ou sentadas: fixava-me em suas faces e procurava auscultar-lhes os pensamentos...
- Eu também já fiz essa experiência... Os mais compenetrados eram os que discutiam questões ligadas a dinheiro ou... falavam da vida alheia!
- A maioria, no entanto, olhava vagamente para o que lhes acontecia ao redor...
- Olhava sem ver...
- E falava sem pensar...
- Lábios articulando palavras apreendidas...
- E ouvidos sem memória...

Odilon sorriu e retrucou:
- Ora, não exagerem; daqui a pouco, vocês irão dizer tratar-se de...
- corpos sem cabeça! – exclamei, adiantando-me.
- Mas, de fato, Doutor – endossou-me Modesta -, era a impressão com que eu também ficava; ora, o Espiritismo nos ensina que o corpo é um simples apêndice do cérebro, ou seja: o espírito, que é inteligência e sentimento, se situa mais particularmente no cérebro, que comanda as demais funções do organismo...
- E você, qual me ocorria, notava, em suas andanças, um punhado de corpos sem cabeça, não é?
- Compreendo o que estão dizendo – esclareceu Odilon -; veja-se quanto o espírito é prisioneiro a matéria: ele tem um cérebro que ainda não pode usar!...
- Não pode?! – Perguntei.
- Digamos que ele esteja aprendendo a "pilotar a espaçonave"... O que não faria uma criança na cabina de comando de um avião? À medida que o espírito tomar consciência de si, apropriar-se-á das possibilidades virtuais de sua quase infinita capacidade de raciocinar...

CAPÍTULO 12

- Somos deuses – concluiu o Mentor -, mas ainda deuses não somos!
- É impressionante – disse Modesta – a incapacidade de o espírito encarnado fixar o pensamento!...
- Como eu me cansava, quando me debruçava sobre os meus livros de Medicina ou, então, me dispunha a escrever qualquer trabalho doutrinário para livro ou jornal! Se não ficasse atento, perderia o fio da meada... Quantas vezes estaquei, de lápis na mão, sobre o papel e nada nenhum pensamento, nenhuma inspiração; e olhem que eu orava antes, pedindo a intercessão do Alto...
- Em termos de sintonia – esclareceu Odilon -, estamos longe de nos compararmos ao grande rio que se despeja no oceano; somos diminutos filetes d'água, que qualquer calhau que se lhes atire no leito é capaz de interromper-lhes o curso... Eis o problema básico da mediunidade: para uma melhor recepção, o medianeiro necessita de exercitar-se em suas faculdades intelectuais, oferecendo "cérebro" aos espíritos comunicantes...
- Todavia – ponderei – os espíritos comunicantes, por sua vez, igualmente precisam "ter cérebro" para os médiuns, não é?
- Sem dúvida, em mediunidade, espírito e médium agem por conjugação de esforços; um pode suprir a deficiência do outro, mas não suprimi-la...
- Voltando ao que lhes dizia – retomou Modesta a palavra -, ao observar as pessoas nas ruas, muitas vezes eu as via como se fossem *crisálidas* no casulo carnal, em penoso e difícil processo de metamorfose... Então, ao mesmo tempo vendo-me refletida nelas, lamentava minha própria situação espiritual, que, a rigor, somente diferia do comum das pessoas devido ao conhecimento espírita que eu já possuía.
- O conhecimento espírita nos desentorpecem as faculdades! – Exclamei. – Se não fosse pelo Espiritismo, eu teria sido um médico medíocre e, o que é pior, cheio de presunção.
- Por esta razão – considerou Odilon -, devemos ser pacientes com os nossos irmãos que ainda "dormem"; a nossa obrigação é a de prosseguirmos cooperando para que despertem, e todos haverão de fazê-lo no momento que lhes seja justo. Ninguém imporá aos outros o seu modo de ver as coisas; o ângulo de visão com que enxergamos a Vida é pertinente a cada um de nós!...
- Eu fico pensando, meu amigo, naqueles nossos irmãos de ideal que, segundo parece, se especializaram em criticar o trabalho dos outros; se eles fizessem idéia de quanto, por exemplo, um médium tem que se esforçar para cumprir seu dever, seriam mais condescendentes... Alguns são tão impiedosos e intolerantes!...
- Ignorantes, Inácio, ignorantes – corrigiu-me Odilon.
- Que seja – ignorantes! -, no entanto chegam a cometer um verdadeiro crime, visto que, não raro, inoculam o veneno do desânimo na alma de muita gente que se não estivesse lutando na Doutrina, estaria completamente entregue à inércia. Infeliz daquele que servir de pedra-de-tropeço no caminho de alguém! E muitos o fazem por sentimento de inveja...

- Sinceramente – concordou Modesta -, eu teria medo de ser médium na Terra nos dias de hoje!
- Cumpramos, da melhor forma com o que nos cabe e estejamos mais atentos à voz da consciência, que à dos homens – pontificou o Mentor. – Ninguém é infalível no que faz ou no que fala!
- O problema, no entanto, Doutor, conforme o senhor sabe, é que muitos que estão travando agora os seus primeiros contatos com o Espiritismo, depois de séculos e séculos de descaminhos, se sentem decepcionar pelos que são espíritas há mais tempo, em se retraindo, quando haverão de novamente dele se aproximar? Às vezes, os espíritos que lhes querem bem pelejaram exaustivamente para colocá-los em contato com a Doutrina, criaram situações que o favorecessem, mobilizando influências no Mundo Espiritual e esperando a época oportuna, assim como o agricultor espera pelo vicejar da semente lançada à terra...
- Para aparecer alguém e colocar tudo a perder, não é, Modesta? Eu não sei o que o Odilon tem a dizer, mas, no que me compete, eu o mandaria às favas... O Espiritismo não tem dono e a Mediunidade também não! Se, na condição de espírita, tivesse que prestar obediência a alguém, eu não seria espírita! Vocês me conhecem e, neste ponto, sou radical. O dia em que o Espiritismo tiver chefes, ele estará perdido! Se as nossas instituições se transformassem em igrejas e o nosso Movimento se hierarquizasse, até logo! Eu estaria me despedindo; não seria, de fato, uma grande perda, mas continuaria sendo espírita ao meu modo, em qualquer parte do mundo.
- Calma, Inácio! Isto não vai acontecer – falou o companheiro, desconcertando-me com o sorriso que lhe é peculiar.
- Realmente, não vai, pois seria o cúmulo, mas, se não permanecermos vigilantes – *vivos e mortos* -, esse "pessoal" intelectualizado acabará com tudo, - falsamente intelectualizado, diga-se de passagem. A gente tem que tomar cuidado, porque , senão, se torna um personalista às avessas, mas lá no Sanatório mesmo eles tentaram se infiltrar em todas as formas... O espírito obsessor a gente sabe que é obsessor; o adversário da Causa a gente sabe que é adversário; mas o espírita que, a pretexto de defender a pureza doutrinária, é um lobo em pele de cordeiro... Por esse motivo é que eu não aceitava ingerência no Sanatório; se tivesse fraquejado, eles não teriam esperado que desencarnassem, a fim de me colocarem para fora!...
- Apesar de não ligar para o que dizem, Inácio, às vezes eu me entristeço com o que, deste Outro Lado, ouço um ou outro companheiro comentar da Terra sobre a minha atuação como espírita e como médico... Acusam-me de ter sido uma médium sem doutrina e uma espírita vaidosa, que estimava cuidar em excesso da própria aparência; há, inclusive, quem faça insinuações maledicentes a meu respeito...
- Se esse pessoal tivesse sustentado a luta que sustentamos e recebesse as injúrias que recebemos do inimigo do Espiritismo!... Não se aborreça, Modesta, cada qual prestará contas à consciência e, como você sabe, mesmo que não queiramos, a morte nos induz à inevitável introspecção... A menor acusação que lancemos contra

alguém nos permanece ecoando nos recônditos do ser e a razão, de fato, nunca está ao lado de quem critica com escusa intenção.

- O Inácio disse bem, minha irmã – ponderou Odilon, com tranqüilidade -; os que assimilam o espírito da Doutrina não fazem referências descaridosas sobre quem quer que seja, pois sabem que a palavra leviana repercute com força semelhante a de um atitude intensa... A palavra é a precursora da ação; quem pensa e fala de maneira direta ou indireta acaba fazendo e, portanto, assume a responsabilidade pelas conseqüências.

- A verdade é que todos ainda não passamos de um bando de insanos – esta é a minha opinião. – À custa de censurar os outros, apontando-lhes os erros e mazelas, disputamos a Preferência Divina, querendo, a qualquer preço, chegar primeiro ao ponto que nos compete; agimos quais fôssemos "espermatozóides pensantes", em disputa acirrada para, finalmente, alcançar o "óvulo" e fecundá-lo. Que morram os demais! Não são problema nosso! Não procuramos, aos olhos de Deus, nos destacar pelo próprio valor, mas, sim, desmerecendo os "concorrentes"; somos filhos tão personalistas, que queremos o colo do Pai só para nós, mesmo que, para tanto, tenhamos que atentar contra o direito dos nossos irmãos...

Odilon, sorrindo dos meus argumentos, considerou:

- Inácio, não se trata propriamente de insanidade, mas de paixão que ainda não virou amor; a paixão nos desequilibra temporariamente... Amamos tanto a Deus, mas não compreendemos o amor com que O amamos ou devemos amá-lo, pois que O amamos com um sentimento que é contrário ao verdadeiro amor – o de posse exclusivista! Disse-nos o Senhor: "Porque quem se exaltar será humilhado e quem se humilhar será exaltado". O nosso real interesse por Deus é mensurado pelo interesse que dispensamos ao próximo; pretendendo tirá-lo do nosso caminho, evitamos o degrau de ascensão,aos Páramos que almejamos atingir... Sozinho, ninguém chegará a Deus! Os Espíritos Superiores que retornam à Terra não o fazem apenas com o propósito de nos auxiliar, mas, igualmente, com o de, em nos auxiliando, dar seqüência à sua maior identificação com o Criador; quanto mais nos elevamos na escala evolutiva, mais nos sentimos responsáveis pelos que se movimentam na retaguarda. Do amor a um só, devemos passar ao amor pela Humanidade inteira e, desta, para o amor por todos seres do Universo! Somos predestinados a amar eternamente!... Apenas o amor de Deus se basta! O amor do homem, mesmo depois de angelizado, jamais haverá de contentá-lo. É nisso, Inácio, que se resume o Eterno Prazer ou, por outras palavras, a Eterna Alegria. Quando logramos estender a nossa capacidade de amar para além dos próprios limites, a renúncia não nos imporá nenhum tipo de sofrimento e, a exemplo do Cristo, o martírio na cruz será a nossa suprema realização!

CAPÍTULO 13

Odilon Fernandes tinha o dom de transformar qualquer discussão menor em preciosos ensinamentos.

Os gritos nos pavilhões haviam se intensificado e diversos enfermeiros iam e vinham, tentando acalmar os mais exaltados.

Na companhia de Odilon e Modesta, caminhei pelos corredores com a intenção de que, em nos vendo, a nossa simples presença os aquietasse. Alguns, em melhores condições, mas igualmente apreensivos com a agitação reinante, nos interpelavam:
- Dr. Inácio – adiantou-se um deles -, é verdade que o mundo está em guerra? A notícia se espalhou e estamos com receio...
- O mundo sempre esteve em guerra, meu irmão – respondi. – Não se preocupe; trata-se de um conflito isolado e, esperamos, sem maiores conseqüências.
- I o que está acontecendo lá fora?... Tememos por uma invasão. O Hospital está sitiado?
- Alguns grupos de arruaceiros – nada mais do que isso. Tranqüilize-se e tranqüilize os companheiros; tudo está sob controle...
- É mentira! – Gritou um dos mais agitados de dentro de uma cela.
– É a Terceira Guerra Mundial que está começando; não nos enganem!... Tudo está previsto no Apocalipse: "... E disseram aos montes e aos rochedos: cai sobre nós, e escondei-nos na face daquele que se assenta no trono, e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande dia da ira deles..." Finalmente, seremos libertados!

Outro, batendo com violência na porta, como se tencionasse quebrá-la, pedia com insistência:
- Abram! Deixe-me sair... Eu não vou esperá-los; sei que eles querem me pegar... Dêem-me uma arma, para que eu possa me defender. Os nazistas estão lá fora... Salve-se quem puder! Isto aqui está mais para campo de concentração do que para hospital...
- Dr. Inácio, Dr. Inácio! – Interpelou-me uma das internas que já estagiava nos serviços de enfermagem.
- Onde é que está acontecendo a guerra? Tenho três filhos e cinco netos por lá... É verdade que o Brasil também está sendo atacado?
- É simples boato, minha irmã; acalme-se!... Os seus filhos e netos estão bem. E, mesmo que a guerra estivesse envolvendo o Brasil, qual o motivo de tanta aflição? Você sabe que a morte não existe...
- Doutor, a morte não existe, mas eu não quero que eles sofram... E, depois, eu ainda não estou em condições de valer a eles. Se um deles deixasse o corpo em circunstâncias trágicas, para onde iria?
- Confiemos em Deus! Assim como você foi amparada, eles seriam amparados... Não dê ouvidos à boataria. Auxilie-nos a manter a ordem.

- Eu vejo, eu posso ver as nuvens escuras que pairam no horizonte – bradou uma outra, como se estivesse a profetizar.
- Arrependei-vos! Logo as trombetas haverão de soar... Os homens hão de pagar pelos seus pecados! O fogo há de lhes purificar a alma... Nós não estaremos isentos da ira do Senhor! Blasfemadores, a culpa é inteiramente vossa!... A heresia que se pratica nesta casa chegará ao fim... O Inferno espera por todos os ímpios! Eu vejo a grande destruição que se aproxima... Arrependei-vos e sereis salvos!
- Doutor – informou-me Manoel Roberto -, o Flávio caiu numa nova crise... Seria bom que o senhor viesse vê-lo.
- Por favor – Solicitei ao diligente companheiro -, coloque uma música ambiente em baixo volume e prepare o microfone para que, dentro de alguns minutos, eu fale aos internos.

Dirigindo-nos para onde o mencionado paciente se encontrava isolado, eu, Odilon e Modesta impressionamo-nos ao vê-lo completamente transtornado, fitando-nos com os olhos injetados de sangue a saltar para fora das órbitas.
- Quem são vocês? – Perguntou com ambas as mãos crispadas, contendo-se a custo em sua ânsia de agredir-nos, só, com certeza, não o fazendo pela presença moral dos dois irmãos que se impunham e se apressaram a envolvê-lo com as suas vibrações de paz.
- Você não está me reconhecendo, Flávio? – Indaguei, tentando fazer com que recobrasse o mínimo de lucidez. – Sou eu, o Dr. Inácio Ferreira, seu médico e amigo; tranqüilize-se, para que possamos conversar... O que está havendo?
- Essas vozes e visões é que me atormentam... não suporto mais; tirem-me daqui!... Eu preciso de sangue para viver, entenderam? Um vampiro – eis o que, de fato, sou! O sangue de vocês não me serve; eu preciso beber sangue de verdade... Soltem-me! Não adianta me prenderem... Deixem-me ir para a Terra! Eu sou um vampiro, um vampiro!...

E assim dizendo, a se debater o *serial-killer* foi tomando a aparência de um grande morcego: as faces se lhe transformaram por completo, as orelhas afilaram-se e cresceram, os braços cederam lugar a duas robustas asas e os pés se converteram em estranhas garras... Nem nos filmes de ficção eu jamais presenciara algo parecido!

Sentindo a gravidade do momento, Odilon adiantou-se um passo de nós, que jazíamos praticamente petrificados, e, erguendo as duas mãos espalmadas, concentrou-se e vimos do centro de cada uma delas partir uma emissão de luz que, incidindo diretamente sobre os olhos da infeliz entidade que se metamorfoseara, fez com que desfalecesse de imediato, à semelhança de quem experimentasse os efeitos de um potente anestésico.
- Inácio, acomodemo-lo na cama – disse o Benfeitor, tomando a iniciativa de erguer aquele corpo disforme do piso do quarto -; ele dormirá longamente e, aos poucos, retomará a forma humana. É lastimável, profundamente lastimável a condição em que se encontra! Se você me permitir, estimarei acompanhar este caso com

você, sem, é lógico, nenhum propósito de intromissão no seu trabalho.
- Esteja à vontade, meu amigo – respondi. – Tenho conversado com Flávio, procurando conscientizá-lo quanto à necessidade da reencarnação em condições que lhe possibilitem o reerguimento, todavia, não me tem sido fácil convencê-lo.
- E, tanto quanto possível, não devemos forçá-lo; A sua aceitação de uma nova experiência no corpo é fator decisivo para o êxito do empreendimento; precisamos fazer com que compreenda e colabore.
- Não vejo outro caminho, a não ser a sua volta ao corpo em situação de precariedade física, o que ele reluta em aceitar; Flávio é muito inteligente, mas não consegue dominar-se – os seus compromissos cármicos foram se avolumando e...
- Não nos seria lícito, no entanto, constrangê-lo, melhor que ele concorde com as nossas sugestões e, mentalmente, não oponha resistência.
- E, depois, Odilon, o seu espírito será naturalmente rejeitado por quem vier a lhe servir de mãe; existem candidatos à reencarnação que não estão em situação de escolher como desejam renascer...
- A maioria, Inácio, mormente aqueles que, com a sua simples presença ocasionam aversão.
- Infelizmente, é o caso dele, que, sem a nossa intervenção, motivará o próprio aborto na futura genitora; o seu espírito é praticamente desprovido de laços afetivos e, nesse sentido, não temos a quem recorrer: nenhuma irmã o aceitará como filho a não ser que solicitemos o auxílio de entidades que se predispõem, a tarefas sacrificiais...
- Consideremos,, porém, a lei do mérito; em seu próprio favor, o nosso Flávio, desde criança, precisará sentir-se desvalido de proteção específica; o objetivo da prova é o de nos induzir à introspecção e, por vezes, o excesso de carinho nos impede de fazê-lo... Ele viverá sim, às custas da caridade alheia e inspirará piedade às almas de maior sensibilidade, mas não convém que ninguém se disponha a eximi-lo de sentir-se lutando para conquistar simpatia.
- É um caso complexo, não, meu caro? O amor nos pede amar a quem mais se mostre necessitado...
- E assim deve ser, no entanto, não devemos olvidar que amar significa igualmente educar; o amor que superprotege vicia ainda mais as almas já viciadas... Ninguém nos ama mais do que Deus, mas Ele nos deixa com as conseqüências das dificuldades que criamos. De outra maneira, como aprenderíamos? Qualquer criança em estado de penúria merece a nossa atenção e devemos fazer o possível para socorrê-la, todavia não podemos tomar o sofrimento dela para nós, privando-a da oportunidade de crescer. Temos que nos habituar, Inácio, a ver os benefícios que poderemos prestar ao espírito, que vai viver para sempre, e não tão-somente os que prestamos ao corpo, que é transitório.
- Para mim, este é um dos assuntos mais delicados: possuir discernimento para saber até onde a nossa interferência é válida...

- Muitos pais adotivos escondem a verdade dos filhos – comentou Modesta, que se mantinha atenta ao diálogo.
- Na minha opinião, é um erro – disse o Mentor.
- Não podemos negar às crianças adotadas o direito de saber a verdade sobre si! A pretexto de amor, a omissão poderá gerar maiores traumas...

CAPÍTULO 14

- A caridade genuína – prosseguiu o Instrutor -, quando não nos é possível evitar que alguém se precipite por livre e espontânea vontade, nos recomenda ampará-lo na queda e estender-lhe as mãos para que tome a iniciativa de se levantar.
- Quantos pais se exaurem de aconselhar os filhos e quase nada conseguem junto a eles! – Exclamei, pesaroso, recordando-me da confidência de tantos amigos no meu consultório.
- O espírito, por mais o amemos e queiramos privá-lo da dor, necessita de aprender por si mesmo o que lhe convém. Sem sucessivas quedas, a criança não adquiriria mais justa noção de equilíbrio. Analisemos o nosso próprio caso: quantas vezes teremos errado como alguém que desejasse *conhecer* as conseqüências do erro!
- Por desconhecimento de causa, talvez...
- Por falta de convicção íntima! Sobre a terra, raros os espíritos que, na atualidade, agem por completa ignorância; algum relativo conhecimento da verdade todos já possuem... Os que não querem ou não procuram saber o que devem assim agem por preferirem não assumir a responsabilidade de seus atos. Hoje, a verdade está em toda parte; o que é essencial já foi dito praticamente em todos os idiomas... Os espíritos mais primitivos, presentemente corporificados no Planeta – a não ser que se tenham dementado -, possuem suficiente noção do bem e do mal.
- Dr. Odilon – pediu Modesta -, fale-nos um pouco mais sobre a questão do excesso de proteção dos pais em relação aos filhos...
- Não apenas dos pais em relação aos filhos, mas de qualquer pessoa em relação a outra. Porque não sabemos aplicar o amor, criamos naqueles aos quais nos vinculamos uma dependência afetiva que chega a ser patológica; quantos espíritos não conseguem deslanchar na experiência reencarnatória porque os que são chamados a tutelá-los nos impedem de caminhar com os próprios pés! Devemos criar filhos para Deus e não para nós...
- Por favor – insistiu a confreira -, aborde a questão daqueles que nos inspiram compaixão...
- Modesta, não se trata de deixar os culpados entregues às conseqüências da culpa. O médico não se recusa a tratar o doente que, voluntariamente, se contaminou... Suprimir alguém de sua experiência de vida, equivale a negar ao aprendiz acesso ao banco escolar. Evidentemente que não nos cabe adotar a atitude, por exemplo, dos adeptos de determinada corrente filosófica preconiza que os sofredores não sejam socorridos, a fim de que não se privem da necessidade de se redimirem através do carma com que renasceram... Com Jesus Cristo, aprendemos exatamente o contrário: "...Na verdade, vos digo que quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer."
Imaginemos se, além do sacerdote e do levita, o samaritano igualmente tivesse passado adiante, deixando aquele pobre homem, que fora vítima de salteadores, à mercê de sua desdita? Se Deus agisse assim conosco, não teríamos na Terra os benefícios da

anestesia, do analgésico, das vacinas, da energia elétrica, dos modernos meios de locomoção e de tudo o que nos minimiza as privações de ordem material, sucumbiríamos sob a ação dos microorganismos nocivos à saúde e a existência do espírito no corpo inviabilizaria...

Silenciando por instantes, o Mentor prosseguiu:
- Reflitamos no caso de Flávio, que tanto nos toca o coração. Possivelmente, dentro em breve, ele haverá de reencarnar – ainda não sabemos em condições, mas tudo indica que o corpo de carne funcionará para ele à maneira da cela benéfica de uma prisão, onde terá oportunidade de repensar tudo o que fez; o corpo físico para nós outros, espíritos infratores, é um misto de cela carcerária, leito hospitalar e banco de escola: expiamos faltas, tratamos da saúde espiritual e efetuamos um curso de autoconhecimento... A situação de Flávio haverá de comover as almas que se preocupam no mundo com a vivência do Evangelho; receberá carinho, alimento e remédio, no entanto seria contraproducente e antipedagógico, que alguém o tomasse no colo e o adulasse... Sei que o assunto é controvertido e que muitos alegarão que o amor nunca é demais. Concordo: o verdadeiro amor não extrapola, mas quem estará na Terra em condições de amar sem arroubos da paixão?
- Odilon – apartei o companheiro -, eu sei a que você está querendo se referir. Muitos adolescentes que se trataram comigo foram "estragados" por seus pais: excesso de mimos, de conforto, de facilidades... O pessoal acha que amar é carregar a pessoa amada nos braços e impedir que ela enfrente qualquer tipo de problema na vida; ainda há os que imaginam amar escravizado o objeto de sua afeição doentia aos seus caprichos... Conheci pais que impediram que os filhos se casassem só para que os tivessem ao seu inteiro dispor na velhice; egoísmo, nada mais que egoísmo!... É isso, sem falar naqueles que escolhem determinada pessoa por escada do seu céu particular, amando-a com exclusividade, como se mais ninguém existisse ou sofresse à sua volta! Existem devotamentos obsessivos... Jesus nos ensina a amar sem apego o que muitos sentem por muitos é mais amor a si do que ao próximo! Concorda?
- Sim; às vezes, amando a uma única pessoa, queremos demonstrar ao mundo quanto somos capazes de amar!
- De amar a nós mesmos, não é? – Enfatizei.
- Equivocadamente... O difícil é amar a todos de forma comedida, ou seja, com amor que não crie ilusões, não faça exigências, não espere retribuição!
- Por mais piedade que Flávio nos inspire, e todos os nossos demais internos, o melhor que temos a fazer é acompanhá-lo em seu processo de reajuste espiritual, sem estar tomando decisões por ele, não é?
- Quanto mais cedo nos tornarmos respeitáveis, mais seremos capazes de tomar as rédeas do destino nas mãos. A dependência excessiva nos inibe ao progresso. É claro que uma criança não se encontra adepta a escolher o caminho que lhe compete trilhar e, durante algum tempo, os mais velhos serão chamados a orientá-la, todavia jamais deverão substitui-la na jornada que deverá

empreender com o próprio esforço. O limite de maior idade no mundo cairá gradativamente...

Avisando-me de que o aparelho de som se encontrava a postos, enquanto nos retirávamos para que eu efetuasse breve pronunciamento ao microfone, Manoel Roberto permaneceu tomando providências para que Flávio recebesse medicação complementar.

Do meu gabinete de trabalho, com voz pausada porém firme, falei à nossa comunidade de enfermos e colaboradores:
- Meus irmãos, tranqüilize-se – dei início ao rápido apelo –; não há motivo para que se mostrem tão apreensivos... Está tudo sob controle e devemos colaborar com os nossos companheiros encarnados, enviando-lhes bons pensamentos. A Misericórdia Divina não nos desampara. A Humanidade está atravessando mais uma de suas crises periódicas, no entanto o Senhor permanece atento e a embarcação terrestre continuará singrando as águas revoltas de sua própria maturidade... Tudo se nos constitui em necessário aprendizado. A guerra é uma seqüência da diferença com que, dos Dois Lados da Vida, temos tratado os valores que interessam no espírito imortal. Não nos desarvoremos, com que ainda se sujeita a tantas ilusões na carne... Apesar das dificuldades que nos acompanharam no Além-Túmulo, hoje é outro entendimento que possuímos da Vida. O pensamento elevado é alicerce da paz. Permaneçamos confiantes e otimistas, pois, caso contrário, mesmo situados a relativa distância do conflito, nos tornaremos vulneráveis à sua repercussão nas regiões do Mundo Espiritual. Os nossos irmãos que se agitam lá fora são enfermos que sequer ainda podemos acolher em nossa instituição, porém providências haverão de ser tomadas em seu benefício; ninguém jaz esquecido pela Bondade de Deus! O sofrimento é uma experiência transitória. Fala-nos o Cristo quanto à impossibilidade de se construir uma casa sobre a areia... O mundo, que se convulsiona, mobiliza os seus habitantes e, ao final, como sempre acontece, o mal redundará em bem maior para a coletividade que, na iminência de uma catástrofe de proporções imagináveis, se organiza em manifestações de paz... Ao que se pode perceber, é uma minoria interessada na guerra, o que, sem dúvida, nos deixa esperançosos quanto ao futuro da civilização. Os que aqui se sentirem necessitados de medicamento serão medicados; os que, todavia, já se encontram mais lúcidos e calmos auxilie-nos, asserenando os ânimos dos companheiros que ainda não conseguiram o controle das emoções. Acompanhemos, mentalmente, os acordes da música ambiente e conservemos a certeza de que o Senhor guarda as portas inexpugnáveis desta casa, onde continuamos a nos tratar das mazelas que persistem conosco na vida além da morte!...

CAPÍTULO 15

Minhas palavras haviam surtido um efeito imediato, controlando a situação. Confesso-lhes que eu mesmo me encontrava mais tranqüilo. Ante o silêncio que, aos poucos, fora se restabelecendo, rematei, convidando nossos irmãos a me seguirem na prece:
- Senhor Jesus, Mestre Amado, que a Tua paz nos envolva, a nós e aos nossos companheiros que se demoram nas provas da vida material... Que, de uma vez por todas, compreendamos a inutilidade de toda violência. Inspira-nos as atitudes, para que sempre sejamos mais solidários e fraternos uns com os outros. Não nos deixes à mercê das próprias imperfeições, sobre o jugo das inclinações da natureza inferior. Fortalece-nos os propósitos no bem! ?Diante de Tua luz, que não tenhamos qualquer receio da sombra... se estivermos Contigo, tanto quanto estás conosco, nada deveremos temer! Não consintas, pois, que retrocedamos na caminhada; guia-nos ao Teu encontro, através das sendas estreitas que por onde jornadeias e pelas quais nos conduzes com esperança... Que os Teus pensamentos de amor se materializem no mundo, através da iniciativa daqueles que realmente se mostram dispostos a seguir-Te; que o Teu Evangelho não seja para nós um simples repositório de sábias e famosas lições, mas, sim, abençoado roteiro para a Vida que almejamos compartilhar Contigo e com aqueles que nos antecederam na jornada rumo aos Cimos... Sê conosco, Senhor, nesta casa e em nosso Lar Terrestre! Que as Tuas bênçãos se espalhem e estejam com todos – com os que acreditam em Ti e com os que ainda descrêem da Tua magnanimidade! Sabemos que o mundo Te pertence, e esta certeza nos tranqüiliza os espíritos, embora sejamos constantemente chamados à responsabilidade de servir na construção da Nova Era. Fortalece-nos, Mestre, a vontade frágil, para que a tentação não nos induza a sucessivas quedas e não nos enredemos no ciclo vicioso das experiências infelizes... Confiamos em Ti, hoje e para todo o sempre!...

Quando terminei de orar, o silêncio no hospital se fizera ainda maior e, segundo Manoel Roberto, muitos adormeceram espontaneamente, sendo necessário que apenas alguns poucos pacientes fossem medicados. Até mesmo lá fora, a agitação cessara parcialmente e o retumbar dos trovões provocado pelas formas-pensamento pareciam, agora, ecoar a considerável distância.
- De que não é capaz o poder da oração, não é, Inácio? – Comentou o Mentor.
- desculpe-me, mas eu nunca soube orar direito... Foi a necessidade que me fez orar assim; quando a gente precisa, a gente recorre... Eu não tenho méritos para que as minhas palavras sejam ouvidas... Sempre fui um homem mais de ação do que de oração. A Misericórdia Divina é que é mesmo Infinita!...
- Inácio – falou-me Modesta -, as suas preces sempre foram muito apreciadas por nós, no Sanatório, pois que eram proferidas com sinceridade – curtas, é verdade, mas de muito sentimento.

- Para ser franco, Modesta, eu me sentia e ainda me sinto envergonhado de orar... SE na prece, devemos nos mostrar a Deus, eu tenho medo de que Ele me veja como sou!
- se todos os que dizem crer – não importa a crença -, orassem com verdadeira fé, o mundo seria outro – observou Odilon. – Depois do poder do amor, o poder da oração é a força mais extraordinária do Universo!
- Você tem razão – considerei -, pois, se não fosse a oração das mães pelos seus filhos, eu não sei o que haveria de ser da juventude, mormente nos dias atribulados que se vive na Terra ! Uma simples prece pode ser mais que a energia que se libera numa explosão atômica! Se o mundo todo entrasse em oração, faria parar a guerra, você não acha, Odilon?
- Sem dúvida, Inácio. O Mahatma Gandhi, pela força da oração, pacificou hindus e muçulmanos; o mesmo poderia acontecer entre israelenses e palestinos, iraquianos, e norte-americanos, e assim sucessivamente. O problema é que infelizmente, a oração se ritualizou nas principais correntes religiosas.

Orar com convicção equivale a agir! O pensamento elevado quando se alia ao sentimento de fé, guardadas as devidas proporções, tem algo do Poder de Deus que deflagrou a Criação. Quem age sem se inspirar age equivocadamente.
- Mesmo se age bem intencionado?
- A boa intenção, por isso mesmo, já é uma prece, e das mais eficientes. Oração é súplica.
- Os que partem para uma guerra, oram...
- Oram pensando em si; ao seu Deus e não ao Deus de todos os homens!...
- Oram em vão?
- Oração não é um conjunto de palavras ou uma fórmula cabalística; oração é um exercício de espiritualidade1! Porque esteja com a Bíblia ou com o Alcorão nas mãos e mostre lágrimas nos olhos, não significa que o homem esteja verdadeiramente orando.
- Muitos espíritas estimam orar bonito e extenso; as suas preces são preces de oratória – oram com excelente expressão gramatical e retórica...

Odilon sorriu da minha alfinetada e, delicadamente, corrigiu-me a distorção.
- Em termos de oração, a forma, nossa ou dos outros, é o que menos importa; a dos outros, menos ainda do que a nossa... A qualidade da prece que formulamos nos reflete a condição interior... Para orarmos melhor do que temos orado, precisamos provocar mudanças em nosso íntimo.
- Dr. Odilon – interrogou Modesta -, é válido afirmar-se que a prece pode nos mudar?
- Quando sincera, ela nos predispõe à mudança que devemos tomar a iniciativa de empreender, alterando o comportamento. Orar de mãos postas na prática do bem – eis o modo mais eficaz de se orar. Para quem não se empenha em mudar, a prece não passa de uma coleção de palavras enfadonhas, vazias de espírito.

- Pelo que depreendo, até quando era, o homem pode ser hipócrita...
- O Mestre nos advertiu: "Guardai-vos dos escribas que querem andar com roupas talares, e gostam de ser saudados nas praças, e das primeiras cadeiras na sinagoga, e dos primeiros assentos nos banquetes; que devoram as casas das viúvas, fazendo longas orações".

E concluindo o Instrutor:
- Os escribas, Inácio, a que o Senhor se refere somos todos nós!... o homem é um ser muito superficial. Vivemos iludindo a própria consciência...
- Imaginando que estamos passando Deus para trás...
- Dize-nos o salmista: "Descansa no Senhor e espera nele, não te irrites por causa do homem que prospera em seu caminho, por causa do que leva a cabo os seus maus desígnios. Deixa a ira, abandona o furor; não te incapacites; certamente isto acabará mal".
- No entanto, não nos compete efetuar qualquer julgamento, porque, se temos olhos para a ação, não os temos para intenção.
- A não ser quando se refere ao móvel de nossas ações, em relação aos semelhantes, não é?
- ´}E assim mesmo quando nos padecemos de qualquer obsessão ou desequilíbrio, que nos anule por completo o discernimento.
- O que é uma prova terrível!...
- Sim, porque, então, nós transformamos em instrumentos inteiramente passivos, sem consciência do que pretendemos; assemelhamo-nos a um poço de água cristalina que se oferece ao sedento, mas que está envenenada... Quantos, por exemplo, confundem amor com paixão e cometem verdadeiros desatinos?
- Pais que chegam a seviciar os próprios filhos; irmãos maiores que corrompem os menores; amigos que traem a confiança de amigos... Eu sei bem o que é isto, Odilon; lidamos com muitos casos assim no Sanatório quando não enlouqueceram porque foram feridos em sentimentos? Quantos não cometeram o suicídio, após terem sofrido abusos sexuais e outros que se entregaram ao alcoolismo, comprometendo-se no vício por tempo indeterminado? Quantos não se sentiram lesados psicologicamente e embora tenham deixado o corpo físico, se encontram desnorteados?...
- Também é por esse motivo Inácio, que a Humanidade – somos nós!
– Do ponto de vista coletivo tem tanto a expiar; a guerra, parcial e total, não deixa de ser uma espécie de expurgo das culpas, conscientes ou não, que nos pesam. Periodicamente, conforme já nos foi dito, a "alma do mundo" clama por sangue, ou seja, o organismo planetário enfermo reclama uma espécie de sangria para restabelecer o equilíbrio... Não há argumento algum – reconheço – que justifique a violência; todavia, seja qual for a sua forma de manifestar-se, ela nada mais é do que o reflexo do que se passa conosco nas Duas Dimensões da Vida. No fundo, a causa da guerra deixa de ser o petróleo e a ambição de poder: é uma autopunição!...
- Em outras palavras, estamos nos impondo o que impomos ao Cristo, não é? "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados!..." ,

CAPÍTULO 16

Os nossos internos haviam se asserenado e a situação estava sob controle. No entanto, acaso seria o mesmo que poderíamos dizer em relação aos nossos irmãos encarnados? As notícias que continuavam nos chegando da Crosta eram apreensivas; o receio de que a guerra se espalhasse tomava conta do mundo, naqueles primeiros meses de 2003... O que poderíamos fazer?

- Odilon – perguntei – será que não poderíamos visitar o cenário do conflito no Oriente? Ser-nos-ia difícil conseguir acesso às regiões limítrofes? Penso que, pelo menos, observando "in loco" o desenrolar dos acontecimentos, seríamos mais fiéis à visão espiritual da guerra...

- Poderíamos, Inácio, sem dívida, tentar uma aproximação, não nos esquecendo da conturbação que, igualmente, deve estar imperando nas dimensões correspondentes... Desde, é claro, que não procuremos interferir, a não ser em um ou outro caso de socorro isolado. Você sabe, a questão do fanatismo religioso se estende para além da morte...

- Faríamos uma rápida incursão, apenas com o propósito de colher informações e transmiti-las aos companheiros, que, certamente, estimariam saber o que se passa com os combatentes e os civis que perdem a vida em conseqüência dos ataques e b bombardeios. Várias cidades iraquianas estão sendo dizimadas e centenas dos que deixaram o corpo devem estar sem exata noção do fenômeno.

- Farei alguns contatos e, se obtivermos permissão, daqui uns dois, três dias, poderemos ir. Convém, no entanto, que sejamos os mais discretos possíveis, pois, se nos tomarem por correspondentes de guerra americanos ou ingleses, sofreremos as conseqüências. Um embate dessa natureza não cessa com a morte; a região deve estar atraindo milhares de adeptos do Islamismo e, sob este aspecto, as forças aliadas estarão em nítida desvantagem – nas regiões espirituais, o armamento ultra-sofisticado não faz qualquer diferença...

- Veja você, meu caro, eu não havia pensado nisso: os soldados da Coalizão, mortos em batalha, são feitos prisioneiros?...

- Com raras exceções, porque os ascendentes de ordem moral são fatores determinantes; tudo depende da condição mental e espiritual dos que deixam o corpo...

- Espiritualmente, americanos e ingleses estão sendo amparados? Contam com a retaguarda dos espíritos que lhes são afins?

- É evidente; as manobras que ocorrem dos Dois Lados da Vida são idênticas... Recorde-se de que estamos nos referindo a uma dimensão imediata àquela em que os homens se encontram vivendo; à medida que se sobe, é que as diferenças naturalmente se estabelecem. Você verá que muitos, por exemplo, que deixam o corpo no fragor da luta, prosseguem como se nada lhes tivesse acontecido...

- Como é complexa a Vida?!...

- Nós é que a complicamos, meu amigo; os caminhos que devemos percorrer jazem traçados com admirável precisão pela Sabedoria do Criador; já os atalhos correm por nossa conta!
- E como são numerosos, não?
- E mais números e intricados, quanto mais nos afastamos da senda original – o que era para ser uma estrada sem desvios transforma-se num labirinto...
- Quanto não demoramos, depois, para encontrar a saída!...
- Ainda estamos à procura dela... Jesus Cristo, por assim dizer, nos retraçou o caminho, mas continuamos a improvisar veredas que só conduzem para baixo: quando descobrimos, começamos a compreender a viagem de volta, sempre penosa.
- Repito que já disse um sem-número de vezes: quando no corpo, apesar de ser espírita, eu fazia uma idéia diferente da Vida além da morte; as obras de André Luiz, através de Chico Xavier...
- Inácio – aparteou o Mentor -, André Luiz, em seu magnífico trabalho, nos forneceu uma idéia geral da Vida que nos esperava e que, de fato, encontramos, após o desenlace... À época, não poderia ele ter abordado maiores aspectos, sem que a sua obra corresse o risco de ser rejeitada por absurda pelos mais ortodoxos. O avanço da Ciência contemporânea vem nos ensejando maiores possibilidades no campo da Revelação, todavia mesmo assim precisamos ser cautelosos. André Luiz, sob a orientação dos Espíritos Superiores que supervisionaram a tarefa mediúnica de Chico Xavier, erigiu um monumental edifício à verdade imortalista – os seus alicerces estão assentados sob bases inamovíveis e a sua estrutura dispensa retoques, mas, convenhamos, falta-lhe o acabamento de alvenaria – o que será realizado através do tempo.
- Cada qual será chamado a acrescentar-lhe um tijolo, não é?
- Melhor nos expressando, cada época, dentro do natural dinamismo da Doutrina, algo acrescentará à simbólica *pirâmide* em construção; todos serão chamados a colaborar e, neste sentido, os espíritas não devem se sentir os donos da Doutrina, cujo corpo filosófico é receptivo a todas as conquistas de caráter científico. O Espiritismo incorporará a si verdades que não procedam, necessariamente, da via mediúnica. Aliás, Inácio, o conceito de mediunidade carece ser ampliado: faculdades medianímicas são acessíveis a todos... Breve, teremos físicos, químicos e biólogos médiuns; não estarão propriamente a serviço do Espiritismo, mas da Causa a que ele serve; à ?Doutrina Espírita caberá preservar o vínculo com o Evangelho do Cristo, visto que a Verdade sem Amor é uma candeia sem azeite e, em conseqüência, sem luz. Sem o Evangelho, o homem nunca saberá o que fazer de si!
- Concordo plenamente; você sempre se expressa com profundo conhecimento de causa... Permita-me mais uma pergunta: você acha que o nosso esforço é válido, em tentar, como disse, trazer o nosso humilde "tijolo" à construção em andamento? Confesso-lhe que, por vezes, eu me questiono a respeito.
- É claro que é válido. Como não? Ao Arquiteto da obra caberá aproveitá-lo, segundo as suas conveniências.
- Alguns dizem que eu tenho "humanizado" demais a Vida Espiritual... Eu só tenho reportado aos nossos irmãos o que vejo e sinto; existem diversos universos: estou vivendo dentro de um

deles!... A coisa é tão grande para cima quanto para baixo. Quantos conceitos não estou rendendo e formulando todos os dias?... Eu só tenho uma certeza: Jesus Cristo! O resto é mutável dentro, evidentemente, da divina imutabilidade da Vida.

- Inácio, se o nosso propósito é o do bem, não estaremos errando de forma absoluta; agora, considerando a transitoriedade de tudo, mormente de nossa própria condição evolutiva, é lógico que o nosso modo de ver vá sofrendo alterações... Antes, do átomo, o homem só enxergava o núcleo, o próton, e elétron e o nêutron; hoje, além das dezenas de partículas subatômicas que descobriu, considera, do ponto de vista teórico, a existência de um sem-número de outras, à espera de comprovação. O planeta Plutão, que integra o Sistema Solar, antes que telescópios potentíssimos o surpreendessem em sua órbita, foi descoberto "teoricamente"; Einstein, o pai da Física Moderna, levou mais de dez anos para colocar numa equação a idéia que fervilhava em seu cérebro, com referência à Teoria da Relatividade...

- Acusam-me de "humanizar" em excesso os espíritos, mas, se existe, a diferença entre espírito e matéria é tão tênue... Para onde olho, só vejo matéria! Para mim, inclusive, Deus é matéria...

- Pelo menos, Matéria-Prima de tudo quanto existe, não é?

- Se matéria é energia, energia é matéria... Mas eu não entendo patavina disso. Sem querer advogar em causa própria, o que pretendo é "espiritualizar" concepções excessivas humanas. Eu não sei como, doravante, há de ficar o Materialismo, que está entrando em colapso. Aliás, a descrença do homem em relação à vida depois da morte é fruto de absurdos e ingênuas concepções a respeito dele; principalmente no mundo racionalista de hoje, quem continua aceitando a idéia de Céu e Inferno:?... Por esse motivo é que, se possível, eu gostaria de efetuar uma visita a Bagdá e adjacências...

- Creio que dos nossos Maiores que contatam entidades interessadas no povo do Oriente, obteremos o visto que nos é indispensável para não sermos impedidos pelos grupos de espíritos que lhe guardam as fronteiras...

- Quem diria que pudesse ser assim!... Para muitos, o espírito pode excursionar a qualquer parte do Universo – sair volitando por aí à vontade...

- Quem nos dera que assim fosse! *Subir* é impossível e *descer* não convém...

- E, para ultrapassarmos os nossos domínios, carecemos de permissão...

- Como alguém que atravessa de um Estado para outro: é natural que se identifique, não?... Alguém – a própria polícia – sobe os morros do Rio de Janeiro sem, de alguma forma, se fazer anunciar? Aqui, no Sanatório ou lá no Liceu, Inácio, as nossas portas se abrem para todos, indiscriminadamente? Não pediu você, ainda há pouco, que a vigilância fosse redobrada?

CAPÍTULO 17

- Convidaremos Adroaldo para vir conosco... Poderemos ir num pequeno grupo, não? – Perguntei ao Instrutor.
- Não há problema, Inácio, desde que não sejamos muito numerosos.
- Eu, você, o Adroaldo e o Manoel Roberto...
- Penso que obteremos, sim, a permissão dos nossos Maiores, mesmo porque a curiosidade em torno da guerra deve estar atraindo muitos espíritos para a região do conflito. Apenas deveremos ter o máximo de cautela e nos mostrarmos amistosos.
- Eu me recordo, Odilon, do que nos fala "O Livro dos Espíritos" a respeito, quando os Espíritos Superiores, responderam a uma questão formulada por Kardec, explicaram que, em nosso atual momento evolutivo, a guerra é uma necessidade... Vivemos num planeta de evolução primária e somos tão imperfeitos, que algo tão monstruoso quanto a guerra se torna uma necessidade! Como entender isso?
- A questão carece de ser examinada a fundo e sem qualquer paixão. Tenhamos em mente que a morte não existe; os espíritos que deixam o corpo, não importa em que circunstância, candidatam-se a um novo começar. Sem dúvida, o mal, sob nenhum pretexto, se justifica, mas se explica. Há quantos anos, milhares de criaturas permanecem vivendo sob impiedoso regime opressor? Em diversas áreas geográficas da Crosta, por questões políticas e ambições pessoais dos que ocupam o poder, o homem é proibido de manifestar o que pensa e, conseqüentemente, se sente privado do direito de se expressar. Os ditadores mandam executar aqueles que se lhes constituem a menor ameaça; todos devem se pautar pela sua cartilha... Com o avanço do chamado Direito Internacional e a maior consciência humanitária, a guerra de conquista está se transformando em guerra de libertação.
- O que, convenhamos, não deixa de ser considerado progresso...
- Todavia, Inácio, interesses escusos ainda sobrevivem e, por longo tempo, o homem lutará contra as próprias inclinações de ordem inferior; os povos vitoriosos sempre tiram partido dos derrotados! Hoje, já não é mais como era ontem, mas estamos distantes do que deve ser amanhã...
- Os norte-americanos e os ingleses não estão agindo por puro idealismo...
- Nem os brasileiros agiriam...
- Se não nos vigiarmos, o que condenamos nos outros, somos capazes de fazer pior. A verdade é que o mundo precisa mudar... Quantos bilhões de dólares não estão sendo gastos na guerra? Com uma parcela ínfima desse dinheiro, investida em pesquisas científicas, a Humanidade viveria em melhores condições: seria possível se extinguir a fome, auxiliar os países pobres, incentivar a educação, combater a criminalidade, descobrir a cura de doenças que continuam sendo um cruel desafio...
- Um simples míssil custa alguns milhares de dólares...
- AS nossas inferioridades em cena nos constrangem a atitudes de insensatez. Há séculos e séculos, a situação política e religiosa no Oriente vem se arrastando... Os espíritos que por lá vivem não conseguem se emancipar do círculo vicioso que se estabeleceu;

crianças, adolescentes e mulheres estão pegando em armas... As Leis Divinas têm tentado o caminho da diplomacia: vieram os Profetas, depois Jesus Cristo... As Trevas tanto fizeram que no máximo, se considera o Mestre como maior dos Profetas, sendo que a maioria o coloca em condições de igualdade com Moisés e Maomé.
- Quando não num plano inferior... O contraste a significativo: Moisés libertou o povo judeu da escravidão, Maomé pregou a "Guerra Santa" e Jesus Cristo morreu na cruz! O povo do Oriente tem vergonha de Jesus pregado no madeiro!...
- Alguns chegaram a argumentar que a mensagem do Perdão é um sinal de fraqueza; esperavam um Messias guerreiro, digno de Jeová, o Senhor dos Exércitos...
- A guerra, Inácio, que, voltamos a repetir, não se justifica, mas, infelizmente, é um reflexo da média do estado mental em que vivemos, desestabiliza situações e...
- Compreendo que você está querendo dizer: as explosões da guerra, com as suas dores superlativas, fazem os espíritos acordar...
- Emancipar-se do fanatismo, fugir à sintonia com as entidades que os vampirizam; reconsiderar arraigados pontos de vista; respirar outros ares; constatar que a violência gera mais violência, sensibilizando a opinião mundial; fazê-los meditar quanto à transitoriedade do poder...
- Num país sob regime ditatorial, o progresso fica comprometido.
- Lembra-se do Brasil, nos tempos da ditadura militar?
- Como não? Inclusive, antes, sob o Estado Novo, em 1942, o nosso jornal – "A Flama Espírita" – ficou proibido de circular; os padres que sempre estiveram ao lado dos poderosos conseguiram impedir que "A Flama" continuasse divulgando os nossos princípios...
- Em termos do Brasil, Inácio, a História ainda não contou direito as conseqüências da revolução de 1964...
- As cabeças pensantes do País foram expatriadas e jovens de inteligência promissora foram mortos!
- Uma geração ficou comprometida; do ponto de vista social, econômico e cultural, era para que o Brasil da atualidade fosse diferente... Os espíritos que haviam reencarnado com tal compromisso foram obrigados a se calar ou a se "venderem" ao regime.
- Não poderíamos jamais estar escrevendo o que, agora, escrevemos pelo médium, sem mandá-lo para o "paredão"... Até os *mortos* tinham que se conter! Agentes se infiltravam nos centros espíritas, para saberem o que estava sendo cogitado em nossas reuniões...
- Os países que se envolvem numa guerra estão todos equivocados, no entanto...
- ...uns estão mais que outros, não é?
- Sim; os norte-americanos e os ingleses não estão tencionando apenas combater o terrorismo internacional; a França e a Alemanha não se envolveram diretamente, por falta de interesse...

- Econômico?
- Sim – infelizmente, sim! Vejamos o caso de alguns países que fazem fronteira com o Iraque que, literalmente, se venderam.

- A guerra põe à amostra a podridão humana!
- Por outro lado, Inácio, o ditador iraquiano, há mais de duas décadas no poder, já mandou eliminar milhares de civis contrários ao seu regime de força: cientistas, professores, jornalistas, políticos liberais e outros foram condenados à morte e tiveram os seus bens confiscados pelo governo.
- De fato, é uma situação que não pode continuar...
- Por esse motivo, quando não aceitamos os alvitres da Diplomacia Divina, ficamos entregues ao próprio livre-arbítrio. Sem que esses "focos de resistência" das trevas se extingam, a Humanidade prosseguirá nesse marasmo espiritual...
- Certas catástrofes, como, por exemplo, a guerra, têm repercussões até do nosso lado...
- Sem dúvida e não se restringem às manifestações isoladas que presenciamos às portas do Sanatório...

Espíritos baderneiros e ociosos enxameiam na vida de além-túmulo; contestadores oportunistas não são privilégio de homens na Terra... Existem grupos de espíritos, Inácio, que há séculos se encontram na mesma situação: reencarnam, desencarnam e tornam a encarnar entre si, formando verdadeiro círculo vicioso... No Mundo Espiritual, existem comunidades de espíritos completamente fechadas. Vamos citar um exemplo: os drusos, adeptos da teoria reencarnacionista, descendentes dos essênios, que se juntaram bem antes da vinda do Cristo, até hoje, passados mais de dois mil anos, só constituem família entre si...
- E crêem na Reencarnação!...
- Reencarnar tão-somente não basta! Para os drusos, a Reencarnação é o fato mais natural; todavia falta-lhes mais ampla perspectiva espiritual da Vida...

Salvo melhor juízo, o seu objetivo existencial se resume na experiência física: o Céu a que aspiram é por lá mesmo!

Efetuando ligeira pausa, o orientador deu seqüência ao proveitoso diálogo.
- A guerra, por assim dizer, provoca "desarranjos" nas dimensões espirituais e obriga muitos espíritos a se exilarem, ou seja, a debandarem... Alguns soldados norte-americanos e ingleses, mortos em combates, renascerão no Oriente e travarão contato com uma nova cultura – ambição *versus* desapego; iraquianos chacinados vinculando-se obsessivamente aos seus algozes serão *levados* para a América e para a Inglaterra e renascerão como filhos e netos, como herdeiros do povo que supostamente os conquistou!
- Que coisa impressionante!
- Inácio, troçou Odilon -, estou desconhecendo-o, você está se impressionando com pouca coisa!... Você acha, então, que poderia ser diferente? Os romanos escravizaram os gregos, que, por sua vez, foram ser professores dos filhos de seus conquistadores e lhes "fizeram a cabeça "... A espada nunca pode mais que o pensamento!
- Expressei-me mal – desculpei-me -: estou maravilhado!...

CAPÍTULO 18

- Maravilhado, Odilon, com a precisão da Lei que nos tutela os passos nos caminhos da Evolução. Com todo seu conhecimento atual e avanço tecnológico, como é que o homem pode continuar se mostrando tão insensível e indiferente às coisas divinas! Tudo se explica pela Reencarnação! Pela ótica espírita, tudo se compreende e somos capazes de intuir a Verdade.
- Inácio, meu bom amigo – redargüiu o Instrutor -, um simples grão de areia é uma prova exuberante da existência do Criador! Quando o homem se tornar mais introspectivo, terá maior reverência pela Vida. Por enquanto, ele não passa de uma criança, brincando de gente grande... Parte para a conquista do Universo, sem ousar adentrar os meandros de si mesmo! Acredita-se um amontoado de carne, que se formou uma ação conjunta de elementos químicos que se combinaram ao acaso... Por mais hipóteses que a ciência materialista avente na tentativa de explicar a origem da Vida na Terra, ela esbarrará nos enigmas da mente. Todavia a Ciência está bem perto de comprovar a existência do espírito. Modernos estudos sobre a glândula pineal, a epífise, tem demonstrado que, sob estímulos de caráter intelectual e emocional, quaisquer que sejam eles, se desencadeiam nela determinadas reações de natureza químico-elétricas que, por sua vez se refletem por todo o cérebro. A mente é o espírito e o cérebro o seu veículo de manifestação. O Universo é uma projeção da Mente Divina, que o concebeu, que o sustenta e o aperfeiçoa.
- Porque, de maneira geral, o homem não pensa nisso...
- Os técnicos de gabinete, os políticos e o povo em geral não sabem o que se passa nos recessos dos laboratórios de pesquisa. A ambição desmedida é incompatível com a transcendência. A Ciência necessita se colocar mais ao alcance do entendimento do homem comum e já começou a fazer isso; a Física, a Química, a Biologia e mesmo a Filosofia carecem de se difundir com terminologia consentânea à compreensão geral, para que as suas conquistas não permaneçam restritas a uma casta de iniciados. A Religião – que se estagnou – por si só não mais tem bastado aos anseios do homem.
- Pelo que você diz, Religião e Ciência...
- Identificar-se-ão plenamente! Por esse motivo, a Comunidade dos Espíritos Superiores, sob a direção do Cristo, tem-se preocupado com a guerra que, se se alastrar, comprometerá os avanços da Ciência e, de novo, poderá dar força ao fanatismo religioso...
- Como a questão, vista por esse ângulo, é ultra-delicada!...
- A preocupação central não é com aqueles que não irão morrer... Os espíritos renascerão sempre e, depois, a Vida se mostra infinita em todas as direções. É evidente que, sob o aspecto humanitário, todos nos preocupamos com a situação dos mutilados, dos que perderam as suas casas, os seus pais, os seus filhos, os seus irmãos... Mas, a rigor, ninguém sofre prejuízo de que não seja ressarcido. A Lei de Compensação funciona de forma admirável e, conforme dissemos, todos terão de volta o que lhes pertence, ou, por outras palavras, o de que necessitam transitoriamente,

como *elementos pedagógicos* que lhes promovam a educação. A Terra é um grande educandário ou ainda um imenso tabuleiro de xadrez, onde aprendemos a movimentar as peças, cujo objetivo não é ganhar do adversário, mas, isto sim, exercitar a inteligência,. Figuradamente, as armas de guerra são "brinquedos" nas mãos de crianças espirituais, competindo uma com as outras. Os Espíritos Superiores, no entanto, compadecem-se de nossa grande ingenuidade... A criatura encarnada está se batendo por uma ilusão! Os motivos que levam à guerra são os mais fúteis possíveis; a declaração solene de guerra e um país contra outro, com as autoridades civis e militares todas engravatadas e circunspectas, dá-nos uma idéia da dimensão da ignorância humana. A grandeza do homem está em seus atos de amor! Só quando ama, ele consegue deixar de ser medíocre!...

- Então, caro amigo – comentei, ensejando ao companheiro o prosseguimento da explanação -, o que o homem está vivendo não é real...

- Ele imagina que é, mas não é. Tornando a falar, especificamente, do conflito no Oriente, o homem montou um cenário e "Hollywood" saiu das telas... O grande desafio é amar, não é odiar. A vida material é uma ilusão que passa. Amanhã ou depois, fora do corpo, os líderes dos dois países mais diretamente envolvidos, dirão: "eu sou fulano"; "eu sou cicrano, beltrano"... Ora, ninguém se importará com isso. Eles terão que se haver com a própria consciência. Deste Outro Lado, não existem países a serem governados; os valores que imperam nas dimensões além da morte são completamente diversos daqueles que levam o homem ao delírio... Quem está garimpando ouro não se importa com cascalho; quem extrai a pérola deixa a ostra de lado...

- Mas, por vezes – indaguei -, essa ilusão não continua?

- Continua, na forma de ilusão... Há espíritos que permanecem por dezenas de anos e até séculos fixados naquilo que foram ou nos personagens que animaram; todavia, quando começam a entrever a realidade, enlouquecem, rebelam-se, não querem aceitar os fatos. Depois e expiarem longamente no Mundo Espiritual, finalmente renascem: "fulano", "cicrano e beltrano" tomam um corpo insignificante e vão ser, por exemplo, anônimos pedintes nas ruas de uma grande cidade ou pacientes crônicos de um hospital psiquiátrico...

- Quando conseguem reencarnar, não é?

- Demora, mas todos reencarnam; a reencarnação é sempre uma bênção...

- O pessoal acha que não reencarnar é um privilégio...

- Ao contrário, para espíritos semelhantes a nós, é uma penalidade. Quem tem carma na Terra anseia por renascer o mais depressa possível! Estou, é claro, me referindo a espíritos conscientizados e não àqueles que não admitem a culpa – muitos deles podem ficar até por quinhentos anos, ou mais, sem a bênção do renascimento; finalmente, fragilizam-se, e, quando abrem os olhos, vêem-se choramingando no berço: esquecidos do que foram, humilhados em sua condição, ocupando, por vezes, um corpo disforme, reerguendo-se, gradativamente, da queda a que se arrojaram...

- Ou, então, vão ser ração de dinossauro em mundo primitivo...

O Mentor sorriu com descontração e admitiu:
- Pode, sim, acontecer. Por que não?
- Quanto tempo demorará o espírito de um criminoso de guerra para se redimir? – Perguntei.
- Inácio, isso é lá com Deus... Mas pode ser que eu ou você já o tenhamos sido!
- Criminosos de guerra? Como assim? Não estaríamos, então, na condição em que nos encontramos – que não é lá essas coisas, mas...
- Eu penso que um criminoso de guerra – Hitler, por exemplo -, que se responsabilizou por milhares de mortes e atrocidades, a não ser em *condições especiais*, não se levanta...
- Fica difícil entender...
- Admito que sim, porém o espírito não resgata as suas faltas, simplesmente sendo esmagado pelo seu peso... Você já imaginou se Hitler tivesse que pagar a cada judeu o que deve?
- Ele vai passar a eternidade e não vai conseguir.
- Admito a teoria de que, entre várias existências expiatórias, a Misericórdia Divina, que é Infinita, intercede junto à Lei do Carma e *anestesia* o espírito, dando-lhe a oportunidade numa existência comum, de demonstrar se mudou...
- Você acha viável, Odilon?
- Acho! De repente, mais tarde, eu ou você, Inácio quando a *anestesia* terminar e nos voltar a lembrança do que fomos...
- Eu, Inácio Ferreira, espírita, algo moralista, médico psiquiatra, um criminoso de guerra, no passado?...Hum!...
= Eu, Odilon Fernandes, cidadão benemérito, etc. e tal, na mesma... E aí, como que fica?
- Uma confusão danada na minha cabeça!
- Inácio, você acha que o nosso irmão Flávio...
- O *serial-killer*...
- Você acha que ele conseguirá expiar todos os seus crimes, numa única existência?
- De forma alguma.
- De quantas precisaria?
- De umas dez, no mínimo...
- sempre reencarnando louco ou paralítico, como se Deus o sentenciasse a ficar debaixo de uma pedra por mil anos?... Se assim fosse, infratores da Lei que todos o somos, como seria a nossa vida no mundo, ou seja, na Terra?
- Não sou capaz de imaginar; a idéia que me ocorre é que estaríamos nos arrastando num lamaçal...
- No entanto, estamos de pé!
- Até hoje eu não entendo como Saulo de Tarso conseguiu ser Paulo de Tarso com todo aquele drama de consciência!...
- Intervenção divina. Deus não quer nenhum de seus filhos arrastando-se num lamaçal pela eternidade!
- Ou debaixo de uma pedra por mil anos!...

CAPÍTULO 19

Enquanto Odilon providenciava para que não tivéssemos maiores embaraços, na execução que planejávamos aos bastidores do conflito no Oriente, organizei anotações e deliberei dar início, com o concurso do instrumento mediúnico ao qual me afinizei, à tarefa de transmitir aos nossos irmãos na carne a essência das lições que vinha assimilando. Ansiava, ainda que de forma resumida, por dividir com os amigos de grau tudo o que me estava sendo possível aprender, mesmo sabendo que, a muitos, as minhas informações pudessem causar estranheza.

Fascunhei durante algum tempo as últimas experiências vivenciadas, os diálogos com o Instrutor e com os demais companheiros nas lides do hospital e deliberei *descer*, não adiando o projeto de escrever uma nova obra que pudesse colaborar com os que, de fato, se interessam pelo conhecimento da verdade. Apesar da incompreensão de alguns, com referência aos livros escritos anteriormente por mim, os questionamentos e a crítica dos espíritas conservadores, enquanto continuasse contando com a receptividade do médium, não me seria lícito recuar. Se nós os *mortos*, nada sabemos da vida de além-túmulo, muito menos os que dela supõem algo saber!

Com o rascunho de minhas anotações debaixo do braço, informei ao Manoel Roberto que me ausentaria por algumas horas, instruindo-o quanto à determinadas questões de ordem interna no Sanatório, e tomei, confiante, o rumo da crosta. Lembro-me de que, estando encarnado, quando na publicação de algumas obras de minha lavra, como, por exemplo, "A Psiquiatria em Face da Reencarnação", "Novos Rumos à medicina", "Têm Razão"? E outras de menor repercussão, acirradas discussões se acenderam e o meio acadêmico se colocou de vez contra mim. Deste modo, eu já estava habituado à contestação e, se o médium estivesse disposto a perseverar, também eu perseveraria... A minha vantagem sobre ele é que, agora, as críticas não me alcançavam diretamente: mesmo as endereçadas aos meus ouvidos especificamente, passaram antes pelos ouvidos dele... Se ele agüentasse, eu haveria de agüentar. A minha época, nós, os espíritas, *apanhávamos* tanto dos profitentes de outras crenças que nos sentíamos motivados a maior união entre nós; agora, que o Movimento Espírita se expandiu, os seus adeptos se dão ao luxo de brigar uns com os outros. Está acontecendo conosco exatamente o que aconteceu com os cristãos; durante trezentos anos, sob as mais terríveis perseguições, eles se mantiveram coesos, mas depois a coisa desandou... Bastou que o Cristianismo, convertido em Catolicismo, se transformasse em religião oficial do império romano para que as animosidades intestinas se mostrassem piores do que as lutas travadas contra o paganismo.

Com a cabeça fervilhando de idéias, consegui furar o "bloqueio" das entidades que se posicionavam nas imediações do Hospital – eu aprendera a me tornar *invisível* para elas – e desci, já,

mentalmente, procurando colocar o medianeiro em condição receptiva; aliás, desde alguns dias, vínhamos trabalhando a sintonia... O processo de transmissão mediúnica, para obras de fôlego, obedece ao ritmo de inspiração que envolve um escritor comum que, na maioria das vezes, antes de redigi-las,, primeiro concebe a idéia, entrando, digamos em estado de *gestação intelectual*. Ninguém semeia sem dispor de terreno convenientemente preparado. De maneira que, quando cheguei, o médium já me esperava, de caneta em punho!

Seria interessante, a título de orientação para outros médiuns, que eu fizesse o seguinte esclarecimento: não pensem que, numa atividade mediúnica regular, desenvolvendo um projeto que objetiva mais ampla conscientização dos encarnados, nós, espírito e médium, agindo conjuntamente, não soframos a tentativa da interferência da parte das entidades que se nos opõem aos propósitos. Contamos, evidentemente, com diversos assessores e não atuamos sem a indispensável cobertura do nosso Plano, mas, mesmo assim, a ousadia dos espíritos incompreensivos é inacreditável.

No dia aprazado e no horário previamente combinado, entre mim e o meu intérprete, no local em que nos habituamos a trabalhar, sempre nas primeiras horas da manhã, aproximei-me e verifiquei que, a certa distância, algumas entidades com intenções contrárias já se posicionavam. /Ao me avistarem, foram logo gritando:
- Não adianta! Desta vez, você não vai conseguir... Desista! Ele está sob nossa influência e se sente desanimado. *Desfiguraremos* o seu pensamento e consentiremos que você continue nos expondo... Convém voltar para o lugar de onde veio! Não podemos, é certo, nos aproximar quanto gostaríamos mas daqui o atingiremos, ou melhor, atingiremos vocês dois... Desta vez, não será como das anteriores. Desista!...
- Vou ter que trabalhar sob *tempestade* – pensei.

Os nossos irmãos de ideal, repito, estão longe de conceber a extensão do esforço de quem se propõe servir à Verdade com desinteresse. Os espíritos que não simpatizam com o que representamos fazem de tudo para atrapalhar-nos. – A nós e aos médiuns dos quais nos valemos: inspiram alguém da vizinhança a ajustar o rádio no último volume; fazem transeuntes travarem discussão à janela do local de trabalho; emitem pensamentos de apreensão relacionados com a vida familiar do médium; suscitam ligações telefônicas, para tirá-lo da concentração; disparam a buzina de veículo estacionados nas proximidades, Incitam cães próximos a latirem sem parar...

Não creiam que eu esteja exagerando; se não acreditam no que estou dizendo, é fácil: tentem ser ser médiuns ou espírito mensageiro!... A tentativa de serem médiuns poderá ser feita de imediato; quanto a de espírito mensageiro, é óbvio que terão que esperar um pouco e é bem provável que até que o queiram como tal.

A custo, contive-me diante das provocações que continuavam:

- Pare com essa bobagem; ninguém acredita nisso... As suas obras são medíocres. Você nunca será escritor! O que aconteceu aos livros que escreveu quando ainda no corpo? Nada, absolutamente nada! Estão por aí, nos volumes que restaram, sendo destruídos pelas traças... Mudaram o mundo? Tiveram alguma repercussão? Nenhuma!... Pare de perder tempo e vá viver a sua vida...

Quase tudo que escutava, o médium também estava ouvindo. Convidei-o, mentalmente, a uma oração e, após termos orado, embora nos parecessem um pouco mais distantes, as vozes insistiam:
- O nosso pensamento pesará sobre a mão do médium... Interferiremos na recepção. Ele irá se desgastar tanto, que ficará doente. Se ele é médium para você, há de também sê-lo para nós... Se não pudermos impedi-lo de começar, o impediremos de dar seqüência. Quando o livro estiver na metade, faremos com que ele o rasgue... Receberá cartas desalentadoras e não resistirá às críticas.

Infelizmente – e repito -, infelizmente, eu nada podia responder; caso respondesse, poderia pegar os meus rascunhos e voltar para trás... Em silêncio, me preparando para dar início à tarefa que não seria fácil, apenas pensava: "Este episódio será mais um capítulo do meu livro; irei incluir a experiência que estamos vivenciando... Os nossos irmãos acham que "sintonizou, *isolou*"; as coisas não se passam assim... De que nos vale trancarmos numa cabina telefônica, se a linha de transmissão permanece exposta aos fenômenos atmosféricos?"

O médium estava a postos e eu não podia decepcioná-lo -. Assim que ele preparou as laudas, diversas canetas e me ofereceu o seu pensamento e a sua mão, abri a pasta que trouxera com as minhas anotações e dei início ao trabalho. Todavia, de fato, daquela vez estava mais difícil, tanto para mim quanto para ele. Pude ver, inclusive, quando algumas entidades colocaram ambas as mãos na cabeça e começaram a "pensar em voz alta", articulando palavras que carecíamos de nos esforçar, eu e o medianeiro, para que não se "misturassem" às nossas... Vocês me desculpem tantas aspas no texto, no entanto falta-me terminologia adequada para explicar certas coisas.

O certo – digo-lhes – é que, sem tenacidade, mas por parte do médium que do espírito comunicante, nada feito. Por esse motivo é que tantas atividades mediúnicas se trucam. Estou lhes dando um exemplo do que se passa com a psicografia, todavia todas as faculdades mediúnicas estão sujeitas aos mesmos entraves, sejam elas de efeitos intelectuais ou físicos; aliás, as de efeitos físicos, pela sua maior passividade, estão mais sujeitos a interferências negativas..

De modo geral, compreendemos que, por enquanto, não há como ser diferente: a vida dos médiuns na Terra é repleta de óbices, dificultando-lhes o reconhecimento. Que fazer? Quem está disposto

a servir se adapta ao instrumento... A enxada de "corte cego" também pode se afiar através do atrito.

O que eu lhes disse é que, sob tempestade trabalhamos e sob tempestade temos cumprido o dever –mal ou bem, temos cumprido o dever! Se Jesus pregava em meio à balbúrdia do povo, por que nós – tão imperfeitos – haveríamos de nos calar?

Da primeira à última palavra do primeiro capítulo desta obra, até ao derradeiro, "eles" continuarão tentando perturbar e nós, humildemente, tentando fazer o melhor.

CAPÍTULO 20

Quando terminamos a tarefa que havia sido programada para aquela manhã, ao me retirar, ainda pude ouvir os impropérios que contra mim e o médium eram assacados:
- Vocês querem nos revelar como somos; escrevem contra o nosso sistema de vida... O que têm haver com a nossa intimidade? Estão preocupados com a guerra? Pois fiquem sabendo que ela se espalhará; o que está acontecendo no Oriente é apenas o começo...Incendiaremos o mundo e comprometeremos o futuro da Humanidade. Insignificantes!... Ninguém lerá o que estão escrevendo... Inútil! O Planeta nos pertence! Estamos em toda parte; somos vários que fomos designados para combatê-los... Tolos! Ao invés de se unirem a nós... Deixando o médium mergulhado em seus afazeres, apenas lhe respondi, sem me deter:
- Insignificante e inútil é toda e qualquer atitude que se oponha à Vontade de Deus. Respeitamo-los: vocês são nossos irmãos, mas estão perdendo tempo... O nosso propósito não é o de desafiá-los; propondo-nos tão-somente dizer a verdade aos que têm "ouvidos de ouvir"...
- Dizer a verdade?! – redaguiram – E, porventura, você a conhece? O que é a Verdade?...

Compreendo que não me competia contender naquela hora, recordei-me de que, diante de Pilatos, Jesus silenciara, quando a mesma questão lhe fora formulada, e seguiu adiante, porém, não antes de certificar-me de que o companheiro ficaria bem.

De regresso ao Hospital, Odilon já me aguardava, na companhia de Adroaldo e Manoel Roberto, com a permissão de que necessitávamos para a nossa viagem de aprendizado à região do conflito.
- Inácio, você não perde tempo – disse-me o Instrutor, ao se inteirar da atividade a que dera início na elaboração de uma nova obra.
- Procuro imitá-lo – respondi.
- Como é que estão as coisas por lá?
- A posição de sempre...
- Se a temos as portas de nossas instituições deste Outro Lado, não poderíamos contar que fosse diferente na Terra, não é?
- No entanto, os nossos irmãos encarnados nos acreditam inacessíveis às influências a que os médiuns se encontram expostos...
- Equivocadamente, imaginam-nos, espíritos e médiuns, protegidos por uma redoma... Não! Neste sentido, todo isolamento é de ordem mental. Carecemos de elevar a sintonia...
- ...O que, convenhamos, não é fácil.
- De fato, não o é, Inácio. A transmissão mediúnica está sujeita a altos e baixos: temos dias melhores e dias piores... Nem sempre encontramos o medianeiro em condições ideais.
- E nem sempre estamos nós em tais condições – argumentei.

- Mas, se formos esperar por elas, não trabalharemos! Apenas, digamos assim, em ocasiões excepcionais as condições referidas se nos apresentam.
- É uma pena, pois a tarefa não deixa de ser prejudicada!
- O que importa é a essência da Mensagem e, neste sentido, não temos falhado tanto.
- A forma literária...
- Trata-se de um simples detalhe, Inácio.
- SE a gente pudesse se dedicar com exclusividade, o rendimento seria melhor.
- No entanto, as nossas ocupações – as que nos dizem respeito e as que nossos intérpretes – não no-lo permitem.
- Falta-nos, Odilon, no meu entender, um pouco mais de memória... Se tivéssemos maior domínio do cérebro... às vezes, na transmissão de um único parágrafo do texto que nos dispomos a escrever, a sintonia falha em diversos pontos.
- Você está certo – concordou o Mentor. – Sabia, no entanto, que a falta de memória tem a ver com egoísmo?
- Não duvido, mas não conseguiria explicar em que aspecto.
- O egoísta vive trancado em seu próprio mundo; isola-se do contato com os outros e, assim, evita receber estímulos...
- Faz sentido.
- Nosso cérebro se desenvolve a partir dos estímulos que recebe: se fugirmos à vida de relação, à convivência com os semelhantes e nos tornarmos indiferentes...
- Quer dizer que o centro da memória também tem a ver com a prática da caridade?
- Exatamente; a caridade nos expõe aos referidos estímulos do mundo exterior: aprendemos a sentir a dor do outro como se fosse nossa... Os nossos sentidos físicos se desenvolveram a partir de estímulos de natureza física; por exemplo: se taparmos um dos olhos de uma criança recém-nascida por trinta dias, impedindo-a de receber o estímulo da luz, a visão daquele olho, em toda a sua vida, jamais seria igual à do que ficou exposto à claridade... Os nossos sentidos espirituais carecem de estímulos espirituais para que se desenvolvam!
- Quer dizer que melhor memória não é só questão de treinamento?
- Em termos de mediunidade, não; ou, sendo um pouco mais abrangente, em termos de sensibilidade... Não adianta acumular informações, sem saber utilizá-las. Decorar palavras não significa memorizar-lhes o conteúdo ou conhecer-lhes o significado.
- Por esse motivo, os médiuns...
- Os médiuns e nós, que tencionamos contactarmos, necessitamos de estar sempre receptivos. O egoísta não se predispõe a receber, porque não aprendeu a doar. As flores que não se abrem dificultam a própria polinização...
- A Mente do Criador é inteiramente aberta à criatura...
- É identificar-lhes todos os pensamentos!...
- Seremos melhores médiuns...
- ... Quando formos mais solidários!
- Portanto, não basta que o médium tenha cultura...
- E nem que seja assistido por espíritos intelectualizados!
- O melhor exercício da mediunidade é a prática do bem?

- Perfeitamente, Inácio: o estudo esclarece; a caridade engrandece. Quando o homem não for egoísta, e seu cérebro naturalmente se ativará e ele, então, entrará em mais profunda sintonia com a Vida.
- E não será incomodado pelas mentes perturbadoras?
- Não, porque não mais guardará a mínima afinidade com elas.
- Em trocados em miúdos: eu me queixo da falta de memória na mediunidade e, ao invés de me prescrever um fosfato para o cérebro, você me recomenda fazer caridade?
- Inácio, o diagnóstico não me pertence, mas, sim, a Jesus Cristo. O cérebro do egoísta funciona em regime de circuito fechado. Para que sejamos mais receptivos e "ocupemos" áreas inexploradas do cérebro, precisamos tomar a iniciativa de nos entregarmos...
- Mas, de modo geral, os médiuns são bastante caridosos...
- Estão começando agora – de modo geral, todos estamos começando agora! A solidariedade ainda nos é tão inabitual, que basta que alguém se decida a colocá-la em prática para que seja, de imediato, considerado portador de virtudes que está longe de possuir. A pessoa realmente virtuosa não se caracteriza por uma ação isolada no bem dos semelhantes.

As considerações do Mentor, como sempre, eram oportunas e valiosas, no entanto foi ele mesmo que nos advertiu quanto a necessidade de ultimar preparativos. Em rápidas palavras, colocou-nos a par da situação que se agravava com o avanço das chamadas Forças de Coalizão sobre a Bagdá das Mil e Uma Noites.
- A resistência está sendo menor que a esperada, mas o número de mortos é elevado... Temia-se por armas químicas e biológicas, todavia, ao que nos parece, o governo iraquiano não as possui.
- Não foi o que se pretextou para a invasão? – Perguntou Adroaldo.
- Quando a ambição nos domina, qualquer pretexto nos serve para que colimemos os interesses em pauta. Felizmente – comentou Odilon -, os dirigentes do sofrido povo iraquiano estiveram o tempo todo mais preocupados com o seu bem-estar material!...
- Caso contrário, não estariam ou blefando ou deixando crer que possuíssem armas de destruição em nossa massa, não é? – Questionei.
- Teriam investido em armas pesadas e a carnificina seria maior; a resistência sendo ditada pelo fanatismo religioso, aliado a algum sentimento de nacionalidade de quem vê seu país ocupado por estrangeiros...
- Aos iraquianos, porém, não restava escolha... Seja como for, o país está reconstruindo – afirmei.
- Abstenhamo-nos de julgar, Inácio, mas temos motivos de sobra para pensar o contrário.
- Como assim?
- Ingleses e norte americanos sempre se moveram pelo espírito da conquista... O carma do povo do Iraque há de continuar por bom tempo ainda ! Gastam-se milhões de dólares na construção de um único míssil, mas não se investe a mesma soma em obras sociais que favoreçam os que vivem na miséria. Por esta razão, a guerra está apenas se deflagrando... Espera-se por uma catástrofe de maiores dimensões.

CAPÍTULO 21

Não encontramos as dificuldades que esperávamos para chegar à capital do Iraque. O cenário era de destruição e a desorganização reinante se estendera à dimensão espiritual imediata à região da Crosta. Numerosos grupos de espíritos iam e vinham, em situação lastimável. Pude observar que a maioria permanecia alheia ao que lhe havia ocorrido.
- Não nos aproximemos em excesso, para que não corramos o risco de ser abordados; mantenhamo-nos de pensamento elevado e, assim, passaremos relativamente despercebidos...

Despejavam-se bombas e mísseis sobre a cidade e pessoas eram, indiscriminadamente, atingidas; não apenas as construções onde funcionavam órgãos do governo se transformavam em alvos para o exército que sitiava Bagdá; os chamados "ataques cirúrgicos", através de mísseis considerados de alta precisão, destruíam quarteirões inteiros e os corpos de centenas de civis se encontravam espalhados, completamente mutilados.

Não lhes descreverei, no entanto, o que, parcialmente, a imprensa internacional tem divulgado. Ater-me-ei ao que presenciamos deste Outro Lado, com os espíritos que se destacavam do corpo e prosseguiam como se nada lhes houvesse acontecido.

Nas cercanias da cidade, vimos quando um "homem-bomba" se aproximou, em trajes civis, e, gritando algo que interpretei como: "Allah seja louvado!", acionou um dispositivo em seu corpo e explodiu, levando consigo um grupo de soldados norte-americanos. Quando a cortina de fumaça se desfez, vários corpos estavam em pedaços pelo chão, e os feridos, esvaindo-se em sangue, eram socorridos pelos companheiros que não foram atingidos.

Fora do corpo, o espírito do fanático religioso, transpondo o limiar da vida de além-túmulo, se apalpava e, considerando-se *vivo*, frustrava-se, imaginando que falhara em sua missão.
- Procuremos fixá-los com atenção – disse-nos o Instrutor – e ser-nos-á possível *ouvi-los*... O pensamento é idioma universal e, para os que assim o compreendem, dispensa o concurso de palavras articuladas. Com raras exceções, eles não nos poderão ouvir, de vez que sequer atinam com a nossa presença; estão de tal maneira concentrados na guerra, que só enxergam os inimigos... Por esse motivo, o que se convencionou chamar de "fogo amigo" tem provocado tantas baixas; os combatentes da Colisão Anglo-Americana imaginam ver adversários nos próprios companheiros que não conseguem identificar.
- Ao invés do Paraíso, ganharei o Inferno! – Lamentava-se a entidade, que tentava colocar-se de pé. – Traí a confiança de Allah... Até a minha família desonrei. Uma arma, preciso encontrar uma arma para continuar resistindo aos invasores... Eu não sou um

desertor! Ai, como me doem as pernas!... Com certeza, fui alvejado antes...

E, tristemente, arrastava-se no solo, à procura de uma arma perdida, que não encontrava.
- O que acontecerá a ele? – Perguntou Adroaldo.
- Será recolhido por padioleiros; aguardemos... – Respondeu Odilon.

Não demorou muito e um grupo de muçulmanos desencarnados apareceu: eram em número de quatro e logo se puseram a socorrer o espírito atordoado.
- Perdoem-me, por piedade! Eu não sei o que houve, que falhei. Não me entreguem a Saddam... Vocês sabem o que ele manda fazer a quem fracassa.
- Cale-se e não blasfeme! – Ordenou um dos quatro. – Você não falhou; diversos americanos foram pelos ares... Você é um herói!
- Um herói, eu?! Onde é que está, então, o Paraíso prometido?...

Colocando-o em cima de uma maca, o líder do grupo socorrista retrucou:
- O Paraíso, certamente, vem depois... Não duvide da palavra do Profeta!
- Para sempre, seja louvado! – Disseram todos, em uníssono, inclusive o homem que se imolara.

Enquanto os padioleiros se retiravam, o Mentor esclareceu:
- Existem diversos acampamentos espirituais nas imediações... Todos os "mortos" estão sendo encaminhados a eles. A dominação continua...
- Você se refere à opressão mental? – Indaguei.
- Sim, Inácio. Os líderes desencarnados da comunidade arrebanham os seus seguidores; poucos os que conseguem se esclarecer e tomar outro rumo... A comunidade islâmica além da morte é impenetrável. Nenhuma espécie de fanatismo cessa para quem deixa o corpo sob o seu jugo.
- E os de mentalidade mais aberta? Não são ouvidos?
- Necessitam de agir com prudência e é o que têm feito. Como é que, de um instante para outro, contradirão o que eles mesmos pregaram a vida inteira? Há de se ter muita habilidade e esperar pelo tempo. Os líderes dos povos do Oriente têm sofrido, ante a incapacidade de libertá-los da hipnose coletiva que auxiliaram a fomentar. Acompanhemos, no entanto, a reação dos soldados norte-americanos que se vitimaram na explosão – exortou-nos o companheiro. – Entremos em simbiose mental.
- Meu Deus! – Exclamava um jovem, aterrorizado.
- Arrancaram-me o braço!... Socorro! Eu não quero morrer!... Chamem um médico! Quero voltar para casa!...

Outro, um sargento, que havia perdido parte da perna, ainda tentava sustentar o fuzil.
- Não nos dispersemos – gritava aos demais. Estamos feridos, mas ainda, vivos... Mantenhamos a posição!

E solicitava a um rapaz, com divisas de cabo no uniforme ensangüentado:
- Comunique-se com a retaguarda e peça socorro urgente... Vamos precisar de sangue! Você está ouvindo? Acorde!... Não perca os sentidos agora! Mova-se!...

Pela cabeça de nenhum deles passava a idéia de que estivessem... *mortos*.

O certo é que, infelizmente, a batalha que se travava em território iraquiano se estendia ao Outro Lado da Vida.

Manoel Roberto, de hábito mais calado, indagou ao Instrutor:
- Dr. Odilon, onde estarão os familiares desencarnados dos combatentes em questão? Por que não aparecem para auxiliá-los?
- Manoel, a sua pergunta é interessante, mas convém que nos lembremos de que, para estarmos aqui, tivemos de pedir permissão e nos munir de uma espécie de salvo-conduta. Não é assim: os *mortos* não podem ir a toda parte que queiram... A maioria por falta de condições. Só não fomos molestados na "fronteira" porque o país está um caos; os chefes militares estão preocupados em abandoná-lo, e, a esta altura, já se encontra sem comando... Quase todos os integrantes da guarda republicana, tido como soldados de elite, perceberam que não podem resistir; a verdade é que Saddam esperava por uma união do mundo árabe que, felizmente, não aconteceu – pelo menos, por enquanto.

Enquanto médicos e enfermeiros encarnados atendiam aos sobreviventes, estancando hemorragias e administrando-lhes morfina, médicos e enfermeiros desencarnados se aproximavam dos que haviam perecido e, sem que nada lhes dissesse a título de esclarecimento, agiam com naturalidade.
- A nossa situação é muito grave, Capitão? Temos chance de sobreviver? – Perguntou o rapaz que tivera um dos braços arrancado pela explosão de diversas granadas, que haviam sido amarradas ao corpo do "homem-bomba".
- Sem dúvida, sem dúvida – respondeu o oficial, providenciando uma espécie de torniquete.
- Difícil acreditar no que estamos vendo... – Comentei com Adroaldo.
- Inácio – explicou-me Odilon -, de imediato é o que se pode fazer... Como se cogitar de um assunto tão transcendente com quem, no momento, não oferece a mínima receptividade?

Em crise, um dos soldados *mortos* se levantou e, apontando a metralhadora para todos os lados, pôs-se a gritar, alucinado:
-
Somos super-homens!... As bombas iraquianas só nos provocam arranhões... Levantem-se, seus molengas! Estamos às portas de Bagdá...

E, com o uniforme em frangalhos e parte do rosto desfigurada, saiu correndo sozinho pela estrada, com um dos enfermeiros em seu encalço.
- Por que não o deixam ir? Que mal poderia lhe suceder? – Questionou Manoel.

Tomando a liberdade de responder ao companheiro, falei, refrescando-lhe a memória:
- Quantas vezes, você mesmo saía correndo pelas ruas, atrás de internos nossos que pulavam o muro do Sanatório, lembra-se?
- A rigor, Manoel – observou Odilon -, mal algum poderia lhe suceder; o mal real não existe!... No entanto, o seu espírito poderia ser feito prisioneiro. A responsabilidade de um pai em relação ao filho, ao contrário do que se passa, não cessa com a morte...
- Do filho?... – Indagou Adroaldo.
- Do filho ou do pai...
- Eu sei bem ao que os senhor se refere!
- Toda nação tem um governo correspondente no Mundo Espiritual. Os soldados desencarnados das tropas anglo-americanas, feitos prisioneiros de guerra pelas milícias muçulmanas do Além, e vice-versa, terão que ser resgatados.

CAPÍTULO 22

Caminhando pelas ruas da cidade, percebemos que os espíritos se misturavam com o povo e muitos se comportavam como se, de fato, estivessem em estado de guerra. Vários pensamentos me acudiam ao cérebro ao mesmo tempo. Sem nada dizer aos companheiros que, certamente, se encontravam tão surpresos quanto eu, meditava naquela situação, tentando compreender como é que o homem podia descer a nível tão baixo, esquecendo-se completamente de sua destinação espiritual. Convencia-me, cada vez mais, de que a imperfeição é uma doença da qual a criatura se encontrava sob severo tratamento, entre alguns períodos de melhora e recaídas.

De maneira geral, os combatentes, envolvidos na guerra, só se lembravam do Ser Supremo para pedir-lhe proteção contra o inimigo, esquecidos de que o inimigo também orava ao mesmo Deus. Em quase nenhum deles, surpreendíamos pensamentos de transcendência... Os soldados da Coalizão, que já realizavam incursões na periferia da capital iraquiana, beijavam medalhas com a efígie do Cristo, que traziam dependuradas ao pescoço, e os muçulmanos, por sua vez, proferiam jaculatórias: - "Allah hu akbar! Hu Allah kibir!" (Allah é grande!). Já outro portava consigo, junto ao peito, diminuto exemplar do "Corão", acreditando que semelhante providência o livraria da artilharia do adversário ou, então, lhe serviria de passaporte para o Paraíso.

Penalizava-me ver aqueles irmãos equivocados a ignorarem as realidades da Vida além da morte. Quantas existências ainda teriam, no corpo, para despertarem? Como a religião formalizada era capaz de manter sob hipnose milhões e milhões de espíritos? Se conhecessem o Espiritismo – seguia pensando -, todos os valores pelos quais lutavam com tanta ferocidade careceriam de sentido... Jesus Cristo peregrinara pelas imediações, estivera tão perto daquela gente, no entanto, jazia esquecido em suas lições libertadoras; os judeus O consideravam, inclusive, abaixo de Moisés, que os libertara da escravidão no Egito, e os adeptos do Islamismo igualmente não O nivelavam a Maomé, que pregara e incentivara a chamada "Jihad" – Guerra Santa! -, como justificativa para se propagar a fé. Para muitos, Jesus não passava de um dos muitos profetas da raça, mas estava longe de ser o Messias! Quanto tempo a Mensagem da Cruz levaria para ser compreendido? Por outro lado, enquanto os aviões e lança-mísseis davam seqüência a implacável bombardeio, atingindo, indiscriminadamente, a civis e militares – prosseguia refletindo - , nós, os que pertencíamos à civilização do Ocidente e nos dizíamos cristãos, que fazíamos, em termos práticos, para vivenciar o Evangelho? O Ocidente também encontrava-se em guerra: as desigualdades sociais, a corrupção, a violência, a ambição desmedida, a falta de solidariedade, a opressão do forte contra o fraco, a indiferença, a ausência de amor nos corações... Não tínhamos o Brasil envolvido, por exemplo, em nenhum conflito

armado com alguns dos países que lhe fazem fronteira, mas vivíamos uma guerrilha urbana em grande escala, que já ameaçava, inclusive, estender-se das capitais ao interior: facções criminosas se organizavam e enfrentavam a polícia; a periferia, relegada ao descaso pelas autoridades, transformara-se em reduto de traficantes e a corrupção se infiltrara em todos os seguimentos da sociedade... Todos clamavam por uma reforma das bases, mas poucos cogitavam de empreender semelhante reforma pautando-a nas propostas do Evangelho.

- Inácio, perguntou-me Odilon, com o propósito de subtrair-me ao silêncio a que me recolhera, em meio à escura fumaça que tomara conta dos céus de Bagdá -, por que você está tão calado?

- Eu estava pensando...

- No entanto, meu amigo, não se deixe abater... A duras penas, o homem aprenderá o que lhe convém saber. A Vida continua e a lição não se interrompe. A rigor, estamos movendo guerra às nossas ilusões, demolindo as construções milenares de nossos enganos. Sobre a Terra, nunca haverá vencidos... Todo poder é transitório. A era de um ditador está chegando ao fim, e os que o estão derrotando não passam de instrumentos da Vontade de Deus; se, por sua vez, os supostos vencedores de hoje se transformarem em opressores da nação conquistada, haverá quem, mais cedo ou mais tarde, lhes faça conhecer a derrota... Os planos de Deus não vão se alterar e o progresso é irreversível em sua marcha! Na verdade, essas casas em ruínas são feitas de papelão e essas poderosas máquinas de guerra são engenhos de brinquedos... Os corpos dilacerados são roupagens que o espírito despe, sem que a sua essência seja atingida. O que precisa mudar é o sentimento! Enquanto o homem não aprender a amar os semelhantes, ele andará distraído nos caminhos da Terra, recapitulando a lição, até que, em dado momento, lhe ocorra um *insight* espiritual e a sua visão das coisas se modificam. Os iraquianos mortos em combate, muitos deles renascerão na América ou na Inglaterra e muitos norte-americanos e ingleses que tombaram no campo de batalha reencarnarão como filhos dos filhos cujos pais pereceram... É assim que funciona. Dói-nos, sem dúvida, ver o sofrimento do povo, toda vida dói-nos bem mais observá-los em sua ignorância, pois, se a penúria física cessa com a morte ou com providências de natureza humanitária, a ignorância acompanha o espírito e não se resolve de imediato. De quantas vidas necessitaremos, a fim de que nos ocupemos tão-somente do que nos interesse para sempre? O homem, que investe em viagens interplanetárias, esquece-se de que a conquista do Cosmos começa com a conquista de si mesmo!

- O senhor tem razão – aparteou Adroaldo. – Não se trata de indiferença nossa ou de falta de sensibilidade, mas vejamos esses tanques-de-guerra destruídos, esses veículos queimados, essas sucatas de helicópteros abatidos, esses escombros de construções que vieram abaixo... Um amontoado de pó – nada mais do que isso! Esses aviões, com essas bombas de alto poder de destruição, não passam de insignificantes insetos voadores... Quanto desperdício de inteligência e de energia! Vejamos os espíritos, com os seus corpos luminescentes, deixando o casulo físico, da qual se fosse lagartas que, por fim, se transfiguram...Tudo mudou para eles: a

paisagem não é a mesma, no entanto permanecem mentalmente estacionados, como se recusassem a passar ou consentir que o tempo passasse para eles... Há quantos séculos estarão assim?...
- E por quantos séculos assim ficarão? – Emendei.
- O que poderemos fazer com o intuito de acordá-los? – Perguntou Adroaldo.
- Não meçamos esforços para tanto – considerou o Mentor -: eles não estão esquecidos... Os horrores da guerra, cujas imagens têm sido veiculadas pela televisão, estão chocando o mundo e sensibilizando a opinião pública; movimentos pacifistas haverão de se multiplicar e pressionar os governos...
- Os governantes!... – Ironizei. – Eu não sei o que se passa na cabeça dessa gente... Vendo-os e ouvindo-os, tenho a impressão de que se consideram mais imortais do que nós, os que já estamos mortos! Raros os que verdadeiramente governam para o povo!... Mal assumem o poder, sentem-se como se fossem os antigos imperadores de Roma, ou seja, semideuses!...
- Por esse motivo, Dr. Inácio – aduziu Adroaldo -, o filósofo Platão dizia que os governantes deveriam ser poetas e não políticos...
- Concordo literalmente, respondi. – Apenas lamento que, por vezes, os poetas sejam tão pouco práticos...
- Mas, se ao invés de empunhar o fuzil, Bush e Saddan fossem adeptos da Poesia, teríamos flores caindo do céu e não bombas!
- Restar-nos-ia saber – disse o Instrutor – se, em nossa atual conjuntura evolutiva, estaríamos preparados para nos satisfazermos assim... Os governantes também são médiuns e, na maioria das vezes, se fazem intérpretes da média da vontade do povo; a violência que se propaga no mundo é resultado da violência que cada um traz dentro de si!... Não nos esqueçamos de que foi o povo instigado que pediu a Pilatos a crucificação de Jesus Cristo!
- Escolhemos Barrabás! – Exclamei.
- O inconsciente coletivo, esclareceu Adroaldo -, estudado por Jung, necessita ser levado em consideração. Os pensamentos de sono uns aos outros e pesam nas decisões de caráter coletivo. Inconscientemente, muitos querem a guerra...
- Acredito que os iraquianos quisessem se libertar de Saddan! – redargüi. – Segundo estamos sabendo, na cidade de Basra, os soldados americanos e ingleses estão sendo saudados pelas ruas pela população civil...
- Quando a solução para determinado problema – explicou o Mentor – se mostra demorada e o povo não tem força para reagir ou não pode reagir...
- Durante os mais de vinte anos de ditadura no Iraque, mais de duzentos mil teriam sido sumariamente executados – lembrei.
- A "alma" do povo oprimido clama por justiça e, então, uma catástrofe se prepara, algum acontecimento fora dos padrões habituais para modificar o panorama vigente.
- Quer dizer que o mundo tem "alma"? – Indaguei, ansiando por maiores esclarecimentos.
- O homem tem alma, o povo tem "alma", o mundo tem "alma", o Universo tem "alma"...
- A "alma" do povo iraquiano...

- ... É o seu clamor: o clamor dos injustiçados e perseguidos que, por fim, se levanta!...

CAPÍTULO 23

Enquanto falávamos, vimos surgir, rente a nós, um grupo de entidades que perambulava, gritando:
- Onde está ele? Estamos a esperá-lo e queremos justiça... Ele nos pertence; será nosso prisioneiro... Terá que responder pelo que nos fez, a nós e aos nossos familiares... Será "olho por olho, dente por dente"! Perdemos tudo... Sabemos o que foi que ele ordenou nos fosse feito; morremos sem glória e até hoje não encontramos o Paraíso... Allah seja louvado, mas que Saddam seja morto!

Eu nunca havia visto uma procissão de *espectros.* Eram sentenças que se aglomeravam, quase todos exibindo em seus corpos espirituais as marcas da tortura: alguns traziam pedaços de corda em volta do pescoço; outros, perfurações na cabeça e no peito, sem descrever a triste situação dos mutilados, que haviam tido as mãos decepadas... Homens e mulheres mortos, envoltos em seus trajes típicos, procurando o líder iraquiano pelas ruas sombrias de Bagdá! Mesmo que pudessem nos ver não nos veriam, tal a rigidez de seus corpos e o estranho brilho que traziam nos olhos: eram, aqueles verdadeiros zumbis, pessoas que haviam ousado discordar do infeliz ditador e de seus sequazes e, em conseqüência, foram sumariamente condenados à morte.
- A guerra – comentei com Odilon – é sempre cruel, mas, às vezes, diante de um quadro assim, a gente se sente constrangido a repensar... Quando é que esse povo se libertaria de tamanha tirania e crueldade! Quantas atrocidades encobertas que a opinião pública mundial desconhece! Com todo respeito, esse nosso irmão é um espírito sanguinário... Confesso-lhe que preciso me conter, para não me juntar aos *espectros* que lhe estão reclamando o espírito!

O Mentor, olhando-me significativamente, nada respondeu.
- Queremos Saddam! Queremos Sadam! – Gritavam em voz ritmada e lenta. Os seus semblantes escuros – *fácies* de cera – causavam-me profunda consternação.
- Por mais que se esconda, ele será nosso! Perante Allah, Justo e Misericordioso, evocamos esse direito! O seu Inferno seremos nós!... Não queremos que as forças inimigas o façam prisioneiro; queremos que morra e venha ter conosco! O "Corão" nos confere o direito de punir os traidores da causa islâmica; ele, os seus filhos e os seus ministros se locupletaram às custas do sofrimento do povo...
- Não nos convém, Doutor – perguntou Manoel Roberto -, a tentativa de auxiliá-los? Não estarão sendo vítimas pela segunda vez? Por quanto tempo vagarão?...
- Não nos compete, Manoel, intervenção alguma – esclareceu Odilon -, a não ser com as nossas preces a Deus para que esses sofredores irmãos tenham a oportunidade do esclarecimento e sejam amparados pelos espíritos responsáveis pela condução do destino dos povos

árabes. A Misericórdia Divina não os esquecerá! Se ela tem se lembrado de nós, não os relegará ao desamparo.
- E, depois, Manoel – falou Adroaldo -, caso decidíssemos intervir, é possível que eles nos interpretassem à conta de amigos de seu algoz; ver-nos-íamos, então, em delicada e complexa situação... Se, pelo menos, mencionássemos com eles a palavra *perdão*, com certeza, não nos entenderiam.
- E seria difícil – completei por minha conta – ter argumentos para convencê-los...

Aquela procissão de *mortos-vivos*, que cada vez mais engrossava, peregrinava pelos bairros da capital iraquiana em completa desordem: víamos soldados trocando seus uniformes militares por trajes civis e misturando-se à população, diversas casas sendo saqueadas; muitos se prevalecendo do caos reinante para se vingar de seus inimigos pessoais...

Um fortíssimo vento começava a soprar e imaginei tratar-se de um forte deslocamento de ar, provocado pelas sucessivas explosões, pois toneladas de e bombas continuavam a ser despejadas, sem trégua, sobre a cidade semidestruída.

O som ensurdecedor das explosões, a densa cortina de fumaça, o calor, as tempestades de areia, os clamores, corpos espalhados por todos os lados, tudo, enfim, me induzia a crer que aquela fora a visão em que Dante se inspirara para descrever o Inferno...

O vendaval, acima de nossas cabeças se acentuava e o ar, como se estivesse a refletir a claridade das chamas que consumiam as construções, se avermelhara... Quase insuportável odor de substâncias químicas, que, para mim, se resumia num cheiro de enxofre, nos penetrava as narinas e quase me provocou vômitos; foi quando Odilon nos recomendou:
- Vigilância e oração! Não vacilemos!...

E, discretamente, apontando para cima, chamou-nos a atenção para uma estranha figura que se formava sob o céu de Bagdá: uma imensa cabeça que não tive dificuldade para identificar...
- Uma aparição demoníaca! – Exclamei, estupefato.

Olhos congestos e esbugalhados, sorriso sinistro nos lábios, orelhas imensas e afiladas, dois cornos na fronte e uma barba rala que lhe cobriu o rosto, da costeleta ao queixo pontiagudo, conferiam à monstruosa entidade as feições de Satanás! Ela me parecia estar *respirando* em seu próprio *habitat*, ou seja, aspirando e se deliciando com aquelas tóxicas emanações, inclusive de corpos já em adiantado estado de putrefação.

Confesso-lhes que a visão era aterradora e inacreditável!
- Santo Deus! Deve ser um apavorante simulacro do lendário Diabo, não? – Inquiri ao Mentor.
- É, realmente, uma das entidades que plasmaram em si a concepção demoníaca que os próprios homens criaram, ao longo do tempo.

- Lembro-me de uma representação exatamente igual num dos livros da minha biblioteca... Como é possível? Quantas entidades existirão assim?
- Infelizmente, diversas: algumas com maior e outras com menor poder...
- Todos os espíritos a estarão vendo neste instante?
- Nem todos; muitos apenas conseguem pressenti-la...

Era estranho: aquela *imagem* que se formara de inesperado, à medida que sorvia as emanações deletérias, parecia ganhar vida e movimento e já se corporificava do dorso nu para cima, com os seus traços me parecendo ainda mais nítidos; ela, ou ele – não sei – girava a cabeça de um lado para o outro e continuava a sorrir, como um gênio do Mal que observasse, de uma perspectiva que não sei definir, os seus agentes em ação.

De quando em quando, os aviões me pareciam entrar-lhe pela boca escancarada, qual se estivesse sendo ela a vomitar bombas sobre o povo.
- Incrível, Odilon!... Eu nunca tinha visto nada igual. Supunha que aquelas gravuras nos meus livros mais antigos fossem apenas fruto da criatividade mórbida de seus autores, estampas encomendadas pela própria Igreja para aterrorizar os fiéis, intimidando-os com a ameaça respectiva. Será que algum dos nossos irmãos encarnados a estarão percebendo? Algum médium por aqui?...

Qual se tivesse desenvolvendo as suas percepções, o ponto de ver e ouvir muito além de nós outros, o Instrutor, com um leve aceno nos convidou a dobrarmos uma esquina e adentrarmos pequena mesquita que ainda se mantinha de pé. Deparamo-nos, então, com um velho sacerdote que, ajoelhado na direção de Meca, de rosto prostrado, orava incessantemente:
- Ó Todo-Poderoso – Dizia ele, com a voz embargada e trêmula -, intercedei pelo povo iraquiano... Estamos sendo castigados pelos nossos muitos erros, mas tende piedade de nós! Afastai o Demônio!... Por Maomé, o Profeta, nós Vos pedimos: não nos deixeis à mercê de um inimigo mais inclemente que a própria morte! Allah, Todo Misericordioso, compadecei-vos de nós!... Somos um povo temente a Vós! Não nos abandoneis às Trevas... Afastai o Demônio de nossos céus!...

E, com insistência, beijava o livro sagrado dos muçulmanos, que, dos lábios, erguia a altura da fronte e, sozinho, vestes cobertas de poeira e fuligem, prosseguia orando:
- Que sejais para sempre louvado!... Somos tão pecadores, que necessitamos de que os invasores venham com armas nas mãos para nos libertar... Auxiliai-nos, Ó Senhor de todo o Universo! As nossas crianças e os nossos jovens estão morrendo... Libertai-nos, sim, mas tende piedade de nós! Estamos cansados de viver sob regimes de escravidão... Certamente, ainda não pudemos compreender qual é a Vossa vontade!...

Aquele homem de fé inquebrantável deveria contar mais de oitenta anos de idade; a sua aparência ascética, deixava entrever uma vida de grandes privações naquela humilde mesquita, que as bombas não atingiam.
- Parece-me que o nosso irmão se encontra numa luta desigual – argumentei com os companheiros.

No entanto, aproximando-se, Odilon tocou-lhe suavemente a fronte e, por fração de segundo, o ancião pôde vê-lo, confundindo-o com a presença de um emissário de Allah. Prorrompendo em soluços, agradecia, de joelhos, erguendo-se e inclinando-se sucessivas vezes:
- eu não sou merecedor das Vossas Graças, ó Altíssimo!... Sei que jamais nos abandonastes e nunca nos abandonareis! O Demônio não prevalecerá sobe nós, porque sempre estivestes com o Vosso povo sofrido, irmão de todos os outros povos da Terra – eu agora o sei! Sois o nosso Deus e o Deus de todas as criaturas! Na face do Vosso Mensageiro Celeste, quase ao fim da vida, eu Vos pude ver... Sede mil vezes louvado!...

CAPÍTULO 24

Saindo da pequena mesquita, uma grande claridade chamou-nos a atenção nos céus de Bagdá: olhando para cima, observamos diversos *pontos luminosos* que se aproximavam e, à medida em que se tornavam mais nítidos e reluzentes, a enorme carranca demoníaca como que se sentia incomodava e encolhia. Virando-me para Odilon, perguntei:
- Que *pontos luminosos* são aqueles? Porventura uma espécie de mísseis ultra-sofisticados?...

Detendo-se a analisá-los, o Instrutor comentou:
- Não, Inácio, os homens não se encontram à mercê das forças do Mal que se aglutinam... O mundo não está sob o domínio livre das Trevas. Se o próprio organismo é dotado de elementos naturais de defesa contra os agentes nocivos à sanidade, a coletividade humana não se encontra desprovida de proteção: espíritos compromissados com a evolução dos povos do Oriente não permaneceriam de braços cruzados, assistindo, impassíveis, ao desenrolar de acontecimentos tão graves.

O que presenciamos, então, foi um embate sem precedentes, digno de ser descrito pela pena do mais exímio autor literário de ficção.

A imensa *fácies*, que se contorcia, como que arremessava dardos flamejantes aos *pontos luminosos*, que se defendiam com poderosos e invisíveis escudos estelares...

Adroaldo, tão surpreso e estarrecido quanto eu e Manoel Roberto, diante daquela cena dantesca, considerou:
- O que estamos vendo faz-me lembrar famosa tela representando a luta do Arcanjo Miguel com o Demônio, expulsando-o do Paraíso...
- A intuição dos artistas sempre captou parcela da Verdade Universal – esclareceu Odilon. – Em todas as expressões da cultura humana – na pintura, na escultura, na poesia, na literatura, etc. -, existem elementos simbólicos traduzindo a realidade. O Mal se opõe ao Bem com insistência, desde os primórdios da Evolução. As figuras da Mitologia não mentem. O Cristo, quando esteve entre nós sobre a Terra, era constantemente perseguido pelas entidades que reclamavam a posse do Planeta e, ainda hoje, a reclamam. O confronto militar entre a nação iraquiana e as tropas invasoras talvez esteja prestes a terminar, mas a luta – a transcendente luta do Bem contra o Mal – se encontra nos seus primórdios e há de se arrastar no Orbe ao longo de muitos séculos!

Referendo-se aos *pontos luminosos* que haviam praticamente cerrado a *aparição satânica*, obrigando-a a recuar e a se desfazer, o Mentor considerou:
- Por enquanto, é o máximo que se pode fazer... As *forças antagônicas* necessitam saber que não se encontra operando sem resistência. Sob várias denominações políticas e religiosas, os prepostos do Senhor estão em toda parte; há uma disputa por cada

palmo de terreno, ou, em outras palavras, por cada alma... Esta guerra que quase ninguém vê, é que dá sustentação àquela que explode com requintes de crueldade no mundo e ameaça de extermínio a civilização.
- Que espíritos integrariam a *falange luminosa* sob as nossas vistas? Poderíamos, pelo menos, identificar um ou outro dos seus integrantes? – Interrogou Adroaldo.
- Segundo estamos informados – respondeu Odilon -, alguns deles foram destacadas personalidades que sempre lutaram pela paz e, a exemplo do Cristo, tombaram, testificando-a com o próprio martírio: Sadat do Egito, Faissal da Arábia, Indira da Índia, Kennedy dos Estados Unidos da América, Golda Meir de Israel, Diana da Inglaterra, Teresa de Calcutá, Hussein da Jordânia, Gibran do Líbano, Luther King, Mahatma Gandhi, João XXIII...
- Muitos deles – perguntei – já não se teriam redimido? Por que motivo prosseguiriam ligados a questões de natureza política?
- Vejamos, Inácio, a atitude do Senhor, que, sendo Um com o Pai, não hesitou em renunciar à divina grandeza para renascer entre os homens... O seu exemplo inesquecível não permite a nenhum espírito a acomodação. Para que, afinal, nos redimiríamos? Para olvidar os que sofrem na retaguarda? Quanto mais o espírito cresce, mais se lhe ampliam os horizontes em infinitas possibilidades de servir. Pela causa do Evangelho, seremos chamados, na Terra e no Mais Além, a constantes sacrifícios.
- Gandhi, por quem sempre nutri grande admiração, aspirava ao não-renascimento, ou seja, libertou-se de todos os desejos, lembrando a prescrição budista, tendo o propósito de não mais renascer em corpo carnal...
- Mesmo um espírito de semelhante estatura, quando deixa a vestimenta física, modifica concepções... A nossa vontade deve ser a Daquele que nos criou. Se o Cristo veio – com todo o respeito que nos merece a nobre figura do Mahatma – por que ele não mais haveria de renascer? A sua tarefa de pacificar hindus e muçulmanos ainda não terminou... Diríamos mesmo que está apenas começando. Não podemos simplesmente nos redimir e voltar as costas para a Humanidade irredimida. Que tipo de elevação espiritual seria a que nos induzisse a esquecer os mais comezinhos deveres para com o próximo? Deste Outro Lado da Vida é que melhor apreciamos a extensão da luta que nos aguarda nos caminhos da verdadeira ascese.
- Perto dele, no entanto, sinto-me um verme rastejante...
- Os "vermes" também devem trabalhar, Inácio, e é por esse motivo que estamos aqui. Concordo com você: na condição de "vermes", nada somos para cogitar do destino das estrelas, todavia não nos esqueçamos de que o astro mais brilhante, um dia, não passava de simples grão de areia perdido na imensidão do Cosmos.
- Eu sempre pensei, - aparteou Adroaldo – que, às vezes, o nome com que passamos a ser conhecidos pelos homens adquire uma dimensão que, em verdade, os nossos espíritos não possuem!

Sem que o Instrutor tivesse tempo de opinar a respeito da inteligente observação do companheiro, notamos que diversas outras explosões aconteciam próximas à mesquita em que dialogávamos. Os

pontos luminosos – alguns maiores, outros menores – não cessavam de se movimentar e se confundiam, sim, com o clarão dos mísseis que eram lançados por aviões, assemelhando-se a estrelas cadentes a precipitar-se da altura, carreando morte e destruição. Para onde teria ido o rosto descomunal que se materializara no espaço tomado pela fumaça tóxica? Para onde se retirara a entidade que, com certeza, permanecia à espreita?

Imerso em tais elucubrações, praticamente fomos sacudidos pelo forte deslocamento de ar provocado por uma bomba de alto poder de destruição, que estourara a poucos metros de nós. Corpos dilacerados voaram a grande distância e, então, um fato inesperado aconteceu: o espírito de uma jovenzinha, não aparentando mais que treze anos de idade, com o abalo da explosão, teve, instantaneamente, as faculdades psíquicas dilatadas e pôde ver-nos com nitidez. A sua casa se fizera em pedaços e os seus familiares simplesmente haviam desaparecido na poeira...

Fixando-se em Odilon que, com certeza, de nós quatro fora quem mais lhe chamara a atenção, a adolescente, trêmula e em pranto convulsivo, correu em sua direção e se lhe atirou aos braços paternais, enlaçando-se-lhe ao pescoço.

A cena era comovedora e, confesso, não consegui conter as lágrimas, que escorreram, silenciosas, pelo meu rosto semicoberto de pó.

Odilon, acolhendo-a como se ela lhe fora uma neta muito querida, tentava confortá-la, sussurrando-lhe palavras tranqüilizadoras aos ouvidos, enquanto lhe alisava os cabelos algo respingados de sangue.
- Por favor, leve-me com o senhor! – Pedia a menina, em soluços. – Leve-me daqui!... Todos os meus familiares com certeza morreram e eu não tenho mais ninguém... A minha casa voou pelos ares! Não deixe que os soldados me façam mal... Leve-me com o senhor!...

Eu, Adroaldo e Manoel Roberto permanecemos em expectativa. Que faria o Mentor, naquelas circunstâncias? De fato, a jovenzinha perdera toda a sua família de uma única vez; nos arredores, nem mesmo percebíamos vestígios dos espíritos daqueles que haviam sido seus parentes...
- Qual é o seu nome, minha filha? – perguntou Odilon, com inexcedível ternura.
- Jamile! O meu nome é Jamile, senhor! Por favor, não deixe que os soldados me peguem!... Eu morava com minha mãe, minha avó e um irmão menor; o meu pai foi morto antes de a guerra começar... Eu não tenho mais ninguém! Por favor, leve-me daqui!...
- Acalme-se Jamile! Ninguém lhe fará mal. Você ficará conosco. Agora, procure se tranqüilizar e, se possível, dormir. Eu e os meus amigos velaremos por você!

Não se passaram mais de cinco minutos e a pequena vítima ressonava nos braços de Odilon, o qual, então, nos comunicou:

- Ela seguirá conosco!
- Ser-nos-á permitido apartá-la assim da família? – Perguntei de maneira ingênua, ainda penalizado.
- A família dela agora somos nós, Inácio!...
- Para onde foram os seus?
- Não sabemos; talvez, mais tarde, possamos localizá-los...

Confesso-lhes que, daquele instante, senti uma ponta de inveja do amigo que, de imediato, inspirara confiança ao espírito daquela criança iraquiana morta, que se lhe agarrara ao peito, exemplo de uma flor que, arrancada ao jardim, se colara, de súbito ao tronco vetusto de uma árvore extremamente acolhedora.

CAPÍTULO 25

A guerra, sem dúvida, é um dos maiores horrores da Humanidade! Representa a precipitação da força das Trevas que, por fim, colimam através dos próprios homens os seus objetivos de destruição e de fazer com que a civilização retroceda na conquista dos valores que a emancipam.

O que víamos , em torno, nos deixava profundamente tristes e abalados; a não ser pelas sofisticadas armas e pelos modernos aviões que cortavam os céus da cidade, tínhamos a impressão de que entráramos num máquina do tempo e recuáramos, séculos e séculos, à época em que o homem ensaiava os primeiros passos fora da caverna. Tínhamos, sim, muito ainda a caminhar!

Mal havíamos nos recuperado da explosão que dizimara a família de Jamile, um outro míssil, chamado "inteligente", caíra em cheio sobre uma choupana próxima e, novamente, assistimos ao tétrico espetáculo de corpos de homens, mulheres e crianças indefesas voando, dilacerados, pelos ares. As conseqüências do que estava acontecendo à população civil seriam dolorosas aos responsáveis pela chacina. Quando a fumaça e a poeira se desfizeram, escutei, em meio aos escombros, os gemidos de uma criança. Eram tantos os feridos e necessitados, que os poucos espíritos socorristas, espalhados por Bagdá, não bastavam a tanta gente... Afastando-me do grupo, deparei-me com um quadro que me fez cair de joelhos, rente a um menino que tivera os dois braços decepados e, do tórax para baixo, revelava graves queimaduras; vendo-o quase inconsciente e esvaindo-se em sangue, agi sem nenhuma prévia consulta a Odilon, que nos advertira quanto à inconveniência de qualquer espécie de interferência naquela terra onde, afinal de contas, é ramos considerados estrangeiros. Debruçando-me sobre o garoto, utilizei ambas as mãos como torniquetes e procurei estancar a hemorragia que o colocara em risco de vida.

Não sei explicar-lhes, do ponto de vista científica, a causa de situações extremas de sofrimento e de perigo provocar o afloramento das faculdades medianímicas das criaturas envolvidas em tais processos. Digo-lhes que, como acontecera a Jamile, a jovem que procurara abrigo nos braços do nosso Orientador, em determinado momento da minha ação para salvá-lo, aquele rapazola arregalou os olhos e, vendo-me debruçado sobre o seu corpo, pediu-me, entre soluços:
- Doutor, não me deixe morrer! O que houve com os meus braços, que não consigo senti-los? Onde estão o meu pai e a minha mãe, a minha avó e os meus primos? Está doendo muito, Doutor!...
- Acalme-se, meu filho! – Disse-lhe em resposta, lutando com todas as forças, na tentativa de auxiliá-lo ao máximo. Com discreto aceno de cabeça, solicitei o concurso de Manoel Roberto, que se aproximou, ouvindo-me as explicações:

- Precisamos de uma porção de ectoplasma, pois, se não estancarmos a hemorragia, o menino desencarnará, além do risco de infecção generalizada devido às queimaduras espalhadas pelo corpo. Providencie!
- Onde, Dr. Inácio? – Perguntou-me o companheiro o que, de pronto, eu não saberia informar.
- Vire-se, Manoel! Este garoto precisa sobreviver...
- Doutor, não seria melhor...
- Não, não seria! Os mutilados de guerra são advertências vivas à consciência da Humanidade... Depressa! Não temos tempo a perder!...

A uns duzentos metros do local, um camelo atingido por tiros de metralhadora agonizava e observei que, de sua boca e narinas, escorria uma substância esbranquiçada.
- O "plasma" daquele pobre animal nos servirá! Teça com ele uma espécie de manta... Não temos tempo a perder!
- Doutor – voltou a falar-me o menino, cujo espírito eu podia ver quase a destacar-se do organismo físico em lastimável condição -, onde estão os meus braços? Eu queria ser médico como o senhor, mas... E agora? O que farei sem minhas mãos?
- Você tem o principal, meu filho – respondi-lhe -: você tem inteligência, e a doença maior da Humanidade não se cura com remédios e cirurgias... Torne-se um médico da alma! A guerra é conseqüência de uma enfermidade mental das mais complexas
- Quem é o senhor? Qual o seu nome?
- Você não me conhece, mas eu me chamo Inácio Ferreira e venho do Brasil! E você, como se chama?
- Ismail! O meu nome é Ismail!...

Eu dialogava com o garoto, procurando mantê-lo consciente, até que Manoel Roberto retornasse e o socorro de uma equipe médica nas imediações o conduzisse a um dos poucos hospitais que haviam ficado de pé em Bagdá!!
- Eis, Doutor, o que pude fazer – disse-me o amigo, estendendo-me uma manta de gaz e tenuíssima, com a qual envolvi o corpo de Ismail, também com o propósito de aquecê-lo.
- às vezes, uma guerra como esta, um pobre animal agonizante consegue ser mais útil ao homem do que o próprio homem bestializado!...

Com o material ectoplasmático extraído do camelo, improvisei curativos nos cotos de ambos os braços decepados do rapaz que desfalecera e protegi-lhe as feridas abertas, procurando, tanto quanto possível, mantê-las assépticas. Somente no final da operação é que três homens apareceram e, revirando os escombros, depararam-se, surpresos, com Ismail, que ainda respirava. Espantados de ver que sobrevivera à grande explosão, providenciaram uma padiola e, entrando em contato com uma unidade médica móvel nas imediações, o removeram com extremo cuidado, transportando-o para um precário hospital onde receberia os primeiros socorros.

Acompanhando meu pequeno paciente até ao veículo à guisa de ambulância, depositei em sua fronte o meu ósculo paternal e não consegui conter as lágrimas, que viraram lama ao se confundirem com o pó!

Neste instante, Adroaldo, que se conservara ao lado de Odilon, se aproximou e disse-me que precisávamos partir; não nos convinha permanecer por mais tempo, pois a onda de saques que começava na capital iraquiana dava ensejo a que outras entidades que, até então, se mantinham escondidas, entrassem em cena, ameaçando-nos a segurança.

Ao nos afastarmos do local em que o míssil caíra instantes atrás, arrasando com os sonhos e as esperanças de uma família completamente indefesa, passei próximo ao cadáver do camelo que nos servira e pude ver-lhe o *duplo* que, como um bezerro recém-nascido, se colocava de pé com extrema dificuldade.
- Pelo menos – pensei -, os homens não mais lhe poderão fazer mal!...

De fato, Adroaldo tinha razão: estranhos seres, como que emergindo do solo, começavam a caminhar, detendo-se a sugar as vísceras dos porcos espalhados por toda a parte; espíritos de formas bizarras, quais seres humanos que houvessem regredido à condição primitiva, focinhavam os corpos, revirando-os, dando preferência àqueles que ainda sangravam...

De nossa parte, que podíamos fazer? Digo-lhes que absolutamente nada. Com o pensamento em Deus, seguíamos por larga avenida de um bairro residencial de Bagdá... As forças da Coalizão estavam prestes a vencer – mas vencer o quê? Mais uma vez, ficava evidente o fracasso da Humanidade. Com certeza, os responsáveis diretos pelo conflito já estariam distantes... O fanatismo religioso dos líderes muçulmanos, que eu sempre supunha cega fidelidade aos preceito exarados no Corão – nem mesmo ele resistia ao jogo dos interesses mesquinhos!
A "Guerra Santa" também não passava de mero pretexto a ambição pelo poder.

Enquanto o povaréu destruía as inúmeras estátuas que o ditador erigira a si mesmo, colocando em evidência a sua insanidade e megalomania, e a ajuda humanitária custava a chegar a quem o pão começava a faltar, os soldados norte-americanos e ingleses protegiam os poços de petróleo – e a guerra – afirmara-se – não acontecia se – não para coibir o avanço do terrorismo internacional, no combate às armas químicas e biológicas que não foram encontrados!

Todavia este é um assunto para o mundo discutir e não para mim, que , logo após *morrer*, fui sumariamente excluído e não mais tenho o direito de opinar, sob pena de os próprios espíritas me considerarem um espírito excessivamente apegado às coisas materiais. Não que a opinião deles me importe. Um dia, eles –

esses aos quais me refiro – igualmente deixarão a carcaça e, então, perceberão que o Mundo Espiritual não é o que querem que seja, em obediência a conveniências de ordem pessoal. Os católicos esquematizaram o seu Céu e, agora, os espíritas desejam fazer o mesmo com o Mundo Espiritual. Surpreender-se-ão! Que ninguém passe para *cá,* na esperança de encontrar apenas o que está nos livros...

?Com Jamile nos braços, Odilon informou-nos:
- Antes de atravessarmos as fronteiras do País, necessito de comparecer à presença de um dos mais respeitáveis patriarcas espirituais do povo iraquiano.

E explicou:
- Não podemos conduzir Jamile conosco, sem o seu devido consentimento.
- Concordo, Odilon – disse por minha vez o que o Instrutor, por elegância, jamais haveria dito -, pois, caso contrário, nos acusarão de seqüestro...

E emendei:
- Os “vivos” e não os “mortos”!...

CAPÍTULO 26

Portanto, antes que deixássemos o Iraque, dirigimo-nos a extenso acampamento e nos fizemos anunciar. Eram milhares e milhares de barracas instaladas, agrupando entidades que se revelavam em condições de receber adequada assistência nas regiões limítrofes à crosta planetária. Observei que todas elas eram da mesma cor, sobressaindo-se, no entanto, das demais, uma de cor alaranjada que se localizava no centro do acampamento.

Os guardiões que nos conduziam afastavam, naturalmente, os curiosos, que se aglutinavam à nossa passagem, tomando-nos, talvez, por norte-americanos ou ingleses, pois que as nossas vestes contrastavam com as roupas que, à guisa de mantos, sempre lhes caracterizaram o antigo *hábito* de se cobrir.

O silêncio reinante e a ordem que imperava entre os que povoavam a referida região no Espaço, permitia-nos entrever que a população obedecia ao comando sem maiores contestações. Alguns, inclusive, vendo-nos passar com Odilon carregando uma criança de origem nos braços, chegavam a se inclinar, em sinal de respeito.

À entrada da tenda, os guardas, que havíamos deliberado procurar na fronteira, recomendaram-nos que aguardássemos, enquanto um deles anunciava a nossa presença ao líder espiritual daquela gente que, do Outro Lado da Vida – tive a impressão –, se mantinha em expectativa com relação ao próprio futuro. O que, afinal de contas, esperavam? Estariam, todos, conscientes de sua atual situação? SE, de acordo com a própria crença religiosa, não admitiam a Reencarnação, em realidade o que pretendiam, já que não haviam logrado alcançar as promessas com relação ao Paraíso? E, positivamente, a vida pós-morte que desfrutavam não podia ser comparada ao Inferno... O que se passava na cabeça de cada um daqueles irmãos, que prosseguiam fiéis às convicções religiosas que professavam no mundo? Como seria resolvida tal questão, sem violentar consciências! Parecia-me – ao observá-los – impossível que, coletivamente, conseguissem subir a mais altos planos, visto que, mentalmente, não se habilitariam a tanto... Por quanto tempo se demorariam ali? Alguns, dentre os que mais haviam se aproximado de nós, me davam a impressão de espíritos velhos, com longas barbas e cabelos brancos a emoldurar-lhes a figura, que exibia profundas rugas no rosto e uma certa melancolia no olhar.

Em poucos instantes, o guarda retornou com a permissão para que adentrássemos a grande tenda de cor alaranjada, onde fomos conduzidos à presença do patriarca Amir, que nos recebeu com leve sorriso nos lábios, pedindo-nos que nos acomodássemos nas almofadas espalhadas em semicírculo. Ordenando que os seus assessores diretos nos deixasse a sós, o líder explicou-se, começando a falar:

- Perdoem-me não recebê-los condignamente...

Estou informado de quem se trata e agradeço-lhes todo o auxílio prestado ao povo iraquiano. Sintam-se à vontade...

Tomando a iniciativa de falar, o Mentor esclareceu:
- Patriarca...
- Por favor, trate-me simplesmente por Amir!

Somos irmãos e compreendo os seus objetivos – disse, olhando-me significativamente, como se estivesse a vasculhar-me os mais secretos pensamentos.
- Amir, esta criança...
- Jamile! – Pronunciou-lhe o nome, com a intimidade do pastor que conhece todas as ovelhas do rebanho.
- Sei de quem se trata... Continue.
- Esta criança apegou-se a mim...
- ...ao senhor, Odilon – redargüiu, sem que nenhum de nós a ele tivesse se identificado. – Sua família pereceu no bombardeio e ela ficou aparentemente sozinha, sentindo-se insegura...
- ...Pediu-me que eu a levasse comigo e...
- ...O senhor apegou-se a ela, como um avô a uma neta extremamente querida!
- Abraçou-se a mim e...
- ...O seu coração abraçou-se ao dela! Quem sabe, senhor Odilon, não tenha sido um encontro casual e que vocês não tenham vindo a Bagdá meramente para acompanhar o que acontece nos bastidores da guerra!
- Venho pedir-lhe autorização...
- Conheço os que lhe foram os atuais pais consangüíneos, Ibrahin e Samira. Entre os três nunca existiram vínculos espirituais anteriores... Ibrahin estava sendo treinado por uma facção terrorista e Samira, infelizmente, não lhe respeitava o lar; ambos devem agora se encontrar vagando nos descaminhos da morte...
- Eu cuidaria dela, a educaria...
- Eu sei Sr. Odilon, e é uma pena que igualmente Ismail não pudesse ser adotado pelo Sr Inácio – disse, deixando-me desconcertado -; ele agiu com tanta perícia – ele e o camelo! -, que as possibilidades de que o menino sobreviva são muito grandes... Afinal, "os mutilados de guerra são advertência vivas à consciência da Humanidade", não é?

Como aquele homem pudera reproduzir, palavra por palavra, o que eu dissera a Manoel Roberto?! Eu estava, deveras, impressionado e, confesso-lhes, poucas vezes alguém me causara tanta admiração. Seria Amir um profeta, um telepata de extrema sensibilidade, um semideus?...
- Nenhuma coisa nem outra, Doutor – respondeu-me aos pensamentos. – Digamos que o meu espírito esteja com meu povo e que, por causa disso, eu seja dotado – como vocês diriam – de uma *faculdade mediúnica* especial...

Voltando-se para Odilon, o patriarca de semblante irradiando bondade e paz declarou:

- Sr. Odilon, Jamile poderá seguir em sua companhia, o senhor tem nossa autorização!...
- Prometo que fará parte da nossa família...
- Os diferentes povos do mundo necessitam estreitar laços – enfatizou o patriarca –; enquanto subsistir o orgulho racial a Humanidade não viverá em paz... No Grande Futuro, os países não terão fronteiras geográficas definidas e o homem, cidadão do Universo, não mais será um estranho em sua própria casa planetária!

E, dirigindo-se a mim, esclareceu:
- Carecemos de esperar pelo amadurecimento do espírito, como o pomicultor espera pelo amadurecimento dos frutos no pomar! Se o Criador não se impõe a nenhuma de suas criaturas, por que haveríamos de nos impor uns aos outros? A Verdade, em sua revelação aos homens, deve assemelhar-se às pétalas de uma flor, abrindo-se gradativamente... Quantos conhecem o que tantos ignoram, todavia não conseguem viver segundo as próprias criações? O profeta Muhammed unificou o povo árabe e, se o Corão prega a "Guerra Santa", igualmente ensina a compaixão e preconiza deveres espirituais que, em essência, não diferem dos que o Cristo preconiza aos seguidores do Evangelho. Muhammed, no entanto, era um homem; o Cristo estava acima da condição humana...

Efetuando diminuta pausa, prosseguiu:
- Estou informado de que vocês quatro se encontraram, no Brasil, vinculados a um Movimento de restauração do Evangelho de Jesus em sua mais completa pureza. A água da fonte jorra sempre cristalina da nascente; são os que dela se abeiraram, com o fito de saciar a sede, que, por vezes, a conspurcam... O terrorista muçulmano não é diferente do terrorista cristão. As maiores e mais sanguinolentas guerras da Humanidade foram, paradoxalmente, deflagradas pelos seguidores do Divino Crucificado! Não raro, os que mais sabem do perdão são os que menos o exercem. Acautelem-se para que não venham acometer o mesmos equívocos que cometeram promissores movimentos religiosos da Humanidade. O maior problema do homem reside dentro dele mesmo!

E, continuando a me olhar, acentuou:
- Não se preocupe, Senhor Inácio... A reencarnação é Lei Universal e, embora de forma velada, o próprio Corão a ensina. Milhões e milhões – para servir-me da terminologia a que estão acostumados empregar –, reencarnam e desencarnam, todos os dias na mais completa inconsciência... O amadurecimento psíquico é trabalho para séculos e séculos incontáveis. Não tenhamos a pressa que Deus não tem! O rio corre para o mar, sem que nenhum obstáculo o impeça de alcançá-lo no curso incessante do tempo.

Amir, ao terminar de falar, ergueu-se e, tomando Jamile nos braços, depositou-lhe um ósculo na fronte e pronunciou palavras que, sinceramente, eu não lograria traduzir com fidelidade. Devolvendo-a, em seguida, a Odilon, cumprimentou Adroaldo e Manoel Roberto que, como sempre, se mantiveram em silêncio. Ao apertar-me

a mão, o patriarca cuja figura me inspirava profunda reverência, sorriu e gracejou:
- Quem sabe, meu caro Doutor, em sua próxima existência na Terra, o Senhor nos dê a honra de renascer por aqui, em nosso meio, para ensinar ao nosso povo o que já existe muita gente ensinando no Brasil... O Senhor seria muito bem-vindo entre nós!

Devolvendo-lhe o gracejo, respondi:
- Agradeço-lhe o convite e prometo apreciá-lo um pouco mais adiante!...

CAPÍTULO 27

De regresso do Sanatório, Odilon despediu-se e conduziu Jamile ao Liceu, a benemérita instituição que dirigia, orientando a formação de novos seareiros no campo da mediunidade; o Liceu, todavia, não se restringia a estudos alusivos à sensibilidade mediúnica: O seu currículo, abrangente, compreendia as mais importantes áreas do Conhecimento: História, Filosofia, Lingüística, Física Moderna, Origem das Religiões...
- Assim que puder, voltarei – prometeu-me. –

Cuidaremos do caso de Flávio...

Modesta, que nos aguardava a chegada, perguntou-me:
- E então, Inácio?... O que de real existe nas notícias que nos tem chegado da Crosta em relação à guerra?
- Infelizmente – respondi -, ficam aquém da realidade... O momento é de graves preocupações. De maneira indireta, são vários os países envolvidos no conflito e, ao que me parece – sem desejar ser pessimista -, ele se estenderá, colocando em risco o futuro da civilização...
- Será possível que os homens, seres tão minúsculos no contexto da Criação, tenham semelhante poder?
- Constituíram poderosíssimas armas de destruição e, sem dúvida, podem fazer com que o Planeta "voe pelos ares"... Conforme sabemos, muitos se encontraram empenhados na paz – talvez, a maioria -, mas o poder permanece nas mãos de alguns poucos... A decisão caberá ao Senhor, que nos respeita o livre-arbítrio. ?Quem sou eu para questionar as Leis Divinas, mas, sinceramente, acho que o homem não se encontra preparado para gerir o próprio destino. Tenho a impressão, Modesta, de que o homem está perdendo precocemente o medo da morte: jovens soldados se expondo ao fogo das metralhas e outros amarrando bombas ao corpo em atitude suicida... Sei que não estamos perdendo a "batalha", mas confesso-lhe que, por vezes, é no que chego a pensar...
- O leme da embarcação planetária permanece nas mãos de Jesus, Inácio!
- Porque temos semelhante certeza é que não esmorecemos e nem haveremos de esmorecer na luta. Não interprete mal as minhas palavras. O inconsciente humano está recebendo a "informação" de que a morte não existe e o ser encarnado não está sabendo lidar com a idéia da imortalidade – eis o que quero dizer, quando afirmo que o homem está perdendo precocemente o medo da morte... Continua falando em Inferno e Paraíso, porém não mais acredita neles! Pratica de modo formal as mais diversas religiões, sem se interessar por sua essência filosófica... É uma coisa estranha: Parece-me saber que viverá para sempre e não tem pressa alguma em atingir a Perfeição! Para ele, entrar e sair do corpo está deixando de ser um momento solene, de suma transcendência.
- Aliás, Inácio, já vínhamos detectando o problema, não é? Jovens sem perspectiva em relação ao futuro, que se entregam às drogas, à

velocidade, aos prazeres, comprometendo-se na experiência física... ?Quantos têm empreendido mais cedo a viagem de volta? Nunca, na História da Humanidade, o número de óbitos foi tão elevado entre os jovens. Não se preocupam com a saúde, não se resguardam – dizem que querem aproveitar o momento...

- Espiritualmente, Modesta, foram desamparados; as igrejas católicas estão vazias e os templos pentecostais não atraem os intelectualmente mais exigentes... Por outro lado, a penetração do espiritismo entre os jovens ainda deixa a desejar: a ala conservadora espírita, extremamente ortodoxa, não está sabendo lidar com a juventude – está fazendo um Espiritismo de velhos! Positivamente, o Movimento Espírita não tem se direcionado para a criança e o adolescente... Preocupa-se mais com a mediunidade nos centros espíritas do que, por exemplo, com evangelização infanto-juvenil...

- O que não deixa de ser profundamente lamentável!

- - Os jovens estão pedindo socorro! As drogas estão se difundindo com uma velocidade impressionante... Os soldados que ficam batendo no Iraque estavam com o cérebro superexcitado; não posso dizer que estivessem sob o efeito de alguma droga ilegal, mas, quando se alimentavam, recebiam um complemento alimentar com base em vitaminas que os "encorajavam"... Isso, evidentemente, sem levar em conta a doutrinação, verdadeira lavagem cerebral de seus superiores que permaneciam, tranqüilos, nas casernas, enquanto os subordinados saíam para morrer no campo de batalha...

- A questão das drogas é uma ameaça mais grave do que a guerra para o futuro da Humanidade!

- Sem dúvida, Modesta. Sabemos, por exemplo, que, deste Outro Lado da Vida, o problema continua... Odilon já conversou comigo a respeito do assunto e temos elementos para afirmar que, na atualidade, a disseminação das drogas entre a juventude é o principal objetivo dos espíritos que se opõem aos propósitos do Evangelho no mundo. Muitos traficantes continuam operando depois da morte... Temos notícias de que, nas vizinhanças da Crosta, existem maus cientistas desencarnados trabalhando na composição de novos produtos químicos que em breve, serão conhecidos pelos homens. Praticamente, uma geração inteira, ou mais, se encontra comprometida pelo uso de drogas; quanto me refiro às drogas, é evidente que incluo em primeira escala o álcool e o tabaco, através dos quais os jovens dão o seu primeiro passo rumo à derrocada. Lamento, Modesta, mas lamento profundamente, como ex-fumante, o mau exemplo que dei! Você sabe quanto padeci para me ver livre do vício. É evidente que existem vícios mais comprometedores para o espírito, no entanto...

- Inácio – solicitou-me a companheira -, voltemos a falar sobre a juventude que, com as exceções de praxe, vivem sem perspectivas espirituais...

- A ressalva é válida, Modesta. Existem, sim, milhares de jovens idealistas, que estudam e que trabalham – jovens que se preocupam com o Amanhã!]Quantos deles não tem se dedicado às obras de solidariedade entre os homens?! Graças a Deus, não nos faltam espíritos corporificados na Terra, exemplificando a renúncia e a abnegação desde os albores da mocidade; constitui-se em

promissoras sementes de luz para o porvir da Humanidade!... Estão emergindo, notadamente, das camadas sociais mais sofridas, aprendendo a conquistar o seu espaço com esforço digno e suor honesto; muitos deles pouco ou nada ficam a dever à mocidade cristã dos tempos primitivos – são moças e rapazes que nos comovem profundamente, pelo seu anônimo heroísmo na resistência contra os arrastamentos deste século e as facilidades que fazem perder os espíritos.
E prosseguiu, após a pausa que se fez natural:
- Os jovens sem perspectivas diante da vida, aos quais nos referimos, são espíritos imaturos que, invigilantes, tombam, vitimados pela obsessão... É, deveras, impressionante, o número de desencarnados que vive na condição de comensais dos seres encarnados; o vampirismo espiritual é uma calamidade!... De modo sutil, esses espíritos obsessores sussurraram aos ouvidos dos jovens que lhe oferecem sintonia: "Aproveitem ao máximo"; "o corpo físico é mero instrumento do prazer"; "não tenham receio da morte"; "o espírito tem a Eternidade ao seu dispor"; "não se preocupem em adquirir virtudes apressadamente"; "desfrutem da oportunidade"; "o tempo no mundo passa depressa"... E, médiuns que todos somos, eles registram os negativos apelos dos espíritos que se frustraram no caminho da Evolução, e atendem-lhes o alvitre: não investem, espiritualmente, no próprio futuro, varam as madrugadas participando de festas e dormem durante todo o dia – quando estão "acordados", alienam-se no prazer; quando dormem, alienam-se da realidade a que foram chamados a viver no contato social...
- Inácio, é terrível!
- Por esta razão, Modesta, muitos espíritos têm recuado diante da necessidade de renascer no Planeta: estão à espera de melhores tempos...
- Os tempos sempre foram assimilados por dificuldades específicas...
- Concordo, no entanto os atuais se caracterizam por mais numerosos e diversificados perigos de queda para o espírito; mormente para aquele que ainda não conseguiu fortalecer o suficiente a vontade de eleger prioridades com determinação... Sem o Cristo como ponto de referência, fatalmente nós perderemos a jornada!
- Os homens, nossos irmãos, já que se encontram conscientes dessa verdade, necessitam trabalhar em dobro...
- Todavia, repito, sem Jesus a inspirá-los no funcionamento de suas instituições, fracassarão. Quase todo homem, infelizmente, está tão-somente atento aos próprios interesses: raros os que pensam nas gerações porvindouras ou até mesmo nos seus netos... O homem que devasta uma floresta, em quem está pensando? E o que polui os rios, o que envenena o ar?...
- Diante do exposto por você, como nosso trabalho, na condição de espíritos libertos, é limitado!...
- É limitado, Modesta, porque depende da receptividade mental dos encarnados, o que, convenhamos, é mais raro de se encontrar do que pepita de ouro no meio de cascalho... desprovidos de órgãos físicos, só nos resta o pensamento! E, assim mesmo, existe gente

espírita achando que nós, os mortos, cometemos ingerências demais no mundo dos vivos...
- Gente espírita, Inácio?...
- Diria, com maior propriedade, gente espiritada!...

CAPÍTULO 28

Depois de alguns dias, Odilon retornou ao sanatório e começamos a conversar sobre o Movimento Espírita. Novamente participando conosco de nossas reflexões em torno do assunto, estava o Dr. Wilson Ferreira de Melo.

- Tenho receio, Dr. Wilson – disse-lhe, no diálogo que, entre nós, se desdobrou –, de que nossos confrades, sem perceberem, elitizem o Movimento... Há fortes indícios de que tal possa acontecer. Sofremos tantas perseguições no passado que, agora, não sabemos o que fazer com a liberdade...

- O senhor tem razão, Doutor, e, igualmente, tenho me preocupado com os rumos que o nosso Movimento vem tomando; o excesso de personalismo é joio na seara... Na minha opinião, o espiritismo não deve perder as suas características de simplicidade. Está, sim, começando a haver um certo distanciamento do povo – do povo para o qual Ele veio! Uma doutrina acadêmica não nos interessa; Jesus ensinou o Evangelho nas praças públicas e, tanto quanto possível, falava em nível do entendimento popular...

- Somos a favor da realização de congressos, simpósios e encontros que objetivem o estudo e a maior divulgação dos nosso postulados, todavia, esses conclaves devem ser organizados para ensejar oportunidade de participação a maior número possível de interessados: nada de realizá-los em hotéis de luxo, estipulando taxas de inscrição inacessíveis ao bolso da maioria.... A sua advertência é justa e oportuna: o Espiritismo não deve se academizar!

- A doutrina cresceu e continua crescendo na periferia... Não somos contra associações que congregam profissionais espíritas que atuam nas mais diversas áreas do Conhecimento: posicionamo-nos contrário à elitização que pode advir da falta de vigilância e do isolacionismo... Foram os operários que, primeiro, abraçaram o Espiritismo que, depois, fez adeptos entre os considerados mais cultos. Devemos reunirmos para traçar planos de ação, e não para discutir interminavelmente assuntos de menor importância.

- É desnecessário dispêndio de energia – aduzi –: os espíritas têm polemizado demais e agido de menos! Antigamente, não era assim. Éramos combinados e nos uníamos: hoje, livres de tantas perseguições dos adversários da Causa, estamos nos dando ao luxo de contender internamente... Para mim, falando sem rodeios, é falta do que fazer. Os que se consideram intelectuais da Doutrina relegam ao esquecimento um de seus preconceitos básicos: a Caridade!

- Está na moda dizer que caridade é assistencialismo...

- A palavra assistencialismo soa-me estranho aos ouvidos!

- Aos meus também, Doutor, principalmente partindo da boca dos que se dizem espíritas. Para mim, trata-se de mais uma urdidura das Trevas...

- Não devemos, é claro, lançar a culpa de tudo sobre os inimigos desencarnados da Doutrina, mas, em semelhante mister, concordo com o senhor: as Trevas agem com sutileza e competência e, ao que

estamos informados, existem gente condenando, inclusive, o trabalho da sopa fraterna mantido pelas casas espíritas...
- Assim a distribuição de pães, de agasalhos, medicamentos...
- Até o passe espírita vem merecendo; a água fluidificada, ou magnetizada...
- As reuniões de desobsessão...
- Estão mesmo a fim de imobilizar o trabalho, através do qual, a par da excelência de sua Mensagem, o Espiritismo conquistou credibilidade...
- Neste sentido, meu caro Dr.Inácio, louve-se, uma vez mais, abençoada tarefa que o médium Chico Xavier cumpriu entre os homens!
- Sem dúvida, foi um dos maiores méritos: manter a Doutrina vinculada ao Evangelho do Cristo! Recordo-me de que interpretando o Mundo Espiritual, ele nos advertia quanto aos que pretendiam tirar Jesus do Espiritismo!...
- Pretendiam e pretendem! Os que combatem o seu aspecto religioso não querem outra coisa...
- Partir-lhe a espinha dorsal...
- É reduzi-lo a uma filosofia sem expressão, posto que, sem as suas conseqüências de ordem moral, o que se torna adepto não se sente comprometido com a própria renovação...
- Quem encerra toda a essência da Terceira Revelação! Conhecimento sem compromisso é teoria vazia de substância.
- Um corpo sem alma! O espírita está no Espiritismo para se fazer cristão. Não é uma afirmativa redundante; aliás, na finalidade de se conhecer a Verdade é a de se chegar ao Amor!...
- De maneira geral – é, aqui, muitos de nós, espíritas, nos achamos incluídos -, o homem rotula a humanidade e a indulgência, renuncia e a compreensão de virtudes piegas, ultrapassadas, não consentâneas com a modernidade dos tempos...
- E não adianta querer aprender a ler, fugindo ao abecedário!
- Queremos edificar sobre a areia...
- A casa vai ruir-se!...
- Como tem ruído, Dr. Wilson... Vejamos a situação em que o mundo se encontra: conhecimento não falta, mas falta Amor, falta Evangelho...
- Em suma: falta o Cristo no coração!
- O Espiritismo é uma doutrina completa, que alguns supostos adeptos querem esfacelar... Precisamos acordar. O Espiritismo verdadeiro é o que é praticado nos centros espíritas!
- No difícil cotidiano das casas espíritas, diga-se de passagem. Do fortalecimento dos núcleos espíritas e de sua melhor adequação depende o futuro da Doutrina, no que tange à sua divulgação e ao papel espiritual que lhe cabe no contexto da História.
- Os movimentos unificacionistas e as federações carecem de se voltar com maior atenção para os centros espíritas, que, a bem da verdade, vêm abrindo as suas portas precariamente.
- Heroicamente!...
- Sem dúvida, pois os grupos espíritas não têm sido freqüentados pelos que se julgam a elite do Movimento, que crêem já ter superado esta fase...

- De que fase, Dr. Inácio? Para não cair na fascinação, quanto mais conhecedor da Doutrina, mais tem necessidade o seu adepto de se vincular às atividades consideradas primárias. O espírita não empresta a sua colaboração direta a um templo espírita não conhece o espírito da Doutrina. Eu mesmo, até hoje lamento não ter sido mais constante nas tarefas doutrinárias de base.
- Acredite que não é só você!...

Odilon, que nos acompanhava o diálogo com interesse, começou a falar:
- Todos temos as nossas falhas pessoais, que se refletem em tudo quanto fazemos. O espírita é um ser humano repleto de fragilidades. O problema é que, com certa freqüência, ele se esquece de tal realidade: julga-se um missionário e se despensa do esforço diuturno de melhorar... Não é fácil modificar hábitos. ?Egressos de outras religiões, chegamos ao Espiritismo com determinadas concepções que, durante bom tempo, nos impedem de assimilar as novas idéias, modificando conceitos e posturas. Não se coloca remendo de pano novo em pano velho – frisou-nos Jesus. A luta do espírita é uma luta consciente. Quem melhor se conhece sabe quanto lhe falta compreender, em termos de renovação íntima. Por esse motivo, o espírita esclarecido não abre mão da oportunidade de ser mais útil e combate em si mesmo toda inclinação da natureza infeliz. Se tem o dever de ocupar a tribuna, não se recusa a transpirar na tarefa assistencial que a disciplina; se é chamado ao exercício de mediunidade ostensiva, no trato com os desencarnados, não foge igualmente de exercê-la junto aos irmãos encarnados; despe-se de toda a vaidade e personalismo e, assim, não alimenta perigosas ilusões a respeito de seus predicados; jamais se considera um ser privilegiado e não reivindica direitos em detrimento dos seus deveres...

Sem que ousássemos interrompê-lo, o Instrutor continuou:
- o espírita que se elitiza está sobre o fascínio do passado... As maiores expressões espirituais do nosso Movimento, dentre os quais destacamos Bezerra de Meneses, Eurípedes Barsanulfo, Batuira, Cairbar Schutel, Chico Xavier, Anália Franco, Aura Celeste, Benedita Fernandes e tantas outras, levaram o Espiritismo para o meio do povo e se notabilizaram pelas obras sociais que desenvolveram; foram simples e humildes, pregando mais pelo exemplo do que pela palavra! Tivemos muitos outros companheiros e irmãs de ideal que se notabilizaram na convivência de nossos postulados, todavia, caso fôssemos citá-los, cometeríamos lapsos imperdoáveis. Interessante é que, na memória das pessoas, os intelectuais jazem praticamente esquecidos, porque, talvez, não tivessem tido tempo para lhes enxugar as lágrimas... A Humanidade não deve mais, por exemplo, a Einstein que a Francisco de Assis a Freud que a Gandhi!... Quando houver necessidade de se apresentar publicamente, a Mensagem Espírita, através dos seus representantes, deve fazê-lo com a simplicidade a que caracteriza: nada de formalismo ou de extensos currículos de seus titulados adeptos; nada de colecionar homenagens e sumariar elogios, qual se a Doutrina disso necessitasse para se engrandecer; nada, enfim,

que nos coloque pessoalmente em evidência ou soe como incentivo à vaidade ou, ainda, como desrespeito àqueles que não são convidados para compor a mesa de solenidades doutrinárias, o que, na maioria das vezes, não passa de disfarçado exercício de personalismo...

CAPÍTULO 29

- Tenho, meu caro Odilon – disse o Dr. Wilson -, me preocupado com a juventude espírita; na minha opinião, os companheiros que se sintam à frente do Movimento deveriam dedicar maior atenção aos jovens que, a bem da verdade, não vêm encontrando espaço para atuar em seus grupos doutrinários... Raras são as casas que têm incentivado os moços e moças espíritas, apoiando-lhes as iniciativas enobrecedoras.
- Estou de acordo – disse, antes que o Instrutor se manifestasse a respeito -; nos mais antigos da Doutrina parecem ficar enciumados dos mais jovens... Muitos centros espíritas não dedicam à mocidade a atenção que deveriam, para a formação de novos seareiros. Preocupam-se em excesso com as reuniões mediúnicas e opõem resistência às iniciativas da juventude, que, não raro, são vistas como ameaça ao equilíbrio do grupo. Falta bom senso e visão de futuro! Os jovens da atualidade serão os herdeiros naturais da tarefa e necessitam ser preparados, para a responsabilidade que lhes pesará sobre os ombros. Graças a Deus, deste equívoco estou livre, pois, quando no corpo, fui um incentivador da Mocidade Espírita e fiz o possível para unir os seus integrantes, com os quais, aliás, eu sempre tinha algo a aprender.

Respondendo ao Dr. Wilson, Odilon considerou:
- Estamos vivendo dias difíceis na Terra, os apelos à diversão e ao cultivo do prazer estão em cada esquina... O Movimento Espírita, de fato, está vivenciando uma crise: os jovens de pais espíritas, com exceções de praxe, não têm dado continuidade ao esforço na tarefa. Todavia o assunto demanda análise mais acurada. Infelizmente, poucos são os lares espíritas que, por exemplo, levam adiante a realização do Culto do Evangelho; neste sentido, os genitores têm feito perigosas concessões às crianças e adolescentes, consentindo que eles não participem do seu indispensável momento de oração familiar: o pretexto de liberdade religiosa ou de suposta ojeriza ao fanatismo, relaxam na disciplina e não fazem questão de que os filhos estejam presentes quando, uma vez por semana, se reúnem em torno do Evangelho...
- Desculpe-me, Odilon – aparteei -, quando efetivamente se reúnem, pois, na maioria das vezes, se julgam dispensados de semelhante iniciativa, alegando que já oram em demasia no centro e que, portanto, os Benfeitores Espirituais lhe devem o mínimo de cobertura...
- O Dr. Inácio tem razão – considerou o Dr. Wilson Ferreira de Melo -: os nossos irmãos de ideal (espero que não me tomem a palavra por crítica, mas, sim, por fraterna advertência) efetuam campanhas alusivas ao Culto do Evangelho no Lar, no entanto eles mesmos não se sentem no dever de realizá-lo...
- Ora, Doutor, sejamos mais diretos: pregam para os outros, em prejuízo de si mesmos! Há espírita convencido de que já fez muito... Nós estamos aqui, deste Outro Lado, sentindo-nos frustrados, porque tivemos oportunidade de fazer mais e não

conseguimos nos superar. E, em nosso tempo, não existia televisão, as boates e os clubes eram escassos, festas mais ainda, porque dinheiro no bolso ninguém tinha; no máximo, era o cinema com a namorada no fim de semana ou uma taça de sorvete...
- A questão, meus amigos – ponderou Odilon -, começa com o descaso dos dirigentes espíritas no que se refere à evangelização infanto-juvenil; as nossas crianças e adolescentes não têm o incentivo de freqüentar a casa espírita e, consequentemente, não são educados à luz da Doutrina... Os evangelizadores não têm o apoio de que necessitam para levarem adiante a sublime empreitada.
- Com relação à evangelização infanto-juvenil – emendou o Dr. Wilson -, o descaso é significativo: pouco ou quase nada se investe neste sentido!...
- Mais que significativo, o descaso é tremendo! – Enfatizei. – Lembro-me de que as nossas irmãs evangelizadoras, verdadeiras heroínas da educação espírita, me procuraram pedindo material didático... A diretoria do centro não queria nem saber e achava que fazia muito em conceder-lhes um espaço, no fim da tarde de sábado, para se reunirem com as crianças. Lanche para os meninos, guloseimas e doces? As pobrezinhas tinham que se virar para conseguir algumas balinhas, no intuito de agradar os meninos, na esperança de que eles voltassem na semana seguinte, se não pelas aulas em si, mas, pelo menos, por causa das balas...

O Mentor, sorrindo do meu jeito de expor o problema, retomou a palavra, explicando:
- Inácio, neste sentido não era tão-somente descaso: os centros espíritas sempre lutaram com reais dificuldades para se manterem; hoje é que a coisa, do ponto de vista econômico, melhorou um pouco... Muitas casas funcionavam à luz de lampião, porque não conseguiam numerário suficiente para instalar energia elétrica. Deixemos, no entanto, estes aspecto de lado e detenhamo-nos no mais importante: a evangelização infanto-juvenil e a juventude espírita, que, de certa maneira, estão sendo esquecidas pelo Movimento. Não podemos restringir o Movimento Espírita aos adultos, sob pena de criarmos um *vácuo* doutrinário impreenchível e comprometermos o futuro. E o mais grave: os pais espíritas estão falhando na missão que lhes foi confiada, junto aos espíritos que receberam na condição de filhos na presente encarnação! Sem dúvida, conforme tivemos oportunidade de destacar, o mundo hoje oferece *n* opções para o jovem se distrair e se omitir espiritualmente...
- Os pais têm sido demasiadamente coniventes – esta que é a verdade, Odilon; crianças a partir de 6, 7 anos de idade estão mandando dentro de casa... é um absurdo sem precedentes! A televisão e o computador estão despertando a mente infantil do *sono do esquecimento* muito mais cedo... Os meninos retomam o patrimônio do passado e querem revivê-lo no presente. A educação necessita se antecipar... Não sou favorável à pedagogia da vara de marmelo, mas sou pela disciplina: os filhos têm que obedecer aos pais, e nada de avós ou tios interferindo. Como é que vamos ficar ante a questão das drogas?... Hoje, a escola é o seu principal foco de disseminação.

- Doutor – interveio o Dr. Wilson -, o senhor tocou num assunto que vem destruindo a juventude, prova da qual nem mesmo os pais espíritas têm se isentado...
- Prova voluntária! – exclamei. – Nem tudo é conseqüência do pretérito; a questão das drogas é mais uma leviandade do presente... Existe a ação de espíritos obsessores? É lógico que existe, mas é uma ação consentida. O joio se alastra onde encontre campo desguarnecido... A raiz do problema e a desestruturação familiar!
- O homem ainda não está preparado para tanta liberdade – falou Odilon. – Vejamos como, em síntese, tudo é devido à falta de Evangelho no coração. Do ponto de vista espiritual, o homem está desnorteado; desamparado pelas religiões tradicionais, mantém a fé por conveniência... A Ciência avançou muito e a Religião não acompanhou as exigências da Razão. Por esse motivo, observamos o fenômeno das chamadas religiões pentecostais ocupando o espaço que, antes, pertencia à Igreja; com seu discurso imediatista e o seu fanatismo, o novo pentecostalismo vem fazendo milhões de adeptos, mormente entre os mais desesperançosos e os que a ele tem aderido por interesses que, agora, não nos compete analisar. O Espiritismo, digamos, vem correndo paralelamente, visto que, infelizmente, poucos são os que se encontram maduros para aceitá-lo. O homem ainda não abdicou da idéia de um Céu fácil... Já o Espiritismo conscientiza e impõe responsabilidades. Assim mesmo, dentro da Doutrina, vamos nos deparar com companheiros que insistem em adaptar a Verdade às sua convicções de ordem pessoal.

Efetuando ligeira pausa, o Benfeitor acrescentou:
- Apenas e tão-somente o conhecimento da Reencarnação poderá redimir o homem, porque torná-lo-á responsável por si mesmo!
- Mas é justamente, Odilon, o que o homem não quer – argumentei. – É muito mais cômoda a idéia de que um Deus que nos salva que de um Deus que nos deixa à mercê do próprio esforço ascensional. Eis a razão do *sucesso* do discurso das igrejas evangélicas: prometem solucionar problemas, curar doenças, dar emprego ao desempregado, afastar a influência do suposto Demônio, e isto tudo já, por simples obra da fé, ninguém carece de verter uma gota de suor para tanto, mas apenas, é claro, colaborar com o dízimo, pois, sem ele, nada de orações especiais ou algum tipo de deferência divina...
- No entanto, Doutor – ponderou o nosso caro confrade Dr. Wilson -, mais cedo ou mais tarde, o espírito amadurecerá o entendimento e voltará a experimentar grande sensação de vazio interior. Ninguém se furta ao confronto consigo mesmo! O senhor sabe: existem *cardápios e cardápios...* Um pedaço de pão mata a fome, mas, quando o paladar se torna mais exigente... A fé se tornará cada vez mais racional e, neste sentido, não há doutrina capaz de competir com os postulados espíritas. O espírito, pelas indefectíveis leis da Evolução, está submetido a irreversível processo de maturação psíquica: para quem atinge a maior idade espiritual, não há mais retrocesso!
- Sabemos que assim é, todavia quanto tempo a Humanidade ainda haverá de esperar! – Lamentei.

- Inácio, retrucou Odilon -, se analisarmos bem, verificaremos que tudo se prepara para o Grande Amanhã! Reparando no monturo, quem será capaz de dizer que dele a semente despontará em breve? Enquanto não entra em estado de erupção, sucessivas vezes, o vulcão não se extingue!...

CAPÍTULO 30

- Voltemos a considerar a questão das drogas – observou o Mentor – que, infelizmente, não vem merecendo das autoridades constituídas o devido empenho no seu combate. Ao continuarem se alastrando, comprometendo gerações, não sabemos como há de ser o futuro da Humanidade. Trata-se de um problema social dos mais graves. A indiferença dos governantes e das pessoas em geral, em todo o mundo, tem ensejado que os traficantes se organizem...
- Há muito dinheiro envolvido, muita corrupção – considerei.
- Sem dúvida, todavia medidas enérgicas carecem de ser tomadas; os homens de bem carecem de se mobilizar, pois, caso contrário...
- Na minha opinião, está passando da hora; milhares de jovens têm sido vítimas de semelhante processo de vampirização...
- Os traficantes profissionais, Inácio, são espíritos obsessores reencarnados; foram do Mundo Espiritual para a Terra com o propósito de disseminar o vício, impedindo que os espíritos dêem seqüência ao seu esforço de evolução – no fundo, trata-se de oposição declarada ao Evangelho... Nunca, na História da Humanidade, houve uma guerra que vitimasse tanta gente! Milhares e milhares tombam todos os dias, rendendo-se ao uso da maconha, da cocaína, a heroína e de outros opiáceos que vêm sendo desenvolvidos nos laboratórios das Trevas... AS drogas afetam a máquina cerebral e, em conseqüência, anulam a capacidade discernir – o espírito, então, passa a ser duplo prisioneiro da matéria: além das limitações naturais que o corpo lhe impõe, sente-se constrangido a viver para atender aos reclamos do vício! A droga, por assim dizer, provoca uma subjugação d natureza física e moral – é o que, verdadeiramente, chamaríamos de possessão! A droga é a obsessão que penetra pelas veias e narinas de suas vítimas, entranhando-se profundamente. Um único viciado no grupo familiar é suficiente para transtornar todos seus integrantes e, indiretamente, envolvê-los.
- O assunto, em verdade, é demasiadamente complexo – comentou o Dr. Wilson -; a situação dos que chegam deste Outro Lado vítimas de *overdose* é lastimável! Temos socorrido jovens em tal situação, que requisitam ser isolados em celas especiais, por tempo indeterminado; o uso contínuo de drogas cria uma dependência que não cessa com a morte... O nosso Dr. Adroaldo Modesto Gil vem se dedicando ao tratamento dos que desencarnam na condição de espíritos suicidas, porque se entregam completamente ao vício. Seria interessante que pudéssemos ouvi-lo com a experiência que vem acumulando; por exemplo, ele me diz que não é fácil dialogar com os que deixam o corpo "possuídos" pelo vício das drogas...

Como se, telepaticamente, tivesse sido convidado a participar de uma reunião informal que realizávamos, Adroaldo apareceu e, inteirando-se do tema que abordávamos, discorreu com propriedade:
- Um viciado de muitos anos não se descondiciona com facilidade; tenho a impressão de que a química da droga altera a química do cérebro, ocasionando certas mutações que a ciência do mundo ainda

não detectou... A droga é um *virus* mutante! É impressionante o seu poder de modificar a personalidade... Os jovens desencarnados com os quais tenho conversado parecem não me escutar: alienam-se quase por completo e estou convencido de que somente a terapêutica da reencarnação poderá auxiliá-los de modo mais efetivo; todavia, inevitavelmente – refiro-me à maioria -, renascerão com tendências que, se não combatidas desde a infância, os induzirão a repetir a desastrosa experiência... Tenho catalogados diversos espíritos que, por seguidas encarnações foram drogados!! Começaram bebendo e, simplesmente, fumando, aprofundando-se, após, no uso de outros produtos tóxicos, inclusive de
medicamentos que circulam livremente no mercado: antidepressivos , antialucinógenos, analgésicos derivados da morfina...
- Existem organizações de espíritos desencarnados que se dedicam com exclusividade à disseminação das drogas entre a juventude – revelou Odilon.
- Como?! – Perguntei, estupefato. – Organizações assim por aqui? E o que tem sido feito para combatê-las?...
- O possível, Inácio – respondeu-me o Instrutor -, no entanto as dificuldades que enfrentamos não são menores das que enfrentam os nossos irmãos que lhes dão combate na Terra. Essas organizações situam-se nas mais baixas regiões do Mundo Espiritual e não são de fácil acesso. O Mal sabe se defender e se preservar... A insanidade, conforme você não ignora, está em toda parte: existem químicos desencarnados que, a serviço de inteligências perversas, desenvolvem pesquisas laboratoriais, na tentativa de potencializar a ação de drogas já conhecidas e descobrir novos agentes tóxicos, para inspirá-los à indústria do crime...
- Seria possível que tentássemos uma aproximação, mesmo que rápida, num desses "laboratórios"? – Questionei.
- Sim, com a devida cautela – exclamou Odilon. – Estamos informados de que, a certa distância daqui, um grupo vem se reunindo e produzindo drogas em larga escala, inclusive comercializando-as com entidades que ainda não lograram ser amparadas depois da morte – espíritos que, por diversos motivos, não se recolheram a nenhuma de nossas instituições de tratamento.
- Como, então, exigirmos uma atitude das autoridades encarnadas, concernente ao combate às drogas, se nós mesmos não agimos?...
- Não é bem assim, Inácio; o nosso contingente é pequeno... Numa floresta, existem áreas impenetráveis aos raios do Sol! Os nossos hospitais estão repletos e as nossas escolas funcionando no limite. Você sabe que, infelizmente, a indiferença é também uma realidade na Vida de além-túmulo. Não basta ser espírito para se importar... Muitos deixam o corpo e continuam gravitando em torno dos próprios interesses.

Tomando a palavra, o Dr. Wilson explicou:
- A questão não é tão simples: o tráfico de drogas é alimentado dos Dois Lados da Vida e, de certa forma, funciona em sintonia...
- Inacreditável! – Comentei, indignado.
- Mas é a realidade – prosseguiu o Dr. Wilson -; os que deixam o corpo não se regeneram de imediato e nem sofrem as conseqüências de seus desmandos, com a rapidez que imaginamos...

- Quer dizer que os traficantes que *morrem* não vão para as trevas?...
- Vão, muitos deles para continuarem traficando...
- Até quando?...
- Até que comecem a sofrer; que se arrependam; que se cansem de fazer o mal; que reencarnem em circunstâncias adversas, de verdugos passando a vítimas...
- Para quem espera por justiça, não é nada consolador... – redargüi, reticente.
- Inácio – pontificou Odilon -, se a morte fosse solução para todos os problemas humanos, solucioná-los não seria tão complexo assim.
- E a Lei de Retorno? Não funciona?...
- Sim e sempre, porém no seu devido tempo. Compreendamos, de uma vez por todas, que a violência não consta da Lei Divina. No fundo, tudo se nos constitui em necessário aprendizado e o mal, quando extrapola – e extrapola inevitavelmente -, acaba se mostrando com a finalidade de ser erradicado. O Mal será sempre uma excrescência!
- Odilon, já que estamos no assunto, perguntaria: os policiais deste Outro Lado prosseguem com as suas investigações e diligências?
- Como não?! Todavia não nos convém, por enquanto, entrar em maiores detalhes. Digo-lhes, com a finalidade de que você informe aos nossos irmãos encarnados, que os policiais sérios, mormente os que pereceram em serviço, continuam se dedicando ao cumprimento da lei... Juizes assassinados, delegados, promotores, advogados, enfim todos os que se sacrificaram pela justiça, graduados ou não, não esmorecem no combate à criminalidade e seguem caçando os infratores.
- Amanhã mesmo, Doutor – disse Adroaldo -, receberemos a visita de um companheiro que foi *morto* por traficantes na cidade de São Paulo; ele era policial e foi vítima de uma emboscada quando estava prestes a desvendar a ação de uma quadrilha que, inclusive, corrompera alguns de seus subalternos...
- Solicitaremos, então, Adroaldo – falou o acatado Mentor -, que, se possível, ele nos acompanhe à excursão que pretendemos realizar a pedido de Inácio.
- Tenho certeza de que ele se disporá a nos acompanhar de boa vontade: Elpídio é um amigo de extrema confiança.
- Odilon – indaguei uma vez mais ao Mentor -, na sua opinião, o que deveria ser feito no combate efetivo às drogas?
- A curto prazo, sanear os poderes constituídos moral e intelectualmente, pois a questão do tráfico e da corrupção é também um problema cultural que, em essência, é de origem espiritual; a médio e longo prazo, efetuar um trabalho de recuperação da família e, neste sentido, a escola carece de passar por uma transformação radical.
- O Brasil agora, pelo menos teoricamente, possui um governo social – ponderei.
- Não importa a natureza do governo e, sim, o comprometimento moral e o idealismo dos que o constituem. Infelizmente, no mundo todo, o que se vê é muita teoria e pouca ação; enquanto os

interesses pessoais falarem mais alto que os interesses da coletividade...

CAPÍTULO 31

- Enquanto o homem – prosseguiu Odilon – não se inspirar no Evangelho para tomar as suas decisões, o egoísmo falará mais alto e a civilização sempre estará em risco. Por esse motivo, Inácio, não podemos esmorecer. A Religião vem sendo relegada a plano secundário; Há, entre os homens, um pensamento de que a fé religiosa é algo alienante... De fato, os interesses dos espírito e os que dizem respeito à vida material são inconciliáveis. Sem que a criatura encarnada se desapegue do que é transitório, não terá olhos para os valores imutáveis da Criação Divina.

O Mentor estava com a razão: infelizmente, o homem havia reduzido o Evangelho a simples moldura de uma tela que retrata a paisagem ideal; a Religião, para a maioria, não passava de formalidade e Jesus Cristo se transformara em mito... O papel do Espiritismo, na revivescência do Cristianismo, tornava-se essencial para o futuro da Humanidade, no entanto espíritas não me pareciam compenetrados de tal realidade.

Despedimo-nos. No outro dia, pela manhã, Adroaldo veio ter conosco na companhia de Elpídio, um moço simpático e sorridente que logo nos conquistou pela sua simplicidade.

Após nos ter sido apresentado, o detetive desencarnado sumariou a sua história:
- Eu estava investigando ramificações do tráfico da Colômbia no Brasil, aliado ao roubo de cargas transportadas por caminhão que aconteciam e ainda acontecem nas imediações de Campinas... Fui vítima de uma emboscada que, segundo estou apurando, envolveram os meus dois companheiros, que, com certeza, foram subornados. A situação é muito mais grave e complexa do que a própria imprensa imagina e tem divulgado: políticos, ricos empresários e autoridades outras fazem parte do esquema que, à época, era liderado por Pablo Escobar.
- O que lhe aconteceu- Perguntei.
- Recebi um tiro de escopeta no peito... Estávamos na Rodovia dos Bandeirantes, apurando a denúncia de que um caminhão transportando madeira escondia uma carga de muitos quilos de maconha e cocaína. Dividimo-nos e eu fiquei sozinho, em determinado ponto estratégico, logo após um pedágio. Quando avistei o caminhão suspeito e quis comunicar-me pelo rádio com os companheiros, percebi que o aparelho havia sido danificado; rapidamente, sem que eu nada pudesse fazer, aproximou-se uma moto e o encapuzado que estava na garupa disparou contra mim à queima-roupa... Recebi o impacto do projétil no peito; no entanto, embora aturdido, sem compreender exatamente o que se passava – eu não era espírita e pouco ou quase nada entendia de vida além da morte –, escutei os dois companheiros, que haviam retornado, conversando, simulando me socorrer:

- “é uma pena, mas ele não nos deixou alternativa... Podíamos ter divido por três: cinqüenta mil reais para cada um!... Quantos meses teremos que trabalhar para perceber tal soma? Elpídio era um bom sujeito, mas certinho demais para o meu gosto... Jamais aceitaria uma proposta dessas!”
- Durante meses – prosseguiu o investigador -, me entreguei ao desespero, pois, afinal de contas, além de estar noivo e de casamento marcado, éramos só eu e uma irmã doente: as despesas com os meus pais já idosos, e com a minha irmã eram feitas por mim... Vocês poderão fazer uma idéia de como me senti e, por vezes – confesso-lhes -, me sinto. Os meus genitores ainda choram todos os dias e não têm sido fácil para mim controlar as emoções e o desejo de vingança. }?Quando eu estava no auge da revolta, disposto a me aliar a certas entidades espirituais para fazer justiça com as próprias mãos, o meu avô paterno, Pedro, que tinha desencarnado havia mais de dez anos veio ao meu encontro e, gradativamente foi me convencendo do contrário.
É evidente, prezado leitor, que estamos nos servindo de nomes fictícios na narrativa em pauta, com o propósito de evitar comprometimentos para quem quer que seja. De modo geral, o homem não dá valor ao depoimento de morto, mas, do jeito que as coisas andam, é possível que eu e o médium fôssemos chamados a depor e, antecipando-me, por mim e por ele, digo-lhes que nada mais sabemos do caso.
- Elpídio – explicou Adroaldo -, eu e os nossos amigos, a título de alguns estudos que estamos realizando, pediríamos que você nos acompanhasse em uma região da Crosta onde estamos informados de que existe um grupo de traficantes fora do corpo... Você se disporia?
- Perfeitamente – respondeu com solicitude -; cabe-me, porém, adverti-los quanto aos perigos...
- Desculpe-me a pergunta – aparteei -, mas se vocês sabem da atuação de grupos semelhantes, por que não agem? Deste Outro Lado da Vida, a polícia conta com as mesmas limitações? Por que não desmantelam a quadrilha e não prendem esses marginais? Será possível que *até aqui*...

Sem deixar que eu concluísse, Odilon tomou a palavra e esclareceu:
- Inácio, compreendo a sua indignação, que também é nossa, mas as coisas não são tão simples assim... Seria, de fato, ótimo se , depois da morte, tivéssemos vales de sofrimento à espera dos mais diversos infratores da lei – por certo que estaríamos em um deles! -, todavia não é assim. Estivemos, há pouco no meio de uma guerra e, a rigor, o que pudemos fazer? Conseguimos evitar que pelo menos um soldado deixasse de disparar a sua metralhadora?
- Mas aqui os espíritos são nossos iguais, Odilon!... Eu não estou falando de influenciar encarnados... Por exemplo, os nossos irmãos que souberem de nossas dificuldades deste Outro Lado, para fazer com que o Bem impere acima de quaisquer circunstâncias, ficarão desanimados. Como é que eu vou transmitir a eles uma notícia dessas?
- Amenize...
- Seria faltar com a verdade, você não acha?

- I quem disse a você, Inácio, que a Verdade absoluta nos interessa?

Odilon, que me deixara sem argumentação com a sua derradeira resposta, observou:
- Conforme constataremos, esses nossos irmãos que se reúnem à margem da lei nas circunvizinhanças do Orbe, vivem em regiões quase inacessíveis e, depois, não nos cabe agir com violência; formam comunidades numerosas e nos enfrentariam, como os traficantes rechaçam os policiais que intentam prendê-los em seu *habitat*... Não nos esqueçamos de que o assunto não é de nossa alçada.
- Não estamos omissos, Doutor – ponderou o jovem delegado -; temos, sim, logrado trancafiar em nossas penitenciárias marginais desencarnados de alta periculosidade... Mesmo depois da morte, não é fácil equacionar certos problemas que, infelizmente, são alimentados mentalmente pelos nossos irmãos que vivem na Crosta. Os desencarnados e os encarnados afins fortalecem-se de maneira recíproca.
- Inácio, repito: a questão da justiça estaria resolvida se, ao deixar o corpo, o espírito se encaminhasse diretamente para o lugar compatível com as suas ações... Se não é assim no mundo, por que haveria de ser assim na Vida de além-túmulo? Quantos espíritos delinqüentes reencarnam em lares abastados, estudam em Universidades, possuem curso superior, falam diversos idiomas, desfrutam de invejável saúde? Os de maior periculosidade, via de regra, são os mais inteligentes... Por que, então, a Justiça Divina não os constrangeria a renascer em corpos mutilados e débeis? Jovens robustos e belos, sob o aspecto físico, muitas vezes são espíritos portadores de terríveis deformidades morais.

O Dr. Wilson que circunspecto, até então não se pronunciara, tomou a palavra e disse:
- Definitivamente, o homem não faz idéia do que seja a Vida nas dimensões próximas da nossa casa planetária... Eu mesmo esperava que fosse conduzido a uma região isenta de tantas lutas; não que me considerasse em condições espirituais que me habilitassem a tal, mas pela esperança de encontrar o mundo que sonhamos que a Terra venha a se transformar um dia. O Orbe Terrestre e o Mundo Espiritual que, agora, é o nosso domicílio, assemelham-se a dois espelhos, um com a face voltada para o outro, projetando a realidade que lhes diz respeito.

A isto Adroaldo juntou:
- A melhora de um determina a melhora dou outro... Sem que o indivíduo avance, a coletividade não avançará. O esforço dos homens nos interessa diretamente, no sentido de que as nossas próprias condições de vida, deste Outro Lado, se aperfeiçoem. Enquanto houver gleba propícia, a erva daninha se alastrará... E, de nossa parte, igualmente fazendo o possível, estaremos colaborando para que a *pressão* psíquica dos desencarnados diminua sobre os encarnados e a reencarnação dos espíritos, que necessitam retomar o corpo, aconteça de modo mais favorável. Necessitamos,

pois, de nos unir, conscientes de que um só espírito que vá ao mundo em melhor condição espiritual estenderá a sua benéfica influência a dezenas de outros. A semente do Bem, em terreno fecundo, se propaga prodigiosamente! Não percamos as esperanças. O Cristo começou sozinho e, hoje, os seus seguidores estão por toda parte. Allan Kardec, nos primórdios da Codificação, não contava senão com alguns poucos companheiros que lhe secundaram o ideal... Hoje, pela Graça Divina, contamos com inúmeras organizações doutrinárias incalculável contingente de seareiros de boa vontade dos Dois Lados da Vida!...

CAPÍTULO 32

Guiados por Elpídio, demos início à nossa excursão ao domínio das Trevas, com a finalidade de observar a ação do tráfico de drogas no submundo da Vida além da morte.

Com a necessária cautela e a possível discrição, começamos a caminhar em direção Crosta, sempre *descendo* ´`a medida que seguíamos à frente. Impossível descrever, com detalhes, tudo com que íamos nos deparando, pois, confesso, nem mesmo quando encarnado, jamais tivera oportunidade de visitar qualquer região semelhante: o terreno se tornava cada vez mais acidentado e inacessível; urubus se agrupavam sob montões de lixo, e outras aves vulturinas, cuja espécie não me foi possível identificar, disputavam entre si os restos de alimentos deteriorados...
No percurso, deparamo-nos com o espírito de uma mulher que me causou extrema piedade. Perambulando, com várias receitas médicas na mão, interpelou-nos com voz cadenciada: - "Por caridade, um dinheiro para comprar remédios para minha cabeça... Eu sou epiléptica e não posso trabalhar. Por caridade, um dinheiro..." Endereçando-lhe algumas palavras de conforto, Odilon prometeu que assim que possível, providenciaria para a infeliz irmã receber o tratamento necessário.
- "Eu já estou me tratando – respondeu -; eu queria dinheiro para aviar estas receitas, pois sofro desmaios e não posso trabalhar..."

Quando nos distanciamos um pouco, o Instrutor explicou-nos:
- Trata-se de alguém que, infelizmente, de tanto faltar com a verdade para auferir vantagens econômicas, explorando, em nome da Caridade, a boa-fé dos semelhantes, terminou, de fato, adoecendo... Sugestionou-nos tanto à porta das casas bancárias onde pedia auxílio e nos semáforos, sensibilizando os motoristas com a história que inventou que despojando-se do corpo físico, passou a acreditar no que, para ela, durante muitos anos, não foi mais que um meio de vida...
- E agora? – Perguntei.
- Agora, Inácio, é candidata a tratamento de longo curso, sendo provável que conviva com as seqüelas de sua imaginação doentia por um tempo que não podemos precisar.

Por detrás de um morro, onde sentíamos um estranho cheiro de fumaça, Elpídio esclareceu-nos:
- Deve ser um dos muitos grupos que, nas imediações, costuma fazer uso de maconha e de "crack"...

Caminhando mais um pouco, defrontamo-nos com um grupo de sete entidades que mal deram pela nossa presença, tal o estado de alienação em que se encontravam: quatro rapazes e três mulheres mais maduras manipulavam cachimbos improvisados e soltavam baforadas, pronunciando, semi-sonolentos, palavras desconexas...

- É o mais barato, cara! Estou flutuando... Vejo anjos à minha volta... Está tudo solto e leve! Estou pirando... – Dizia um dos jovens que, certamente, se vitimara por *overdose*.
- É um transe legal! – Emendava a que me parecia a líder do grupo, incentivando os demais. – A droga é uma *iniciação*... Tudo que é proibido é bom! Cuca fresca, sem grilos... Preciso conseguir mais, ainda hoje, *Pô*!

Um deles, ao nos avistar, aproximou-se, cambaleante, com o nariz sangrando:
- Olhem a turma de volta – disse, tentando chamar a atenção dos companheiros e confundindo-nos com fornecedores. – Dinheiro, não temos, mas podemos negociar... O que vocês curtem? Topamos qualquer parada e estamos a fim...
- Meu Deus! – Exclamei de lábios cerrados, profundamente consternado. – Quantos jovens em situação idêntica devem existir por aqui?... Que noção eles possuem da Vida? Será que não percebem que são imortais? Por quanto tempo haverão de continuar assim? Por onde andarão os responsáveis por eles?...

Inútil, no momento, qualquer tentativa de socorrê-los, pois, se quiséssemos ajudá-los, praticamente teríamos que conduzi-los à força para o hospital e, depois, onde haveríamos de colocá-los, se não contávamos com uma vaga sequer?... Como haveríamos de recolher aquela gente toda?
- Não se angustie, Inácio – socorreu-me Odilon.- A Misericórdia Divina permanece atenta e, para cada um de nossos irmãos, chegará o instante de mudar; o amparo de que nos revelamos necessitados, sempre se encontra a caminho... Infelizmente, o cálice em que eles continuam sorvendo o embriagante licor da ilusão ainda não transbordou!

Enveredando por uma trilha entre saliências rochosas, sem que, em toda a trajetória, sequer nos deparássemos com uma única flor, Elpídio recomendou-nos absoluto silêncio. À nossa frente, a boca de uma caverna se escancarava e, observando se, por perto, não havia nenhuma sentinela a postos, convidou-nos a entrar. O que vimos, então, foi de causar náuseas. Numa espécie de amplo e penumbroso salão, uma verdadeira "festa de embalo" estava acontecendo: eram dezenas de entidades, em meio a sufocante fumaça, sacudindo o corpo quais espectros, ao som de música estridente que me feria os ouvidos... Quase todos, homens e mulheres de todas as idades, estavam nos e simulavam atos libidinosos. Seria aquilo uma dessas boates que diziam existir na Terra? Não era possível... Esgueirando-nos rente à parede rochosa, quando olhei para cima, exatamente sob a minha cabeça, pude ler a inscrição insculpida na pedra: "?Sodoma e Gomorra"!

Poupem-me, prezados leitores, de informações mais próximas da realidade, mesmo porque não desejo criar-lhes qualquer espécie vínculo mental com os quadros que presenciávamos.

O nosso intuito, guiados por Elpídio, era o de atravessar o salão e seguir por um corredor que, segundo ele, nos levaria a uma espécie de depósito, no qual os traficantes se abasteciam. Ali, qualquer reação de nossa parte, seria, no mínimo, imprudente. Aquele local era uma pequena comunidade e, de acordo com o destemido policial que nos acompanhava, constituía-se de, aproximadamente, dez mil espíritos, que se espalhavam pelas imediações. O número de habitantes de toda a região era quase de cinqüenta mil! E pasmem: todos vivendo em função do prazer, resumindo-se em antigo *slogan* – sexo, droga e rock and roll!

Todavia, avançando sorrateiramente mais alguns passos, fomos barrados por um segurança, um negro de mais de dois metros de altura, que, cobrindo-se apenas com uma tanga, nos indagou:
- o que vocês estão fazendo? De onde vieram? Ainda não se serviram?...

Aquele "ainda não se serviram" soou-me estranho aos ouvidos e compreendi que ele estava se referindo à droga por oferta da casa.
- Acabamos de chegar e estou mostrando o local a estes amigos – respondeu Elpídio. – Espero que não se importem...

E, em seguida, pronunciou algumas palavras em castelhano, dizendo-se amigo e integrante da "família" de Pablo.

É possível que muitos companheiros que nos estejam seguindo a narrativa – e eu lhes dou razão -, estejam se questionando: por que, ao invés do nome de um traficante, não mencionaram o de Jesus Cristo? Digo-lhes que, o tempo todo, o nosso impulso era exatamente este, mas – acreditem – ninguém nos daria ouvidos e, com certeza, seríamos expulsos ou mantidos sob cativeiro. Vocês acham que, no recinto do amplo salão, não havia nenhum símbolo religioso? Havia, sim, um enorme cruz talhada em madeira que (talvez este não seja o termo correto) Ironizava com sarcasmo a figura do Cristo; aquela imensa orgia recordava-me as bacanais de Roma posteriores a Júlio César e Otávio Augusto, em que o homem, em sua insanidade, misturava o divino ao profano!

O gigante de ébano se afastou e Elpídio advertiu-nos:
- Precisamos ser rápidos!...

E, de fato, precisávamos mesmo, pois aquele ambiente estava mexendo com as minhas reminiscências das vidas que um dia se foram, mas que, talvez, não tenham sido convenientemente sepultadas pelo tempo.

Ante o barulho que nos estourava os tímpanos e o ar que se tornava cada vez mais irrespirável, tivemos acesso a estreito e mais escuro corredor, que desembocava num salão de menores dimensões, onde vimos caixas e caixas empilhadas e alguns produtos químicos utilizados para potencializarem o efeito das drogas. Alguns espíritos com forma humana, ou seja, sem nenhuma aberração de caráter físico, inspecionavam o serviço dos outros que,

sinceramente, eu não conseguiria descrever, sem causar espanto: junto a diversos tubos de ensaio e pipetas, cubas e fogareiros acesos, aqueles estranhos seres que, um dia, certamente haviam sido homens, experimentavam formulações que exalavam fétido odor, semelhante ao da amônia e do enxofre...
- Como é, Guida? – Perguntou um dos chefes do tráfico naquela região. – Estamos sendo pressionados... Você prometeu-nos uma droga duas vezes mais potente que o "Ecstasy"...

Respondendo não sei por qual orifício da face macilenta e deformada, o químico disse:
- Estou quase chegando lá... Descobriremos e inspiraremos aos homens uma droga, perto da qual todas as demais não passarão de inocente barra de chocolate! Ficaremos milionários e dominaremos!...
-
E, feito um cientista louco, gargalhava como se o fizesse por uma fenda aberta na traquéia!...

CAPÍTULO 33

O que se passava no interior daquela caverna era inimaginável e, aos poucos, a indignação foi tomando conta de mim. Cobrávamos tanta ação dos policiais e das autoridades na Terra e ali estávamos, praticamente sem nada fazer. Como, afinal de contas, combater aquela situação? Justificar-se-ia agirmos com tanta ética, ante o mal que víamos se expandindo? Aquele local era um antro de perdição e as entidades que o controlavam tinham consciência – pelo menos parcial – do que estavam fazendo... Núcleos semelhantes deveriam existir às centenas nas regiões da Crosta. Como se não nos bastassem o conflito na área do pensamento, o comprometimento moral e as conseqüências de atitudes invigilantes, estávamos expostos a um terrível e tenebroso plano das Trevas, que, pela disseminação das drogas, pretendiam levar a Humanidade á mais completa degradação.

Com extrema rapidez, desfilaram em meu cérebro cenas que ficaram gravadas, mormente nos meus últimos lustros de atuação à frente das atividades do Sanatório, em Uberaba. Quantas famílias desmanteladas pelo alcoolismo? Quantos jovens, que poderiam ser meus filhos ou netos, com o futuro comprometido pelo uso sistemático de drogas? O vício destruía a personalidade, conduzia à apatia, à prostração física e mental, induzindo as suas vítimas ao desregramento e à perversão sexual, á mais completa inanição em termos de esforço próprio. Eu, Manoel Roberto e nossos demais auxiliares, desdobrávamo-nos dia e noite para coibir a circulação de alucinógenos nos pavilhões do Sanatório, que, não raro, eram oferecidos aos pacientes pelos próprios visitantes... Por esse motivo, na condição de espírita e médico, eu sempre fui contra a prescrição excessiva de medicamentos; vivíamos *quebrando cabeça* a fim de arranjar uma ocupação para aqueles rapazes e moças, na expectativa de que se descongestionassem.

Lembrei-me, num átimo, de um interno chamado José Carlos, um rapaz de Goiânia, que a família entregara aos meus cuidados – 21 anos, drogado e homossexual... Penalizava-me vê-lo naquela situação, vampirizado por entidades horripilantes que se comunicavam em nossas sessões mediúnicas e zombavam de mim: - "Não adianta, Doutor! – ironizavam-me ao tentar doutriná-las. – Ele é nosso, inteiramente nosso... Ocupávamos-lhe o corpo e a mente; antes, ele ainda lutava, mas, agora, entregou-se completamente... Ele não pensa em mais nada, a não ser em droga e sexo! Desista, depois é um caso perdido. Os pais dele, ricos fazendeiros em Goiás, são orgulhosos e mandaram o filho para longe, com vergonha de um homossexual na família... Pagar-nos-ão o que nos devem e será assim!...

De fato, Zezinho – Como tratávamos -, de compleição franzina, um jovem de olhos verdes e cabelos oxigenados, tinha que passar a maior parte do tempo trancado – lamentavelmente isolado de todos

os demais internos do sexo masculino, e, mesmo trancado, ele tirava toda a roupa e exibia o seu corpo nu aos enfermeiros... Com ele, não tivemos alternativa, senão, repito, mantê-lo trancafiado em um aposento transformado em cela, pois, certa vez – não sei como – surrupiou-nos um litro de álcool da farmácia e o ingeriu, permanecendo quase dois dias em estado semicomatoso.

Todos os dias, eu entrava sozinho em sua cela, com o Manoel Roberto vigilante do lado de fora, e, com um cobertor nas mãos o envolvia, a fim de que pudéssemos conversar.
- Meu filho, não faça isso – pedia-lhe em tom paternal... – A sua mãe e o seu pai me telefonam todos os dias para saberem de você: eles o amam! Você precisa nos ajudar a ajudá-lo. Reage, meu filho! Lute contra os espíritos que querem prejudicá-lo... Desta maneira, você acabará desencarnando antes de chegar aos30... Não recuse o alimento e comporte-se como um rapaz de boa família. Se você não cooperar, o que poderemos fazer? Em quantos hospitais você já esteve?
- Em vários, Doutor – respondia-me, trêmulo -; eu já estive internado em vários hospitais e sempre fiz deles o que quis... O senhor trancou-me aqui: eu não sou um criminoso! Solte-me... Deixe-me andar pelos pavilhões. O senhor sabe desde quando eu faço uso de drogas? Desde os doze anos de idade; comecei cheirando os vidros de esmaltes da minha mãe e bebendo acetona; estou nesta vida de homossexual desde menino, quando fui estuprado por um primo meu... Não adianta, eu não consigo fazer mais nada! Eu quero que o senhor me dê alta e fale com os meus pais para me buscarem...
- Existem muitos espíritos obsessores que estão se servindo de você – argumentava, tentando esclarecê-lo.
- Acredito, mas que me importa, se não tenho forças? Eles estão em minhas veias, Doutor!... Sinto que eles percorrem as minhas veias eu lhes pertenço... Eu sou um caso perdido!
- Meu filho – insista -, confia em Deus, ore; não se entregue tanto assim!... O que há de ser de você no Outro Lado da Vida? Se deixar o corpo nesta situação, cairá nas garras dos espíritos que têm ódio a você e à sua família... ?Do jeito que se encontra, nem a morte o libertará!...

Perdi a conta de quantas vezes eu dera a Zezinho a chance de conviver com os demais internos, fora da cela! Ele ficou conosco por cerca de dez meses e, digo-lhes, pouco ou quase nada conseguimos. A sua presença no sanatório provocava uma reação em cadeia, ou um "efeito dominó": todos os pacientes, principalmente os homens, ficavam agitados e tivemos, o tempo todo, seríssimos problemas. Tentamos de tudo: Passes, preces, sessões de desobsessão, terapia ocupacional, diálogos amistosos... Ardiloso, enganou-nos diversas vezes e nos fazia acreditar em seus novos propósitos de vida, para, em seguida, aprontar uma cada vez pior do que a outra: rasgava os livros que eu lhe emprestava para ler, atirava fezes por entre as grades da porta, tentava cortar os pulsos, proferia palavras obscenas e encenava atos libidinosos...

Confesso-lhe que, com ele, fracassei, e não tive alternativa, senão, ao fim de quase um ano – em que os genitores não vieram buscá-lo uma única vez! – Entregá-lo de volta à família... Eu me afeiçoara àquele menino! Quando os pais, a contragosto, vieram buscá-lo, confesso-lhes que chorei, ao dele me despedir, antevendo o que o aguardava. Infelizmente, não deu outra: depois de, aproximadamente, um ano e meio, a mãe de José Carlos me telefonou de Goiânia, comunicando que o filho desencarnara assassinado – a polícia o encontrara nu, em meio a uma matagal, com várias perfurações a faca pelo corpo...

Os Espíritos Amigos que, habitualmente, entravam em contato conosco me haviam alertado com anos de antecedência, pela mediunidade de Modesta, que os espíritos das trevas passariam a contar com poderoso aliado; no entanto, eu estava longe de supor que esse aliado fossem as drogas que, à época, ainda não estavam tão disseminadas.

Quanto a Zezinho, depois de quase um ano de seu desenlace em circunstâncias trágicas, incorporado em um dos nossos médiuns (D. Maria Modesto Cravo já havia desencarnado em Belo Horizonte, em 1964, vítima de um câncer que se espalhou com rapidez), gritava por socorro:
- Dr. Inácio! Não me deixe nas mãos desta gente... Socorro! Tranque-me, de novo, naquela cela... Ai, como me dói o corpo! Que foi que fizeram comigo? Eu era um jovem e belo!... Vejam a que fui reduzido... Dr. Inácio, socorro! Eles me injetam droga nas veias todos os dias... Eles estão aqui... Afasta-me deles, por caridade! Prefiro passar o resto dos meus dias trancado naquela cela... Eles me obrigam a tudo, Doutor!...

Então, o que não havíamos conseguido, quando ele se encontrava encarnado, parcialmente logramos quando Zezinho se transferiu para o Outro Lado da Vida. Rogando a intercessão de nossos Maiores, solicitei a Falange de Eurípedes Barsanufo que se encarregasse do caso do nosso rapaz; os seus inimigos do pretérito tiveram o que quiseram e levaram às últimas conseqüências os seus planos de vingança, contra ele e contra a família abastada... Agora, era o momento do basta! O mal não poderia se perpetuar. Segurando a mão do médium, com a convicção de que era a mão de Zezinho que eu retinha sobre a minha, orei compungidamente:
- Senhor, que a Tua Misericórdia nos favoreça e que a Tua luz resplandeça, desfazendo as sombras de nossos erros e ilusões! Sem o Teu amparo, nada somos e nada podemos... Conceda-nos, Senhor, a liberdade, para que possamos reencertar a jornada, no esforço de seguir-Te os passos, mais uma vez... Não nos relegues à nossa própria sorte a às conseqüências dos nossos desatinos. Estamos cansados de sofrer e ansiamos pelo Teu regaço! Defende-nos do guante da tentação e que tenhamos forças para resistirmos ao assédio das inclinações infelizes, que nos constrangem e nos escravizam... Espíritos doentes, cura-nos, Senhor!... Pousa a Tua abençoada destra sobre a nossa fronte e equilibra-nos a mente conturbada! Todas as nossas dores decorrem do nosso distanciamento

voluntário de Ti! Compadece-te, pois, de nossa fragilidade e não nos deixe à mercê de nossas imperfeições!...

CAPÍTULO 34

Quando terminei de orar, o espírito do jovem, que se asserenara, disse, com voz algo sonolenta:
- Estou vendo uma senhora se aproximar... Tenho a impressão de que a conheço daqui mesmo, do Sanatório. Estou com muito sono... Ela sorriu para mim e a luz que brilhava à sua volta afugentou aquela gente... Bondosamente, ela me protege o corpo com um cobertor; o frio que eu sentia, foi embora... Quero dormir e sonhar... Chega de pesadelos! Obrigado, Doutor!...

Após o espírito se retirar, sendo, certamente, conduzido aos hospitais da Vida Maior, onde o seu tratamento teria seqüência, nossa Modesta, em espírito, incorporou-se ao mesmo médium e falou comigo:
- Inácio, a Bondade De Deus sempre se faz presente e nunca chega tarde em nossas vidas! O nosso rapaz será devidamente encaminhado e esperamos que, esgotada a taça de fel que sorveu à derradeira gota, dê início, pelo próprio esforço, ao seu processo de reajuste espiritual. A família consangüínea deveria conviver, como está convivendo, com a sensação de culpa e de remorso... Não questionemos os recursos pedagógicos com que a Lei Divina nos educa para a Vida Eterna! Alguns são escolhidos, ou se escolhem, a si mesmos, como instrumentos, para que não nos esqueçamos de nossas deficiências. Sem a Vontade de Deus, nada podemos: os nossos parcos conhecimentos pouco valem... Não nos vangloriaremos, pois, sequer das luzes espirituais que nos favorecem pelo que a Doutrina Espírita nos enseja. Carecemos, sim, de quando em quando, experimentar certa sensação de fracasso, com a finalidade de tudo esperarmos Daquele de quem tudo procede e não nós mesmos, que nada de bom possuímos para oferecermos aos nossos semelhantes. O nosso afeto ainda é egoísmo e o nosso amor se confunde com injustificável sentimento de posse! Quando, de fato, amaremos? Se triunfássemos em tudo, seríamos maiores vítimas da própria prepotência. O Senhor nos corrige sempre e as mazelas dos semelhantes são as nossas próprias que se materializam, diante dos nossos olhos, a fim de que não venhamos pretextar qualquer desconhecimento delas. Vemo-nos uns nos outros e exibimos, de público, as chagas que tentamos ocultar no espírito. O mal que praticamos, por menor que seja, é suficiente para fazer com que sentimento de culpa renovador se instale na consciência de todos os que se sentem, direta ou indiretamente, responsáveis por ele. Todos os dias, a Vida nos reserva novas e indispensáveis lições...

À medida que Modesta dissertava, lágrimas silenciosas me deslizavam pelas faces sulcadas e, sinceramente, não tive forças para nada dizer: a saudade da inesquecível companheira de tantas lides doutrinárias sufocavam-me o coração!
- Inácio, meu irmão – continuou, finalizando -, o mundo, antes que se volte definitivamente para o Senhor, experimentara múltiplos abalos, e a situação do nosso Zezinho não é um caso isolado... Infelizmente, pela receptividade mental que vem encontrando, os

espíritos obsessores prosseguirão agindo, e a droga, como, aliás, de há muito vimos sendo alertados pelos nossos Maiores, disseminar-se-á, fazendo milhares e milhares de vítimas... A vacina preventiva seria a do Evangelho, todavia raros os que querem alguma espécie de comprometimento espiritual com a Vida! Enquanto não se precipitar mais fundo no abismo do materialismo, o homem não se decidirá por outros caminhos... Não nos iludamos: sejamos, sim, otimistas quanto ao futuro, mas não olvidemos a realidade... A fé não pode e não deve ser mera formalidade das criaturas! De modo geral, as religiões se contextualizaram do ponto de vista social e poucos são os adeptos dispostos a vivenciar-lhes os fundamentos; as religiões, na atualidade, mormente as que solicitam os seus seguidores maior engajamento, tem sido objeto de escárnio... As Trevas possuem inúmeras táticas para influenciarem e arrefecerem o ânimo de quantos procuram acender diminuta réstia de luz ao redor de seus passos, servindo como ponto d referência para quantos vagueiam sem rumo... Todavia não esmoreçamos e não receemos os rótulos de "fanáticos" ou de "alienados"... Prossigamos cumprindo com o dever, convictos de que a realidade nos espera deste Outro Lado transcendem à nossa compreensão da Verdade. Persevere! Fiz o que pude, mas não o que devia... Diante da grandeza de tudo que nos espera, nunca fazemos o que compete e, dificilmente, ao deixarmos o corpo evitaremos a frustração que nos possui o espírito, constatando que desperdiçamos a preciosidade dos minutos com querelas sem importância. Então, arrependidos e envergonhados, tentaremos recuar; no entanto será tarde demais!... Deixo-lhes o meu abraço de companheira de ideal e os meus votos de paz em Jesus!"
- Inácio – tirara-me Odilon dos devaneios a que me entregara -, onde é que você está?...
- Por instantes – respondi -, de volta ao Sanatório...
- Permaneça atento, pois não podemos nos desconcentrar... Mas alguns minutos de observação e sairemos.

Fixando com maior atenção a estranha identidade que manipulava elementos químicos, interessada em descobrir a fórmula de uma droga que pudesse negociar com traficantes do mundo espiritual, notei que era auxiliada no tentame por três anões que, sob as suas ordens, iam acrescentando ingredientes extraídos de minerais e vegetais encontrados nas regiões pantanosas e sombrias do Além.
- Guida – disse um deles, com voz de criança malvada -, veja este cogumelo cor-de-rosa... Após triturá-lo, misturei-o à papoula e, experimentalmente ofereci a poção a uma das meninas que freqüentam "Sodoma e Gomorra". Venha vê-la dançar...

Arrastando-se com dificuldade, o químico, com as pernas extremamente inchadas, como se sofresse de elefantíase crônica, passou rente a nós e ficou espiando os movimentos de uma jovem que, em convulsão, dançava no meio do salão, completamente alheia e... descerebrada. Os demais se afastaram e ela rodopiava sozinha, em movimentos epileptóides e, de repente, começou a vomitar, qual um drogado nos estertores de uma dose letal. Os outros aplaudiam e pulavam, naquela imagem que, para mim, superava toda a visão de

inferno que eu jamais pudera conceber; extrapolava, em muito, tudo que eu seria capaz de aceitar racionalmente... Sinceramente, não tenho – e melhor que não tenha mesmo – palavras para descrever o que eu via. O que acontecera àquela jovem? Desfalecera? Porventura, *morrera uma segunda vez?* O certo é que seguranças se aproximaram e a retiraram, pálida e aparentemente sem respirar...

Fitei Odilon, que nada disse, e Elpídio considerou que o momento era de sair. Adroaldo e o Dr. Wilson estavam tão estupefatos quanto eu, todavia, naquelas circunstâncias, que poderia ser feito? Súbito, uma idéia, cuja procedência desconheço, me passou pela cabeça e, evidentemente, guardei-a somente comigo. Desculpem-me os caros leitores e os companheiros espíritas relevem as limitações do meu espírito.

Valendo-nos do tumulto que se estabeleceu no salão da boate, começamos a nos afastar, todavia, vendo um toco de cigarro aceso no chão, apanhei-o e, pedindo a Deus que me perdoasse, sendo o último da fila, retrocedi sem que os amigos percebessem e, confesso, não resisti à tentação: adentrei o recinto do laboratório instalado no interior da caverna e, com um bastão, derrubei todos os líquidos de natureza inflamável de sobre a mesa, que escorreram em direção a diversas caixas ali depositadas, soprei, para avivar a brasa do guimba de cigarro que recolhera e, sem pensar duas vezes, lancei-o sobre aquela *mistura diabólica* e, em fração de segundo, o fogaréu se fez, espalhando-se com rapidez.
- Com Sodoma e Gomorra aconteceu o mesmo! – Procurei me justificar, enquanto voltava, apressado, para junto dos companheiros que se retiravam. – Aqui, na falta de fogo que caía do céu, um toco de cigarro serve!...
- Onde é que o *senhor* estava? – Perguntou-me Odilon, lendo-me os pensamentos.
- Perdoe-me, mas não resisti...
- *Doutor!...*
- Perdoe-me, perdoe-me... Ninguém morrerá ou sequer se ferirá! Perdoe-me!...

Enquanto as chamas se alastravam, reduzindo o interior da caverna a um monte de cinzas, e todos debandavam, sentindo-se sufocados pela fumaça negra que inalavam, escutei Guida e os seus três anões lamentando:
- tudo perdido!... Quem terá sido o criminoso? Como montaremos agora outro laboratório?...

E, já um tanto distantes, sem receio de virar uma estátua de sal, como a mulher de Lot, fiz questão de olhar para trás e observar !Sodoma e Gomorra" sendo consumida pelo fogo!...

Não sei se por respeito a mim, ou por humildade, Odilon nada me disse em repreensão, no entanto, efetuamos o resto do percurso em completo silêncio.

Aquilo fora por Zezinho e por milhares de rapazes e moças semelhantes a ele!...

CAPÍTULO 35

Eu ficara deveras indignado com o que presenciara na região espiritual, próxima à crosta, que visitáramos. Por mais fecunda a minha imaginação, jamais poderia supor que sob certos aspectos, a situação com que nos deparávamos no Além fosse pior e mais complexa do que a vigente na Terra.

Passados dois dias de nossa volta daquele antro de perdição, onde a droga corria livremente e incalculável número de espíritos permanecia em constante estado de alienação, Odilon veio me ver.
- Como é – perguntei ao Instrutor -, menos aborrecido comigo?

Deixando a formalidade de lado, ele me respondeu:
- Inácio, aquele tipo de ação não é de nossa alçada. Elpídio e seus companheiros estão efetuando diligências e, ao contrário do que parece, os espíritos responsáveis por semelhante tarefa não estão alheios. Não é assim que as coisas funcionam por aqui...
- Reconheço que me precipitei e fui imprudente, mas não resisti... Vieram-me à mente tristes recordações. Você sabe, Odilon: lidei com muita gente drogada no Sanatório e raramente, conseguíamos obter êxito em seu tratamento. Quantos jovens perdemos? Quantos não cometeram suicídio? E, agora, as drogas têm sido veículo de propagação do vírus HIV... Milhões, no mundo, estão contaminados e, nos próximos anos, deverão deixar o corpo em lastimáveis condições. É um *processo obsessivo* em larga escala, uma calamidade atingindo os Dois Lados da Vida, que, com urgência, precisamos interromper. Sei que isso não justifica o que fiz e admito que extrapolei, mas...
- Compreendo, Inácio, todavia não podemos combater o Mal institucionalizando o próprio Mal. O Bem não é passivo quanto parece ser. A violência que se opõe à violência é sombra mais espessa se sobrepondo à sombra já existente... Carecemos de agir na raiz do problema, que é de ordem transcendente. Ninguém consegue empreender a menor mudança em si mesmo, sem que altere convicções. Vejamos o Cristo na cruz: você acha que o Senhor não teria poderes para mobilizar exércitos de anjos, com a finalidade de libertar-se e reduzir a nada as intenções e propósitos daqueles que lhe desafiaram a autoridade de filho de Deus? "...zombavam e diziam: Salvou os outros; a si mesmo se salve, se é de fato o Cristo de Deus, o escolhido" – Conta-nos Lucas em suas anotações. Ora, o Senhor, que enviara um anjo para libertar Pedro da prisão, segundo narrativa de "Atos dos Apóstolos", cap. 12, VV. 9 A 11, não poderia, Ele mesmo, se o quisesse, subtrair-se àquela inesquecível ignomínia no Calvário? Na construção do Reino de Deus entre os homens, carecemos de abdicar de todo tipo de ação que nos seja inspirada pela força. ?Apenas o Bem é para sempre! O que se estabelece através da coerção não conta com o aval das Leis Divinas.
- Concordo, Odilon, e repito: reconheço que, muitas vezes, meu lado humano ainda fala mais alto... Sei que precisamos transformar

penitenciárias em escolas e que não há nenhum método pedagógico que supere o do Amor, que, obviamente, inclui o Perdão e todas as demais virtudes nas quais, pessoalmente, necessito me exercitar, mas, não raro, a vitória dos ideais que defendemos me parece tão distante!...
- Se o Senhor tem nos esperado há séculos, por que não podemos esperar uns pelos outros, um tanto mais? – inquiriu-me o companheiro, com sabedoria.

Concedendo-me diminuto intervalo para reflexão, o Mentor continuou:
- Imaginemos que, para coibir o crime, a pena de morte fosse institucionalizada contra o criminoso... O que lograríamos, a não ser adiar, indefinidamente, a solução do problema que diz respeito à educação do espírito? ?Equivocam-se os que pensam que a pena de morte possa sanear a sociedade dos seus elementos de perversão... Deste Outro Lado, os espíritos inclinados à marginalidade não se emendam, pelo simples fato de terem deixado o corpo: o problema apenas se transfere de plano existencial e os homens confessam sua incapacidade de gerir as questões sociais que lhes estão afetas. Sem que as criaturas humanas se eduquem, não teremos espíritos educados sobre a Terra. O trabalho não pode ser unilateral... Nós, os companheiros desencarnados compromissados com a obra de educação do Evangelho, não podemos tudo. Não detemos o controle da reencarnação das entidade que, na maioria das vezes, retornam ao Orbe na mesma condição em que dele se sentiram constrangidas a se ausentar. Seria ótimo, como já o admitimos em outras oportunidades, que o simples fato de *morrer* nos equacionasse dificuldades de ordem íntima, isentando-nos do esforço de renovação, pois, assim, tudo estaria resolvido. A realidade, porém, é bem outra...
- Você está certo, Odilon – aparteei, no anseio de melhor explicar-me ao amigo -, e, uma vez mais, peço-lhe desculpas se agi impensadamente. Não voltará a acontecer – pelo menos, sinceramente, é o que espero. Sempre fui avesso a excessos de burocracia e tinha esperança de que a Polícia de além-túmulo fosse mais determinada, no combate ao crime.
- E o é, Inácio! Não tenha qualquer dúvida a respeito. Evidentemente que ainda não estamos de todo livres da corrupção, que só desaparece |à medida que ascendemos. No entanto em diversas Colônias Espirituais – falando em termos de Brasil -, os nossos policiais passam por um rigoroso processo de triagem e, nesse sentido, o currículo que trazem do mundo elevado em consideração. Temos, igualmente por aqui, diversas penitenciárias de segurança máxima, onde centenas de espíritos se encontram retidos, a fim de que não reencarnem levando maiores complicações para a Terra; todavia nem tudo está sob controle: muitos bandos se organizam nas regiões das Trevas, onde se aquartelam e continuam a manter com os encarnados estreito vínculo psíquico, reencarnando à revelia... É um verdadeiro círculo vicioso, o qual apenas com a conscientização dos nossos irmãos na carne conseguiremos quebrar. Fala-se muito no chamado “expurgo planetário”, que, gradativamente vem ocorrendo, mas, a rigor, se fossem expurgados da Terra e de suas imediações

todos os espíritos recalcitrantes, teríamos também que pegar a nossa mochila e partir, você não acha? A população do Planeta decresceria vertiginosamente e, uma vez mais, o problema tão-somente se transferiria de domicílio... Por esse motivo e outros mais, nós, os espíritas, devemos nos empenhar na tarefa de esclarecimento do povo, a começar por nós mesmos. Na verdade, o delinqüente, seja qual for o crime que tenha cometido, deve ser sentenciado a estudar e a trabalhar!
- As leis do Judiciário carecem de ser revistas...
- As leis e os *fazedores de leis*, Inácio! – Falou Odilon com firmeza. – É difícil tal confissão, mas precisamos dizer aos nossos irmãos encarnados, que todos se habituaram a esperar de nós, que, sozinhos não daremos conta da tarefa. Os espíritos das Trevas andam insinuando por aí – e muitos companheiros lhe têm assimilado o pensamento – que a obra de assistência é pertinente ao governo... Os grupos espíritas não podem se acomodar e os nossos confrades necessitam de retomar o idealismo dos pioneiros da Doutrina: precisamos, sim, de mais escola, mais creches, mais cursos profissionalizantes, mais orientação espiritual, mais solidariedade, enfim, de mais aplicação do Evangelho. Os centros espíritas não podem se intimidar diante dos obstáculos. O exercício legítimo da mediunidade é o da prática do bem aos semelhantes. Sem dúvida, que é de grande relevância a preocupação com a desobsessão relacionada aos desencarnados, mas não se pode olvidar o auxílio espiritual imediato aos que morejam no corpo físico. Quando todos se sentirem responsáveis e se engajarem, o panorama sócio-espiritual começará efetivamente a ser mudado.
- De certa forma, lidar com os desencarnados é cômodo: os médiuns pouco transpiram...
- E pode não deixar de ser uma espécie de alienação... As ditas sessões de desobsessão são de fundamental importância, para os médiuns quanto para os espíritos, mas os encarnados necessitam se preocupar mais com os encarnados do que com os desencarnados...

Como sempre, o diálogo com Odilon me descerrara nova perspectivas. A sábia palavra do Instrutor, além de me advertir, me re-orientava o esforço em meus novos caminhos.
- Então, você não está aborrecido comigo? – Tornei a perguntar.
- Ora, Inácio – respondeu-me com intimidade -, eu jamais me aborreceria com você. Afinal, o seu coração não tem tamanho!... Sei que você sempre age levado pelo impulso de ajudar.
- No meu caso, Odilon, a emoção vem primeiro e a razão depois... Por esse motivo, não hesitei em incendiar aquele lugar e...
- Já sei: às vezes, se arrepende; às vezes, não...
- É!... Senti desapontá-los e interferir nos planos de Elpídio; quanto ao resto... "Sodoma e Gomorra"! – Não tem cabimento! Você viu a situação daqueles jovens?...
- Vi, Inácio, e, sinceramente, desejei que aquelas cenas não fossem reais...
- Pelo menos, agora, levarão um bom tempo para reconstruir tudo aquilo! Os jovens se dispersaram, e quem sabe alguns deles tomem um rumo diferente.
- Pode ser, pode ser!...

CAPÍTULO 36

Precisávamos cuidar do caso de Flávio, o serial-killer que permanecia sob os nossos cuidados, no hospital para que fora transferido por intercessão de companheiros que se interessavam pelo seu destino. Desde que se internara conosco, submetia-se a intensivo tratamento, alternando, porém, estados de pequena melhora com terríveis crises de identidade. Coisa curiosa: entidades que não víamos e vozes que não ouvíamos o atormentavam com freqüência, qual se fizessem parte de uma "dimensão espiritual" paralela, inacessível às nossas percepções. O caso de Flávio era, sim, um caso de obsessão, agravado por uma patologia mental, oriunda de traumas e agressões que sofrera desde a infância. Um espírito com problemas tão complexos não se reergueria sem o concurso da Intervenção Divina.

- Com sua permissão – disse-me Odilon, que prometera auxiliar-me - , creio que seja chegado o momento de dedicarmos maior atenção a nosso irmão, que necessita ser encaminhado à bênção do esquecimento... Fora do corpo, Flávio não conseguirá o desligamento psíquico indispensável ao seu processo de reajuste. Teremos que decidir por ele, de vez que não se encontra em condições de discernir.

- E se o deixássemos por mais tempo conosco?

- Infelizmente, a patologia de que padece se cronificou e, ainda que se demorasse no tratamento que lhe vem sendo dispensado no hospital, o seu estado íntimo pouco se alteraria. Em determinadas circunstâncias, Inácio, a reencarnação funciona como uma espécie de "unidade de tratamento intensivo" – de **UTI** especializada para o espírito doente. Mesmo que quiséssemos, Flávio não teria condições de renascer num corpo saudável: o seu desequilíbrio, afetando os centros cerebrais de comando, comunicasse ao organismo espiritual, que, conforme sabemos, é a *matriz* do corpo físico... Precisamos estudar o assunto, de vez que não nos compete impor semelhante provação a quem quer que seja. Por esse motivo, devemos ir à Terra, sem levá-lo conosco, analisando possibilidades *in loco*...

- Escolhendo os seus futuros genitores? – Perguntei.

- Seria mais acertado dizer: aqueles que lhe fornecerão material genético "adequado", pois, ao verem o filho que geraram, muito provavelmente irão abandoná-lo nascituro...

- E se, porventura, um casal harmonizado se dispusesse a recebê-lo? Não teria ele a chance de reencarnar em situação física e mental mais favorável?...

- Não, e, convenhamos, seria o mesmo que colocar uma arma nas mãos de quem revela tendência para o crime. A matéria, Inácio, conforme estamos esclarecidos, não organiza: é organizada! O estado mental de Flávio, que, neste sentido, é dono de relativo poder, desenvolvido às custas das tramas que urdia contra as suas vítimas e não para deixar pistas à polícia, acabaria prevalecendo e, inevitavelmente, refletiria o próprio desequilíbrio. E, depois, a fim de que comece a despertar sentimentos de fraternidade, adormecidos, há tanto tempo, Flávio necessita de experimentar o

amor desinteressado, através das mãos caridosas que haverão de recolhê-lo na sarjeta...
- Viverá longo tempo entre os homens? – Indaguei, almejando mais amplos esclarecimentos.
- Faremos o possível para que sim, todavia não nos esqueçamos de que, para o seu espírito, o futuro renascimento se tratará do primeiro estágio de uma série de outras tantas. Feridas profundas não cicatrizam de improviso: os tecidos lesados se reconstituem com lentidão... A duração de sua permanência no corpo dependerá dos cuidados que receba, de vez que, com o sistema imunológico afetado, será uma criança de saúde débil. Haveremos de nos esforçar para que, pelo menos, atinja uma faixa etária que lhe enseje reflexões, sementes de novas idéias que germinarão mais tarde!
- E quanto às sua inúmeras vítimas?
- A pergunta é interessante. As que se revelarem capazes de esquecer e perdoar não estacionarão no tempo e, do ponto de vista cármico, não se vincularão a ele, seguindo adiante. Quando nos liberamos dos credores insolventes, transferimos as dívidas contraídas para conosco à Economia da Vida, que se encarregará de recebê-las com os acréscimos de praxe. Muitas vezes, a insistência em receber dos outros o que nos é devido se nos transforma em obsessão, ocasionando-nos prejuízo moral de considerável monta. Por essa razão, devedores que somos uns dos outros, deveríamos aprender a ser mais condescendentes, de vez, repito, que, excessivamente preocupados no que fomos lesados por este ou por aquele, deixamos de efetuar transações que nos proporcionariam dividendos espirituais que compensassem todo e qualquer suposto prejuízo.

E prosseguiu, explicando com admirável lucidez:
- Aqueles credores, no entanto, que não forem capazes de abrir mão do que, por direito, lhes cabe, terão de esperar, correndo risco de, intolerantes, se complicarem, como, por exemplo, acontece a quem agride quem não lhe pode pagar de imediato. O nosso Flávio tão cedo não estará em condições de ressarcir os débitos cármicos contraídos, para que isso fique bem claro – o mal que sofremos em conseqüência do mau praticado não vale pelo bem que nos compete fazer!

A dor é o resultado de uma ação desencadeada, e uma coisa é sofrê-la pelo que fizemos de negativo e outra, pela oposição ao que deliberamos fazer de positivo: em alguns – na maioria – a dor é conseqüência do que se é; em outros, do que se pretende ser... Existe enorme diferença entre o que sofre rolando abismo abaixo e o que sofre escalando a montanha! Um verte lágrimas na direção das sombras e outro transpira almejando a luz!...j
- Mas, por que - interroguei ao Mentor – certos credores terão que esperar?...
- Porque o nosso irmão, em menos de 100, 200 anos ou mais, não estará em condições de lhes restituir o que deve, e não adianta pressioná-lo.

- 100, 200 anos ou mais?! – Exclamei. – Melhor, então, que esqueçamos...
- Melhor seria, Inácio, que sequer tivéssemos relacionado em alguma lista um nome de quem algo nos deve... A Vida sempre nos repassa o que nos pertence. Desculpe-me, não sou economista e, portanto, não disponho de terminologia adequada para ilustrar o assunto, mas, além dos nossos débitos individuais, temos os de natureza coletiva. Em geral, pensamos no que devemos a este ou àquele e nos supomos quites quando nos é dado saldar o compromisso, olvidando as conseqüências do débito para os que, indiretamente, foram prejudicados por nós!
- Raciocinando assim, pela Lei do Carma, qualquer dívida é quase impagável!...
- Depois de acertarmos as contas uns com os outros, ainda estaremos devendo a Deus! Inácio, o ódio de quem se supõe credor supera a ação negativa de quem se lhe tornou devedor...
- E, então, de credores, passamos...
- ...A devedores! O perdão é uma questão de inteligência. Quem não perdoa perde tempo e oportunidade. O mal de que alguém se nos faça instrumento pode nos causar maior mal do que era a intenção de quem nô-lo fez. Quando o *mal de fora* estimula o *mal de dentro*, torna-se difícil avaliá-lo em todas as suas implicações: um simples graveto pode reacender a fogueira... Às vezes, o que aguardamos é apenas ensejo de nos mostrarmos como realmente somos. Independente, pois, do tamanho e da gravidade da ofensa, quem não perdoa é porque não possui compreensão suficiente para fazê-lo. É diante do revés que nos expomos em nossa intimidade.
- Jesus nos recomendou oferecer a outra face...
- O revide jamais se justifica, pois revidar, tomando a justiça nas mãos, é também se comprometer.
- O mal, no entanto, não pode correr solto pelo mundo...
- É evidente que não e, por esse motivo, enquanto o mal não desaparecer da face da Terra, os maus se encarregarão de punirem-se mutuamente. Para coibir o avanço do mal, bastar-se-ia incentivar o bem. |Prefere-se, no entanto, mediadas de força, ao invés de providências pedagógicas. O mal existente no mundo é resultado a indiferença social; na maioria das pessoas, o idealismo é apenas aparente... Com raríssimas exceções,- e louvado seja Deus, porque elas existem! -, Quase ninguém está verdadeiramente preocupado com o bem-estar dos semelhantes.

Por mais dialogássemos, não esgotaríamos, em rápidas palavras, a assunto tão transcendente. As considerações do Mentor eram simples convites à meditação, evidentemente comportando outras e, talvez, mais profundas abordagens. No entanto, eu me dera por satisfeito, compreendendo que, de fato, sob o aspecto espiritual, não vale a pena considerar credor de ninguém;; antes, embora nos sentindo prejudicados neste ou aquele ponto, que adotássemos sempre a postura de quem se sente mais necessitado de perdoar do que de ser perdoado.

E eu que, no *arquivo vivo* da memória, tinha uma pequena lista de nomes e fatos relacionados, à espera de apresentá-los a fim de ser

ressarcido por quem de direito, no que me sentira lesado, de repente me vi completamente desprovido de razão e o que, para mim, era saldo positivo passou a ser negativo, ou seja, eu estava operando “no vermelho”!... Era no que dava conversar muito com um espírito da estatura de Odilon! A minha conta cármica pessoal a favor estava zerada: ninguém nada mais me devia e eu passara a dever a todos! E, assim, sem nenhuma “reserva” ou “esperança”, não me sobrava alternativa, a não ser trabalhar para que, pelo menos, não me faltasse o pão de cada dia...

CAPÍTULO 37

Acompanhando Odilon, fui até a periferia de uma grande cidade e, juntos, estudamos a possibilidade de que Flávio renascesse filho de um casal que se dispusesse a colaborar em seu reerguimento espiritual. Confesso-lhes que, em quase todas as casas visitadas por nós, nos deparamos com espíritos "de plantão", entidades que, de uma forma ou de outra, se encontravam ligadas carmicamente aos moradores, à espera da oportunidade que preiteávamos para o companheiro doente que havíamos tomado sob a nossa tutela. De alguns casebres, chegamos mesmo quase a ser expulsos, quando seus "habitantes" desencarnados desconfiavam do propósito que nos levara às favelas que percorríamos; vários espíritos já se encontravam a postos, aguardando ocasião para a retomada do corpo físico, sendo que muitos – com certeza, a maioria -, comportavam-se de maneira inconsciente, como se, estranhamente, fossem conduzidos pelo *hábito de renascer*, sem atinar com o real significado do ato em si.

Rotulados de "intrusos" – repetimos -, muitos se mostravam hostis à nossa presença; aquelas entidades, estreitamente ligadas ao psiquismo dos irmãos que residiam nos lares que visitávamos, assemelhavam-se a "posseiros" que reclamavam, digamos, por *direito adquirido*, a *propriedade* ocupada. – "Fora daqui! – gritavam, a nos enxotar". – A região nos pertence e nada conseguirão... Tentem lá embaixo, nos prédios..."

Creio, sinceramente, que elas supunham que eu e Odilon é que estávamos à procura de alguém que nos oferecesse a almejada chance de reencarnar.

Pasmem comigo os prezados leitores, mas o fato é que, em determinado local, fomos abordados por um homem alto, de chapéu na cabeça e surrado sobretudo, que, aproximando-se, puxou conversa e quis *negociar* – isto é mesmo que vocês estão lendo – quis negociar a nossa reencarnação, dizendo-nos:
- Posso conseguir para vocês o que pretendem... Conheço toda gente que mora nas imediações e, talvez, se fizerem questão os dois poderão ir juntos... O meu preço é razoável: se puderem pagar e não for exigentes em demasia... Hoje, com a disseminação do hábito de beber e do uso de drogas por parte dos jovens, *coisas assim* ficaram mais fáceis de se obter. O que vocês têm para me dar em troca? Deixarão para trás algum bem que lhes pertença?

Como se aquilo para ele fosse um acontecimento natural, Odilon desconversou:
- Não, meu amigo, agradeço, mas não é o que estamos necessitando no momento...

Todavia o desconhecido insistiu:

- Não se preocupem; o negócio é sigiloso... Quem sabe, estejam fugindo de credores implacáveis... Se fecharmos acordo, eu nunca os vi e nada sei do paradeiro de vocês. Tudo vai depender do que tenham para me oferecer. Conheço um casal de adolescentes que está praticamente *pronto*: ambos são saudáveis e de boa família... Eu sei como precipitar as coisas... É pegar ou largar, antes que outros se adiantem! Vocês têm alguma preferência? Sexo e cor, por exemplo? Se não tiverem, melhor ainda; se tiverem, custará mais caro, pois, no que se refere a sexo, terei que repassar o serviço...

Meu Deus, aquilo era um absurdo! Eu não queria crer no que estava ouvindo e, mais uma vez, pus-me a pensar no que os nossos irmãos encarnados pensariam a respeito.
- Não, me amigo – respondeu o Mentor pela segunda vez -, agora não é esta a nossa intenção; mais tarde, se for o caso, já sabemos a quem procurar...
- Vocês não sabem o que estão perdendo – tornou a entidade, que não desistia com facilidade. – Do jeito que tudo anda por aqui, a Terra ainda é o melhor lugar... Proposta como a minha, vocês não encontrarão... Podem confiar. Se desejarem, posso levá-los aos três últimos com os quais negociei: estão três crianças lindas, com saúde e bem cuidadas... Breve, breve, estarão desfrutando das delícias da vida! Sem intermediário, vocês não conseguirão o que pretendem, pois todo mundo está ocupado e *lá embaixo* é pior ainda. Talvez seja mais fácil encontrar melhores pais aqui do que lá!... Vocês me parecem saber o que eu estou dizendo...
- Meu amigo – disse-lhe com o intuito de que nos deixasse em paz -, você já ouviu "não" duas vezes... Por favor, não insista. Você não me parece um sujeito assim tão esperto... Porventura, sabe quem somos? E se nós o denunciarmos?...
- Não, Não, por favor... Eu só queria ajudar. Se me denunciarem, eu nego...
- Então, por favor, se afaste, pois, caso contrário, o tiro pode sair pela culatra...
- Como assim?
- Nós também temos meios – blefei – de fazer você retornar ao corpo rapidinho, sem chance de escolher...

Com certeza, me supondo um louco ou, no mínimo, alguém com ligações perigosas, o homem, mesmo assim, nos afrontando, tirou o chapéu da cabeça, cumprimentou-nos e saiu.
- Meu caro, eu estou bestificado! – Exclamei, recorrendo às ponderações do amigo. – Negociar reencarnação!
- Inácio, qual é o motivo de tanta surpresa?... Na Terra negocia-se de tudo: órgãos, crianças, cadáveres...

Enquanto falávamos, escutamos tiros e vimos policiais se movimentando em patrulha. Entrincheirados num barraco, seis homens resistiam, respondendo a bala ao cerco policial.
- Está escurecendo... Se conseguirmos mantê-los afastados até que anoiteça de todo, fugiremos; amanhã, eles nos pagam: desceremos o morro e aprontaremos... Antes, vamos acabar com o "Oncinha": foi

ele quem nos denunciou – comentou um deles, com um projétil cravado no ombro...
- Incendiaremos ônibus, carros e dispararemos sobre o *campus* universitário: morra quem tiver que morrer... Safados! Com certeza, estão querendo mais dinheiro... O "Oncinha" quer reinar sozinho e ouvi dizer que ele está entrosado com gente graduada... Eles sentirão na pelo a nossa força. Acho que acertei um deles na cabeça: escutei quando o cara gritou e caiu no meio de umas bananeiras – falava um outro que, na minha opinião, não teria mais que vinte anos de idade.

Devagar, os tiros foram cessando e, com o cair da noite, os policiais deliberaram retroceder, pois, em verdade, seria suicídio avançar; o bando em perseguição conhecia o terreno como a palma da mão e seriam acobertados pelos comparsas...

Não muito distante dali, vimos um barraco mal-iluminado, que, no entanto, irradiava uma atmosfera de paz. Com discreto aceno, Odilon convidou-me para que nos aproximasse. Lá dentro, de joelhos diante da imagem de uma santa – quero crer que de Nossa Senhora Aparecida – uma mulher orava de mãos postas, intercedendo por duas crianças que ressonavam num berço:
- Abençoada Mãe do Céu, protegei os meus netinhos... Livrai-os do mal que, a cada dia, nos espreita! Que eles posam crescer e ser honestos; que consigam estudar e ter uma vida diferente do pai deles, meu filho, que não sei dizer se está vivo ou se está morto... Eles foram, Senhora, abandonados pela mãe, que fugiu com uma outra pessoa... Coitadinhos! Tão pequeninos e já tão sofredores!... Que, pelo menos, eu tenha vida para encaminhá-los... Sou viúva, pobre e luto com muita dificuldade. Concedei-me, ó Mãe do Céu, as forças de que necessito para continuar lavando essas malas de roupa que nos garantem o arroz e o feijão... Daí juízo, Senhora, a tantos jovens que são motivo de tristeza para os seus pais! Ainda ontem, morreu o filho de Dona Augusta, que é nossa vizinha: eu vi aquele menino nascer!... Catorze anos de idade apenas e recebeu quatro tiros no peito... Na semana passada, foi o Joaquim, filho de D. Mair... Era ele que cuidava da mãe, paralítica na cama, por causa de um derrame cerebral; os traficantes suspeitaram dele e o mataram a pauladas... Como há de ser agora, ó Bondosa Mãe?!...

Aquela senhora sofrida de quase setenta anos de idade, embora aparentando mais, continuava pedindo com um terço entre as mãos, que ia desfiando entre lágrimas que lhe vertiam dos olhos:
- Mãe do Céu, Nossa Senhora, Mãe de Jesus Cristo e de todos nós, valei-nos! Ponde um fim à violência que se espalha no mundo... Tocai o coração de todos os governantes... Misericórdia e amor! Perdão e caridade!... O homem, Senhora, está perdendo o temor de Deus! Auxiliai-nos!... Que as drogas jamais cheguem perto dos meus netinhos... Se for para que seja assim, que Deus me leve antes!...

Eu estava consternado. Olhei para dentro daquela casa e constatei a pobreza de seus dois únicos cômodos, um banheiro e uma varanda.

Nunca, como naquela hora, eu senti falta de dinheiro no bolso, para, de algum modo, fazer com que ele chegasse às mãos daquela piedosa irmã.
- A caridade nunca sobrecarrega ninguém!... – Disse Odilon, como se estivesse conversando sozinho.
- Como?! – Perguntei, na tentativa de entender o que me parecia sem nexo.
- Nada, Inácio, nada! Pensei em voz alta, como você mesmo o faz tantas vezes!...

Não! Eu conhecia Odilon o suficiente para saber que algo, que ele não quis me comunicar de imediato, estava se passando em sua cabeça. Respeitando-lhe o silêncio, deixamos aquele humilde casebre e não caminhamos mais que vinte metros...

CAPÍTULO 38

Deparamo-nos, em um barraco, com um casal de jovens que, embora estivessem alcoolizados, trocavam juras de amor; ao lado de uma garrafa de água ardente, percebemos dois improvisados cachimbos no chão e uma substância branca, em forma de pequenas pedras, que Odilon esclareceu-me tratar-se de *crack*.
- Amanhã, Lucinha – dizia o rapaz -, planejaremos o assalto a uma agência bancária... Para fazer parte do bando, necessito apenas de conseguir uma arma. O "Fuleiro" prometeu me emprestar o seu "38"... Teremos muito dinheiro e sairemos daqui; quero, na sua companhia, ser pai de muitos filhos... Eu não entendo por que você ainda não engravidou de mim; estamos juntos há mais de um ano!...
- Ora, Veloz – respondia a moça com dificuldade -, você sabe que o médico falou que eu tenho aquele problema... Como é que se chama mesmo? Cisto...
- Cisto no ovário!...
- É, e por esse motivo eu não engravidaria fácil... Tenha paciência. Continuaremos tentando... E, depois, eu tenho medo que você morra ou seja preso. O que eu faria sozinha com um filho seu? O "fuleiro" é malandro; fala em lhe emprestar a arma, mas não vai deixar isso barato...
- Mas o nosso barraco está caindo: se tornar a chover forte, era uma vez... Aquele cara que morava aqui não cuidava de nada. Você se lembra dele – o "Baixinho"? Morreu numa briga com o cara de confiança do "Oncinha"; dizem que foi executado sem a menor chance...

E, estendendo o copo vazio, solicitou:
- Ponha mais um pouco de pinga e acende o cachimbo, minha "gata"... Trate bem o seu marido!
- Veloz, antes de sair amanhã, veja se você consegue algo para comer... Desde ontem, estou com fome e me sinto muito fraca...
- Está bem, está bem, você está com olheiras mesmo... Irei à mercearia e tentarei comprar alguma coisa na *lábia*; se o assalto der certo, sairemos da miséria... Mais alguns dias e tudo se ajeitará; nunca mais fumaremos *crack*: poderemos comprar coca da melhor qualidade...

Deitados no chão, forrado com folha de jornal e alguns trapos, os dois terminaram por adormecer, completamente embriagados.
- Precisamos nos apressar – disse Odilon, olhando-me significativamente.

Compreendo o que, sem palavras, ele sumariava, retruquei:
- Mas aqui?!... Não existe a menor condição...

Ambos estão subnutridos e as possibilidades são mínimas. A jovem ainda alega ser portadora de um cisto ovariano, o que, sem dúvida, dificultará a gravidez.

- Temos meios de contornar o problema, Inácio. Não se preocupe. O cenário é ideal para que Flávio retome o corpo com discrição; os seus inimigos não o encontrarão com facilidade e, caso possam identificá-lo, o tempo já terá passado... Voltemos ao hospital e tragamo-lo conosco.]Se tudo correr como penso, de manhã poderemos dar início ao seu processo reencarnatório.

Sem maiores delongas, empreendemos a viagem de volta e, assim que chegamos, fomos direto ao quarto onde ao *serial killer* permanecia isolado no hospital.
- Como está ele? – Perguntou Odilon a Manoel Roberto.
- Em sono profundo, entrecortado de pesadelos... Todavia ainda apresenta algumas deformações no corpo espiritual: as pernas e os braços não voltaram ao tamanho normal, o rosto com vários edemas e os sentidos da visão e da audição se encontram parcialmente obstruídos...
- Prepare-o, Manoel – pediu o Instrutor -; partiremos dentro de instantes... Se nos atrasarmos, talvez percamos a oportunidade. São muitos os espíritos que se encontram vagando na superfície da Crosta, à espera de um corpo...

Enquanto preparativos eram ultimados, entrei a dialogar com o amigo que me parecia determinado.
- Odilon – desculpe-me interpelá-lo -, mas as chances de que aquela moça aborte são enormes... Não seria prudente que pesquisássemos um pouco mais?
- Será uma gravidez de risco, Inácio, mas ela não abortará; providenciaremos para que, pelo menos, não lhe falte o mínimo necessário no período da gestação...
- Flávio, porém, se encontra com o corpo espiritual em lastimável estado. Sinceramente, temo pelo sucesso do que está sendo planejado. Ao que me parece, ele não passará de uma massa disforme à guisa de corpo humano...
- Não demos excessiva importância à forma, que por mais primorosa, é sempre transitória. Ele terá o corpo de que precisa para que se reumanize, do ponto de vista mental. Os seus pensamentos é que necessitam se reordenar e os seus sentimentos se reequilibrarem.
- Pronto, Dr. Odilon!! – Informara Manoel Roberto.
- Como ele reagiu?
- Não abre os olhos e não se mexe, mas está tentando falar, como quem deseja se defender de um perigo iminente.
- De uma bênção iminente!

Flávio, semi-enfaixado, parece uma criança no braço, que houvera sido vítima de muitas queimaduras. Apenas o rosto, apesar dos edemas, conservava certas características de adulto.
- Tome-o, Inácio, em seus braços – disse-me Odilon. – Caberá a você transportá-lo e acomodá-lo no claustro materno...
- A mim?...
- Sim, a você, meu amigo, que, em nome do amor que nos devemos uns aos outros, se dispôs a tutelá-lo nesta casa.

Todavia, quando o tomei nos braços e pude senti-lo leve como uma pluma, Flávio começou a se debater e, qual se adivinhasse o que o aguardava, rogava com dificuldade:
- Não, Não, por piedade... Deixem-me! Socorro!... Deixe-me ficar! Eu não quero... Eu não consigo sentir o meu corpo... Onde estão as minhas pernas e os meus braços?... Socorro! Estou prestes a cair... Não, não, eu não quero esquecer!... Tenho medo... Não me enganem assim! Para onde estou sendo conduzido!...

Pousando-lhe a destra na fronte, o Benfeitor procurou tranqüilizá-lo:
- Tenha confiança, meu filho! A Misericórdia Divina não nos desampara... Você não será abandonado. Mantenha-se calmo e entregue-se nas Mãos de Deus. O tempo todo, haverá que cuide de você... Duas grossas lágrimas rolaram sobre aquele rosto macilento e, de minha parte, sem saber o que fazer para melhor colaborar, depositei em sua fronte suarenta o meu ósculo paternal. De imediato, Flávio foi se asserenando e pude perceber que o que restara do seu corpo se relaxava em meus braços...
- Vamos, Inácio! – Concitou-me Odilon. – Não temos tempo a perder... Dentro em pouco, o dia estará clareando e, ao despertar com o sol a pino, antes de se encontrar com os demais integrantes do bando, para planejar o assalto em perspectiva, Veloz se despedirá de Lucinha... O momento então, nos será propício.

Não tivemos que esperar muito. Curtindo tremenda ressaca, o casal se despiu dos trajes mais íntimos e, com certeza, o resto dos nossos irmãos nos dispensarão de relatar. Digo-lhes somente que fiquei sem entender quando, após terem atingido o orgasmo, Flávio foi praticamente sugado dos meus braços e, como se o perispírito ainda mais se lhe restringisse, atravessando a barreira das dimensões diferentes, encolheu-se feito um filhote de pássaro no ninho...

Deixando Lucinha dormindo ao lado de Flávio, que, praticamente, se lhe colara ao corpo a semelhança de parasita frágil ao tronco de uma árvore igualmente debilitada, Veloz, ainda algo cambaleante, se dirigiu à próxima mercearia na favela e convenceu o dono a lhe vender pequena caixa com mantimentos, prometendo pagamento para a semana seguinte.

Quando o relógio assinalava mais de meio-dia, a humilde lavadeira que havíamos assistido orar, pedindo intercessão pelas duas crianças sob os seus cuidados de avó, adentrou o casebre em ruínas e tentou despertar a jovem, que não conseguia se levantar.
- Lucinha, minha filha, acorde, acorde! – Chamou ela, pesarosa de ver a moça naquela situação. – Você não pode continuar assim... Levante-se, tome um banho e venha à minha casa comer alguma coisa. Isso é suicídio, minha filha! Para onde foi o Veloz?...

Com a cabeça rodopiando de tanto álcool e droga, a jovem, que sequer suspeitara que estava grávida, respondeu:

- Dona Maria das Dores!... Desculpe-me recebê-la assim... Por favor, ajude-me a vestir-me... Ai, como me dói a cabeça! Estou com enjôo e creio que vou vomitar...
- Vomitar o que, minha filha, se você não pôs nada no estômago... Vocês dois esvaziaram um litro de pinga... Não é possível! Quantas pedras de *crack consumiram?*
- Duas ou três, não sei – respondeu Lucinha, que vomitou um líquido amarelo e teve súbita queda de pressão, quase chegando a desfalecer.
- Inácio, depressa! – Solicitou-me Odilon. – Concentremo-nos na região dos plexos esplênico e solar, na indispensável doação de energia...

Enquanto D. Maria das Dores providenciava um copo dágua para a jovem, que se prostrara, Odilon e eu nos desdobramos, impondo-lhe as mãos sobre o tórax e o ventre, no intuito de proteger o óvulo já fecundado e o espírito reencarnante, que experimentava os seus primeiros abalos em contato com a matéria.

CAPÍTULO 39

Com dificuldade, Lucinha recuperou-se e amparada pela devotada senhora que a assistia, caminhou até ao humilde casebre de D. Maria das Dores, acomodando-se em seu leito, enquanto reconfortante caldo lhe era preparado.
- Minha filha – aconselhava a bondosa vizinha, preocupada -, você e o Veloz devem abandonar a vida que estão levando: Não há organismo que agüente... Vocês são ainda tão jovens! Desculpe-me, mas eu os considero como se fossem meus filhos... A mãe de Veloz era minha comadre; eu sei que ele anda envolvido com gente ligada ao tráfico de drogas...

E profetizou:
- A qualquer hora, receberemos uma notícia triste... Por que vocês dois não se mudam daqui? Não pensam em ter filhos? Como haverão de criá-los desse jeito?...

A jovem ainda em estado de semiconsciência, mal conseguia responder às ponderações ouvidas...
- A senhora tem razão, mas, primeiro, o Veloz quer arrumar algum dinheiro... Estou me sentindo estranha e não sei o que é; tive a impressão de que uma sombra dentro de mim... Se, pelo menos, eu engravidasse!

Trazendo-lhe o prato fumegante e auxiliando Lucinha a tomar as primeiras colheradas do escaldado, a robusta anciã prosseguia:
- Quantas crianças, minha filha, que nasceram aqui no morro pelas minhas mãos já foram mortas! Ainda ontem, na oração da noite, eu estava me lembrando de alguns deles... Estou com um pressentimento ruim... Na minha opinião, vocês devem sair daqui.

Não conseguindo esvaziar todo o prato, a moça se explicava:
- Estou completamente sem apetite e, hoje, mais que nos outros dias, com uma ressaca muito maior... Esses enjôos que não passam!

Odilon e eu permanecíamos de prontidão para qualquer eventualidade. Estirada na cama, Lucinha por várias vezes, havia tentado se colocar de pé, sem lograr êxito. Apenas, quando já era noite, tomou um banho rápido e voltou a se deitar, dividindo o leito com D. Maria das Dores.
- Estou preocupada – Dizia -; nem notícia do Veloz... O que será que houve?
- Ele deve ter se metido em alguma encrenca...
- O "Fuleiro" ia lhe emprestar um "38"...
- Um "38"?!... Para quê?...
- Estavam planejando um assalto...
- Lucinha!
- O que eu posso fazer? A vida da gente é essa...
- A gente tem a vida que escolhe ter, minha filha!

Vencidas, respectivamente, pelo cansaço oriundo do trabalho honesto e pela debilidade física, ambas adormeceram lado a lado e, de certa forma, sob as emanações do corpo de D.Maria das Dores, o espírito Flávio se sentia como alguém que, padecendo frio intenso, de repente encontrasse aconchegante abrigo.

Foi de madrugada, o dia quase amanhecendo, quando um rapaz, aparentando não mais que 16, 17 anos de idade, bateu com insistência à porta do barraco e informou sem rodeios:
- O "Fuleiro" e o Veloz foram mortos... Confrontaram-se com o bando do "Oncinha" e não tiveram escapatória. Eu mesmo vi os dois sendo metralhados; a polícia foi avisada e ninguém teve coragem de dizer que os conhecia... A morte daquele jornalista da "Globo" alvoroçou todo o mundo: muita gente que nada tem a haver está sendo presa e interrogada...

Enquanto Lucinha prorrompia em soluços, ante os olhares assustados dos dois Dona Maria, que os abraçava, Odilon comentou pesaroso;
- "O calvário" de Flávio teve início: no seu primeiro dia de contato com o novo corpo em formação Já está órfão de pai!...
- Os corpos devem ter sido levados para o *IML* - comentou a senhora, tentando consolar a jovem.
- A senhora irá comigo, a fim de retirarmos o do Veloz?...
- Lucinha, se não houvesse risco para você, eu iria sem nenhum problema, no entanto, minha filha, veja o seu estado: com os braços picados, assim, eles irão retê-la como suspeita... E se ambas formos presas, quem cuidará dos meninos? Deixemos nas Mãos de Deus...
- E agora, o que há de ser de mim? Pergunta a jovem, levando as mãos na cabeça. Fiquei sem ninguém...
- Se você me prometer que não mais usará droga alguma, poderá ficar em minha companhia: eu preciso mesmo de alguém que me auxilie na lavação de roupas... Fome a gente não vai passar! Quem sabe, quando estiver mais forte, poderá arranjar uma colocação de doméstica, não é?

Quase dois meses se passaram do acontecido e, como a menstruação de Lucinha não tinha vindo, orientada por D.Maria das Dores, a jovem deliberou consultar um ginecologista num posto de saúde instalado na favela.
- Um quadro de cisto ovariano pode atrasar mesmo a menstruação – disse o médico -, porém vamos confirmar com o exame de urina, pois, na minha opinião, você está grávida...
- Grávida eu?!
- Tudo indica que sim: o útero se apresenta inchado e não creio que seja cisto; você não está se queixando de nenhuma dor e, depois, esses enjôos...

]Entre apreensiva e esperançosa, sem saber o que pensar daquela situação inesperada, a jovem que enviuvara, retornando à consulta, entregou, trêmula, o resultado do teste de gravidez ao especialista que, então, confirmou o fato:

- A senhora está esperando bebê... Parabéns! Eu vou lhe dar algumas amostras de vitamina, mas eu estou sentindo cheiro de nicotina em seu hálito... Se a senhora continuar fumando e ainda anêmica, para complicar, além de correr o risco de aborto, a criança poderá nascer com malformação..

De nada, porém, lhe valeu a advertência médica. Abstendo-se do uso de "crack" e de outras drogas injetáveis, a moça não conseguia deixar o hábito de fumar e, em conseqüência não se alimentava de maneira conveniente.
- Creio, Inácio – disse-me Odilon, em uma das visitas periódicas que lhes fazíamos -, que essa gravidez não irá além do sétimo mês... O que você acha?
- As condições são completamente anômalas – respondi -; se essa gravidez chegar a termo, possibilitando a sobrevivência... E acrescentei:
- A futura mãe, ao que me parece, já pressentiu que existe algo de errado com o filho que carrega no ventre...
- Você tem razão – concordou o Mentor – e, sem consciência disso, começa a rejeitá-lo... Não fosse o carinho que Dona Maria das Dores lhe dispensa, dizendo, inclusive, que será avó pela terceira vez, creio que não evitaríamos o aborto espontâneo.
- Espontâneo ou provocado? – Indaguei.
- Inconscientemente provocado...

O abdome da gestante não se distenderá muito e ela quase não adquirira peso; o feto mal se mexia e, ao exame de ultra-sonografia, o médico considerara a hipótese de a criança estar com problemas.

O certo é que Lucinha não via a hora de alijar de si aquele fardo. No sexto e no sétimo meses de gestação, Odilon e eu, com o auxílio de outros companheiros, nós revezávamos na indispensável assistência à gestante, que começava a esboçar idéias de fuga.
- Se a criança nascer com qualquer deficiência física ou mental – surpreendemo-la pensando, em diversas ocasiões -, eu não a quero!...
- Um filho é sempre uma bênção de Deus! – falava-lhe Dona Maria, procurando subtraí-la àqueles estados depressivos de que se via acometido. – Devemos receber com alegria tudo que for da vontade de nosso Pai... Nada mais triste do que um filho rejeitado pelos próprios pais!

Durante aqueles sete meses, a jovem sequer fora capaz de organizar o enxoval do seu futuro bebê, deixando tudo por conta de Dona Maria, que se desdobrava para que nenhuma peça de roupa lhe faltasse na hora aprazada.

Naquele início da tarde calorenta, as contrações de Lucinha começaram de súbito e não houve tempo de encaminhá-la ao hospital.

Difícil descrever o que passou naquela casinha singela, quando a venerável parteira acolheu em seus braços aquele menino

completamente deformado!... Ao perceber o que lhe saíra do ventre, a jovem mãe se recusou a olhá-lo e entrou numa espécie de delírio, como se estivesse enlouquecido.
- Minha Nossa Senhora! – exclamou a piedosa velhinha, pondo-se a limpar o recém-nascido, que ao invés de chorar, emitia um estranho grunhido. – Mãe do Céu, dai-nos força e coragem!...

Lucinha, definitivamente não conseguia amamentar a criança e, embora extenuada, tentava se levantar da cama, pronunciando palavras desconexas.

Envolvendo num cobertor o ex-serial-killer, de regresso ao mundo em condições tão adversas, D. Maria das Dores, com sua longa prática de lidar com recém-nascidos que mães não podiam e não queriam amamentar, acomodou-o dentro de uma caixa de papelão e tratou de providenciar para ele, ao redor do fogão, indispensável alimento em mamadeira.

Na madrugada seguinte, enquanto todos dormiam, Lucinha levantou-se cambaleante e, desde então, desapareceu.

CAPÍTULO 40

Adotando o filho de Lucinha e Veloz como seu, Dona Maria das Dores, penalizada da situação do menino, desdobrava-se em cuidados, tudo fazendo para que nada lhe faltasse, atenta ao rumor dos seus gemidos.

A nossa tarefa, com relação a Flávio, estava, assim, parcialmente cumprida. Por quanto tempo permaneceria no corpo, sinceramente não podíamos prever. O certo é que fora dado, com êxito, o primeiro e decisivo passo para que, finalmente, se redimisse, expiando as faltas que se habituara a cometer ao longo de muitas existências. Expiar faltas é força de expressão, pois, em verdade, a reencarnação é um processo de despertar, ou seja, uma viagem de retorno às próprias origens que, gradualmente, o espírito empreende.

"A caridade nunca sobrecarrega ninguém" – dissera Odilon, e, tocados pelo devotamento da humilde lavadeira de roupas da favela, vários moradores começaram a se mobilizar com intuito de auxiliá-la. O caso de "Joãozinho do Caixote" – como Flávio passara a ser conhecido em sua nova existência -, começava a fazer, inclusive, com que muitos companheiros dedicados à prática do bem, residentes em bairros distantes, subissem o morro e passassem a se interessar pelos problemas da comunidade carente. O que, talvez, muitos pudessem interpretar como uma grande desventura estava sendo uma bênção! Indiretamente, o ex-serial-killer passara a ser responsável por inúmeros benefícios que, em particular, as crianças carentes do local recebiam de mãos generosas.

Os netos de D. Maria, a princípio receosos apegaram-se ao garoto e o tratavam como irmão caçula, preservando-se, assim, de envolverem-se com meninos da sua idade que, infelizmente, já se ligavam ao tráfico, utilizados como "aviõezinhos" pelos que viviam do comércio de drogas.

No máximo, "Joãozinho do Caixote", às vezes conseguia esboçar um sorriso ingênuo e estender os braços retorcidos a quem se aproximava para lhe fazer um carinho ou presenteá-lo com um mimo barato.

Quem o visse naquela condição, não imaginaria que o seu corpo disforme abrigasse um espírito de alta periculosidade, que se ensandecera no crime.

Em algumas oportunidades, estivemos com ele, quando, raramente lhe era possível ausentar-se com relativa consciência, durante o sono, da forma física que o retinha; então, Joãozinho voltava a ser Flávio e, reconhecendo-me, pedia:
- Liberta-me, Doutor, da prisão a que fui sentenciado... Ai, como sofro! Quase todo o tempo, permaneço atordoado... Sequer consigo

pensar e saber quem sou! Liberta-me daquela monstruosa "camisa de força", o que me tolhe os movimentos... Que vida miserável é a minha!...
- Tenha paciência, meu filho – dizia, respondendo-lhe as reivindicações -; o tempo passa depressa... Todos, de certa maneira, estamos presos a compromissos expiatórios, que nos regeneram. O essencial não está lhe faltando... Não reclame. Antes, sejamos infinitamente gratos à Misericórdia de Deus!...

Principalmente nos fins de semana, o lar de Dona Maria das Dores se repletava de visitas, que proferiam orações e repartiam lanche com a criançada. Os próprios traficantes como que estabeleceram, sem perceber, uma espécie de cordão de isolamento na região, deixando de molestar os que para lá se dirigiam.
- Que será de Joãozinho quando a sua mãe adotiva vier a desencarnar? – Perguntei a Odilon.
- Deus proverá - respondeu-me convicto. –

Digo-lhe Inácio que nossa irmã, sendo portadora de problemas cardíacos, como, aliás na condição de médico, você não ignora, ganhou novo ânimo com a presença do menino em sua casa... Vejamos como as coisas funcionam: Dona Maria, apesar de sua aparência robusta, talvez não tivesse mais que dois ou três anos de vida no corpo e, ao desencarnar, deixaria os netos sem arrimo... Creio que, agora, ela beirará os oitenta anos de idade, se não os ultrapassar!
- Pelo menos, com as doações que vem recebendo, ela tem se poupado mais e diminuído o seu pesado ritmo de trabalho na lavação de roupas.
- Um simples gesto de bondade pode influenciar a vida de muita gente!
- Que pena, a nossa Lucinha! – Exclamei.
- Ela teve a sua oportunidade e, mais tarde, lamentará não tê-la aproveitado: o seu filho poderia ter mudado o seu destino!... Provavelmente, andará por aí, entre a revolta e o sentimento de culpa...
- É, quem sabe – lamentei -, para entorpecer em si mesmo a voz da consciência, afogando-se no vício...
- É provável e, caso não se cuide, poderá vir a desencarnar antes de Dona Maria e do filho que desprezou. Por esse motivo, Inácio, existem espíritos que praticamente estacionam no tempo, qual se lhes fosse possível fazê-lo voltar; quando alcançam certa lucidez, seja na Terra ou no Mundo Espiritual, recriminam-se pelos seus erros e, enquanto não se quitam o passado, não conseguem avançar na direção do futuro... Chegam então, a implorar aos que naturalmente se lhes fizeram credores uma nova chance de aproximação e convivência, que ficará na dependência de um sen número de circunstâncias e da compreensão daqueles que foram menosprezados.
- Preocupo-me – tornei a insistir – com o amanhã de Joãozinho... Quem cuidará dele no mundo?
- "Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provimentos nos celeiros; e, contudo, vosso Pai Celestial as

sustenta. Porventura, não sois muito mais do que eles? E qual de vós, discorrendo, pode acrescentar um côvado à sua estatura? E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham e nem fiam; digo-vos mais, que nem Salomão em toa a sua glória, se cobriu jamais como um destes. Pois se ao feno do campo, que hoje é, e amanhã é lançado ao forno, Deus veste assim, quanto mais a nós, homens de pouca fé?”

A resposta me deixara ruborizado e sem argumento.
- Inácio – prosseguiu Odilon esclarecendo -, se, porventura, amanhã ou depois, por esse ou aquele motivo, nossa irmã não mais puder tutelar o menino doente ora sobre seus cuidados, veremos quem tomará a iniciativa de se candidatar a semelhante privilégio! O silêncio apelo da vida à consciência da Humanidade!... ?Todos somos chamados à tarefa do amparo; poucos no entanto, os que logramos decifrar a mensagem que a Lei Divina nos transmite em código em favor de nós mesmos. A caridade se faz maior para quem a pratica.

E, me induzindo a mais profundas reflexões, continuou:
- Muitas vezes, somos testados assim em nossa capacidade de amar... Deus sempre coloca em nossos caminhos o que nos pode servir de *instrumento* de elevação, todavia, não raro, o recusamos, porque não nos revelamos capazes de renunciar ao comodismo ou de superar a indiferença. Ansiamos pela angelitude, mas não queremos abrir mão das prerrogativas humanas, procuramos pela luz, mas nos comprazemos nas sombras; almejamos alcançar o topo do monte redentor, onde Jesus nos espera, mas não abandonamos a horizontalidade de nossas aspirações imediatas... Ohomem não necessita de se transferir de domicílio planetário, como se a Terra lhe fosse obstáculo inamovível ao sublime propósito. O orbe terrestre, para o espírito que realmente aspira a redimir-se, transborda de excelente oportunidade! Se ainda é de provas e expiações para a maioria, para aqueles que assim o quiserem, poderá ser definitivo degrau de acesso às REGIÕES que transcendem a ordem hierárquica dos mundos!... O infinitamente pequeno contém o infinitamente grande. Para compreender o universo, a compreensão do átomo é imprescindível. O próximo é a nossa ponte para Deus! O homem não necessita de asas para voar, pois o Criador dotou-o de todos os implementos necessários para que através do pensamento, ele percorra as veredas do SEM-FIM e desvende os mistérios da Criação!

Odilon calara-se. Contrastando com o silêncio reinante na favela, a cidade agitava-se lá embaixo e, ao longe, podíamos avistar a imagem do Cristo Redentor, num apelo que, sem generalizar, os homens não entendiam ou... não queriam entender. Aviões possantes cortavam os céus e automóveis promoviam buzinaços, ante a indiferença de tantos – sem crítica – que se tostavam ao Sol de Copacabana... Por que, sendo destinado a tão glorioso destino, o homem se apequenava tanto? Por que não ousava para além de si mesmo, consumindo o tempo quase sem proveito nas ilusões da vida material? Qual o motivo do apego ao que, inevitavelmente, haveria

de passar – aliás, estava passando a cada segundo? Por que ele não conseguia perceber para onde caminhava, a cada passo?...

Imerso em tais reflexões, eu e Odilon nos afastamos, volitando ao encontro dos deveres inadiáveis que não haveriam de nos aguardar o esforço indefinidamente. Éramos – como o somos – o produto do próprio suor derramado, e cruzar os braços na inatividade significaria não acompanhar a extraordinária dinâmica da Evolução!...